



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

NATASCHA BORBA OLIVEIRA

MÍDIA-EDUCAÇÃO

Uma discussão sobre a abordagem das mídias no contexto escolar

**PORTO ALEGRE
2011**

NATASCHA BORBA OLIVEIRA

MÍDIA-EDUCAÇÃO:

Uma discussão sobre a abordagem das mídias no contexto escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clary Milnitsky Sapiro

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Nísia Martins do Rosário

PORTO ALEGRE
2011



FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública da monografia intitulada **MÍDIA-EDUCAÇÃO: uma discussão sobre a abordagem das mídias no contexto escolar**, de autoria de **Natascha Borba Oliveira**, estudante do curso de Comunicação Social, habilitação **Relações Públicas**, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 21 de Novembro de 2011.

Prof.^a Dr.^a Clary Milnitsky Sapiro
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Nísia Martins do Rosário
Co-orientadora

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Clary Milnitsky Sapiro (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a. Nísia Martins do Rosário (Co-orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a. Rosa Maria Bueno Fischer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a. Helenice Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Aos meus pais, por me ensinarem que o conhecimento
é a única coisa que permanece conosco.*

*A todos que acreditam na educação e
preocupam-se com os jovens.*

AGRADECIMENTOS

AQUELE que propicia a vida e que sempre esteve iluminando o meu caminho.

Aos meus pais André Luiz e Regina, por acreditarem nos meus sonhos, além do amor e apoio incondicional.

Ao meu marido Felipe, pela compreensão durante todo esse ano em que estivemos afastados e principalmente pelo amor.

Aos meus irmãos e à minha família, tanto no Brasil quanto na Austrália, por fazerem parte da minha vida.

À UFRGS e à FABICO, pelos melhores anos de estudo da minha vida.

À minha dedicada professora e amiga Clary, por me propiciar o contato com a área de Psicologia, por ter aceitado o convite e me guiar nesse desafio, pela paciência nas intermináveis revisões e brilhante orientação durante a execução desse trabalho.

À professora Nísia pelo auxílio na elaboração do meu projeto de pesquisa e por ter aceitado o convite de co-orientação neste trabalho.

Aos amigos espalhados pelo mundo, pelos momentos de diversão, companheirismo e trocas de experiências.

À ONG Parceiros Voluntários e aos meus colegas de trabalho por me propiciarem aprendizado sobre a cultura do voluntariado, além de contato com os jovens que fazem a diferença.

E principalmente, aqueles que participaram desta pesquisa, expondo suas angústias, frustrações e opiniões, e me proporcionando um pensar mais amplo sobre o papel da comunicação e da educação.

Muito Obrigada!

The study of media is not something that necessarily involves the taking of examinations although it may. It is something which is about the world which the media represent. So if you study the media you study the world. If you study the media you study your social existence and the social existence of others. You don't just study film and television or radio and newspapers or even the internet. They all relate to the way people live and it is my opinion that the importance of media education is because it is about studying the way people live.

Robert Ferguson

RESUMO

Pesquisas na área de Ciências Humanas apontam para a prevalência de aspectos negativos da exposição de crianças e adolescentes às mídias. Considerando que os problemas apontados têm implicações sociais e/ou subjetivas a médio e longo prazo, caberia à área da Comunicação Social apontar possibilidades de expansão na qualidade da educação formal, através da implementação das mídias no contexto escolar. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é investigar a relação entre a educação pública e os recursos midiáticos, na sustentação de uma instituição escolar que propicie o desenvolvimento do raciocínio crítico e a participação cidadã de crianças e adolescentes. A questão norteadora investigou se o acesso regular às várias mídias na escola oportunizaria, às crianças e adolescentes - com idades entre 10 e 17 anos - matriculadas na rede pública de ensino do Município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul/ Brasil - tal desenvolvimento. Através de uma pesquisa qualitativa, buscou-se identificar as possíveis diferenças nas concepções desses jovens acerca das instituições sociais. Os resultados apontam para várias dificuldades tanto no acesso como na utilização desses recursos.

Palavras-chave: Mídia-educação, Educação Pública, Adolescência, Instituições Sociais

ABSTRACT

Researches in Human Sciences indicate the prevalence of negative aspects of the exposure of children and adolescents to media. Considering that the problems have social implications and / or subjective on medium and long term, it is up to the media pointing out possibilities of expansion in the quality of formal education through the implementation of the media in the school context. The aim of this research paper is to investigate the relationship between public education and media resources in support of an educational institution that fosters the development of critical thinking and civic participation of children and adolescents. The guiding question investigated whether regular access to several medias create opportunities of such development in school children and adolescents aged between 10 and 17 years, enrolled in public schools in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul/ Brazil. Through a qualitative and quantitative research, we sought to identify possible differences in the views of young people about social institutions. The results point to several difficulties in access and use of these resources.

Keywords: Media-education, Public Education, Adolescence, Social Institutions

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância

ANRESC - Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Prova Brasil)

CEUB - Centro de Estudos Universitários de Brasília

CIESPAL - Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

EPCOM – Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

ICINFORM - Instituto de Ciências da Informação

IDEC - Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor

ONG – Organização Não-Governamental

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE – Plano Nacional de Educação

SMED – Secretaria Municipal de Educação (Porto Alegre)

SOE – Serviço de Orientação Educacional

SOP – Serviço de Orientação Pedagógica

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization/
Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	AS MÍDIAS E O CONCEITO MÍDIA-EDUCAÇÃO	15
2.1	A SOCIEDADE MUDIATIZADA.....	15
2.2	MÍDIA-EDUCAÇÃO	23
3	A EDUCAÇÃO E O AMBIENTE ESCOLAR BRASILEIRO	33
3.1	A EDUCAÇÃO E O PAPEL DA ESCOLA.....	33
3.1.1	Educador ou Professor?	38
3.2	O CURRÍCULO ESCOLAR BRASILEIRO	41
3.2.1	As vicissitudes da educação formal	45
3.3	NOVAS ALTERNATIVAS PARA A EDUCAÇÃO E PARA CIDADANIA.....	48
4	ADOLESCÊNCIA, CONSTRUÇÃO DE VALORES E PARTICIPAÇÃO SOCIAL.....	51
4.1	ADOLESCÊNCIA.....	51
4.2	MUDANÇAS FÍSICAS E PSÍQUICAS DA ADOLESCÊNCIA.....	54
4.3	O ADOLESCENTE E SUAS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA E AS MÍDIAS...57	
4.4	JUVENTUDE	60
4.5	PARTICIPAÇÃO JUVENIL	63
5	METODOLOGIA	66
5.1	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	66
5.2	A PESQUISA	67
5.2.1	Informações dos participantes.....	68
5.3	ANÁLISE DOS DADOS	72
5.3.1	Perfil dos Participantes	72
5.3.2	Análise das respostas dos alunos:.....	74
5.3.3	Análise das respostas dos professores/ diretores:.....	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS.....	99
	ANEXOS	105

ANEXO A – QUADRO DO INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO - EPCOM.....	106
ANEXO B - TERMOS DE CONSENTIMENTO DOS ALUNOS, PROFESSORES E EQUIPE DIRETIVA.	107
ANEXO C – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - CLASSIFICAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS.....	110
ANEXO D – GRÁFICOS COM AS RESPOSTAS DOS ALUNOS E EDUCADORES PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	117

1 INTRODUÇÃO

Atualmente as mídias têm um papel importantíssimo na nossa formação cultural, social e política. A cada dia, são divulgadas também inúmeras pesquisas e estudos nas áreas das ciências humanas – principalmente da educação e da psicologia – apontando as consequências perversas observadas no uso das mídias (televisão, jogos eletrônicos, computadores, etc.) entre crianças e adolescentes.

A área da comunicação, por sua vez, através dos estudos de recepção e produção midiática, também comprovam esses efeitos das influências das mídias sobre os jovens brasileiros, como por exemplo: a violência, consumismo, preconceito, individualismo, competição, baixa autoestima, etc.

Sabemos que a sociedade atual é movida a informação e os meios de comunicação estão sendo aperfeiçoados constantemente. Hoje, além da conhecida televisão e do famoso rádio, há um número cada vez maior de mídias disponíveis à população (exe.: mídias digitais – *internet*). Sendo assim, o segundo capítulo deste trabalho abordará sobre os aspectos referentes às mídias (BÉVORT & BELLONI, 2009; BOURDIEU, 1998; DIZARD, 1998; LIPOVETSKY, 1983; MORIN 2008; SANTAELLA, 1996; SILVERSTONE, 2005;) a classificação proposta por alguns autores (DIZARD, 1998; SANTAELLA, 1996; SILVERSTONE, 2005) as influências das mídias principalmente nas crianças e adolescentes (TERUYA, 2009), a importância de incorporá-las no currículo escolar (BÉVORT & BELLONI, 2009, GUARESCHI, 2005; SILVA, 2001) e, por fim, será apresentado e explicado o conceito de mídia-educação (BELLONI, 2001; FANTIN, 2006; RIVOLTELLA, 2006) que vêm sendo utilizado em outros países e, atualmente, também no Brasil.

O terceiro capítulo, por sua vez, terá como foco a educação e o ambiente escolar brasileiro. Será apresentado um breve panorama do contexto da educação no país (baseando-se em pesquisas), aspectos como o currículo obrigatório, temas transversais, além dos principais problemas enfrentados na maioria das escolas. Algumas reflexões serão feitas - apoiadas em autores da área da educação entre outras áreas, tais como: BOURDIEU (2002), FISCHER (2005), FREIRE (1983), GADOTTI (2000), GUARESCHI (2005), LIMA (1979) *apud* McLUHAN, MATURANA (2009), MORIN (2008); a respeito do papel da escola, a relevância da educação formal (contemplando o estudo das mídias) no desenvolvimento dos adolescentes

(ASSUMPÇÃO, 2001; FISCHER, 2005; MATURANA, 2009) e o futuro dessa instituição e do professor, perante as novas tecnologias.

E no quarto capítulo, será abordada a adolescência, segundo a psicologia contemporânea (MINILTSKY-SAPIRO, 2005), o conceito de juventude (ABRAMO, 1997), e as interações (entre os adolescentes, as famílias e as outras instituições sociais), compreendendo as transformações que os indivíduos enfrentam nessa fase da vida tais como: mudanças físicas, psíquicas, as formas de identificação e participação; enfim, as influências que contribuem no desenvolvimento desses jovens (ABERASTURY & KNOBEL, 1981; COSTA, 1996; FISCHER, 2008; FREUD, 1995; MELMAN, 1995; MINILTSKY-SAPIRO, 2005; RAUPP, 2006).

Considerando que a ênfase dada aos aspectos negativos das mídias não têm sido muito produtiva no sentido de promover grandes mudanças na programação das TVs abertas, ou adotar critérios claros na produção de jogos, produção de programas televisivos, acesso a *internet*, etc. Meu objetivo foi exatamente investigar os recursos implementados na educação pública, e as possibilidades de enriquecimento cognitivo e intelectual que o acesso regular das várias mídias pode proporcionar as crianças e adolescentes, entre 10 e 17 anos que frequentam a rede pública de ensino do Município de Porto Alegre, RS/ Brasil.

Para esse estudo entendeu-se o acesso regular como utilização estimulada, orientada e supervisionada por educadores que dominem as ferramentas midiáticas (revistas, jornais, cinema, internet, rádio, etc.). Entendeu-se também que todas as idades seriam relevantes, porém a escolha dessa faixa etária deu-se por esse grupo possuir características específicas de transição pubertária, e que a adolescência implica em vários aspectos psicossociais tais como: identidade sexual, ideológica, profissional, formação de grupos, etc. Para este estudo o termo juventude é tido como sinônimo de adolescência.

Visei investigar de que forma a escola incorpora/aborda as mídias em sala de aula (tanto através da utilização de informática, como mídias impressas, televisivas, quanto em abertura de discussões acerca dos produtos midiáticos). E verificar de que maneira os jovens, nas escolas selecionadas, classificam a escola e as mídias enquanto instituições sociais.

Sendo assim, meu interesse centrou-se na identificação dos benefícios na utilização das mídias, e, em que medida, as mídias auxiliam na construção de valores e do pensamento crítico dos adolescentes segundo a teoria da psicologia social do desenvolvimento.

Enfim, a escolha desse tema deu-se na tentativa de aproximação entre as áreas da comunicação e educação, mantidas paralelas como ferramentas reciprocamente em seus campos de conhecimento. É igualmente, indiscutível a necessidade da abordagem das mídias na educação e a interface necessária para o seu uso adequado na escola. Por isso, é importante a integração entre comunicadores e educadores para a real compreensão do processo de produção e construção da comunicação e das linguagens das mídias. Sendo assim, é necessária a realização de pesquisas integradas entre esses dois campos de estudo para resultados mais eficazes nos procedimentos pedagógicos das escolas.

Também não posso deixar de ressaltar o fator pessoal, pois, como uma futura profissional da comunicação, me sinto responsável em abrir espaços para a discussão sobre acesso às mídias e a informação, pensando nas futuras gerações e também, no desenvolvimento do nosso país. E acredito que caberia à área de Comunicação Social definir e apresentar aspectos positivos, e possibilidades de desenvolvimento do raciocínio crítico, com o emprego das mídias no ambiente escolar.

Essa pesquisa é de cunho descritivo com delineamento híbrido (quali-quantitativa) com uma amostra de jovens, de ambos os sexos, com idade entre 10 e 17 anos, alunos do ensino fundamental de duas escolas da rede pública municipal de Porto Alegre.

A partir de informações fornecidas pela pesquisa relacionando com outros dados obtidos em pesquisas teóricas, farei uma conclusão a cerca do tema. Portanto, esse trabalho se propõe ao **planejamento de uma pesquisa quantitativa e qualitativa sobre os benefícios que o estudo e utilização das mídias no ambiente escolar proporcionam no desenvolvimento de valores e pensamento crítico de jovens em duas escolas de ensino público em Porto Alegre.**

2 AS MÍDIAS E O CONCEITO MÍDIA-EDUCAÇÃO

Neste capítulo serão abordados diversos aspectos referentes às mídias, a questão da democratização do acesso às mídias versus as formas de exclusão digital e o conceito de mídia-educação, instituído por alguns autores brasileiros e estrangeiros para definir os estudos das mídias. E por fim, será apresentada, brevemente, como se iniciou a produção de conhecimento em mídia-educação em diferentes países e, ao final do capítulo, será discutida a importância da adoção no currículo do estudo das mídias nas escolas. A abordagem dessa temática por esse viés se deve ao foco do presente estudo que busca a interdisciplinaridade com a educação e a cidadania.

2.1 A SOCIEDADE MUDIATIZADA

As mídias fazem parte da nossa vida em múltiplos aspectos da esfera pública e da esfera privada (no cotidiano familiar, na política, na economia, nas redes sociais, entre outros). Somos invadidos diariamente pelas tecnologias midiáticas e, com esses avanços tecnológicos, ocorre um bombardeio constante de novas informações.

A tecnologia da informação e comunicação (TIC) modificou-se se comparada à última década, já que a *internet*¹ propiciou - relativamente- uma intensa participação dos cidadãos no que antes era restrito apenas aos “donos”² dos meios de comunicação de massa.

¹ **Internet** se refere ao sistema de informação global que -- (i) é logicamente ligado por um endereço único global baseado no Internet Protocol (IP) ou suas subseqüentes extensões; (ii) é capaz de suportar comunicações usando o Transmission Control Protocol/Internet Protocol (TCP/IP) ou suas subseqüentes extensões e/ou outros protocolos compatíveis ao IP; e (iii) provê, usa ou torna acessível, tanto publicamente como privadamente, serviços de mais alto nível produzidos na infraestrutura descrita. Acesso em 18/09/2011. Disponível em: <<http://www.aisa.com.br/oquee.html>>

² A pesquisa pioneira intitulada “Os donos da mídia”, do Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação – Epcom (2002) e coordenada pelo jornalista e pesquisador Daniel Herz, investigou o comportamento da mídia no Brasil. Nessa pesquisa foram detalhados os alicerces de domínio econômico e político que possuem nacionalmente um grupo de seis emissoras privadas de televisão. Os chamados “cabeças-de-rede” dizem respeito às famílias que dominam as redes privadas

Teoricamente, hoje é possível a qualquer pessoa divulgar suas opiniões, criar vídeos, publicar fotos, fazer críticas ou mesmo gerar notícias através de sites, redes sociais, etc. E devido a essa imensidão de informações e mudanças tecnológicas, nosso cotidiano na contemporaneidade, tanto na vida privada quanto na vida pública, não podem mais prescindir das tecnologias tele e audiovisuais. Há uma necessidade de estar “conectados” permanentemente quer seja através de PCs, TVs, rádios, celulares etc.

Podemos afirmar que a profusão de mídias está diretamente relacionada ao paradigma da “circulação de bens de consumo”. Na década de oitenta, o consumo é potencializado na economia mundial através da globalização. Assim, tanto os objetos supérfluos quanto as próprias ferramentas de acesso (aparelhos tecnológicos) que mantém a comunicação entre as mídias, vão ocupando um espaço cada vez mais relevante na sociedade ocidental. O conteúdo e apelo às ideologias e valores passam de forma “oculta”, subjacente ao consumo de objetos nas próprias mídias através da publicidade dos objetos – “as quais tendem a regular o consumo, as organizações, a informação, a educação, os costumes”. (LIPOVETSKY, 1983, p.17).

O conceito de mídias no plural foi apresentado primeiramente por Santaella (1996, p.24), que pretendeu:

Pôr em relevo [...] os traços diferenciais e *sui generis*, quase idiossincráticos, de cada mídia individual, para caracterizar a cultura que nasce nos trânsitos, intercâmbios, fricções e misturas entre os diferentes meios de comunicação, produzindo como consequência um movimento constante de transformação nas formas tradicionais de produção de cultura, eruditas e populares, assim como nos processos de produção e recepção da cultura de massas.

Para Bévort & Belloni (2009):

As mídias fazem parte da cultura contemporânea e nela desempenham papéis cada vez mais importantes, sua apropriação crítica e criativa, sendo, pois, imprescindível para o exercício da cidadania (p.1083).

nacionais de TV aberta e seus 138 grupos regionais afiliados, que são os principais grupos de mídia nacionais.

OBSERVATÓRIO DE COMUNICAÇÃO (OBSCOM) Universidade Federal de Sergipe EPNOTICIAS. Disponível em: <<http://www.eptic.com.br/arquivos/epnoticias/acervo/PORTUGUES/News/epnoticias93.htm>>. Acesso em 31/08/2011.

Enquanto para Silverstone (2005, p.223): “A mídia são sistemas abstratos que confiamos, que reforçam nossa prontidão a confiar em outros sistemas abstratos e fornecem uma estrutura para confiarmos uns nos outros”.

Entende-se por mídias, portanto, os diversos meios de informação e de notícias, bem como os meios publicitários (ex.: rádio, televisão, cinema, livros, revistas, jornais, *videogames*, celulares, *I-pads*, computadores, etc.).

Alguns autores (DIZARD, 1998; SANTAELLA, 1996; SILVERSTONE, 2005) propõem que os diversos tipos de mídias sejam classificados como:

a) Antigas ou Tradicionais - referem-se às mídias de massa impressas (jornais, revistas, livros, fotografias) e eletrônicas (televisão, cinema, rádio);

b) Novas mídias - abrangem as mídias digitais (*internet*, computadores, *I-pads*, celulares/ *smartphones*, *videogames*, etc.).

A diferença marcante entre as “novas mídias” e as mídias antigas ou tradicionais, diz respeito ao aspecto nunca antes vivenciado pela sociedade: a interatividade virtual. A possibilidade de todos os cidadãos estarem potencialmente conectados em rede, transmitindo e produzindo informações instantaneamente para qualquer lugar do mundo. Essas novas mídias multiplicaram imensamente os recursos de comunicação e informação entre indivíduos e grupos sociais, contrastando com as mídias tradicionais que consistem em produtos unidirecionais, enquanto as novas mídias permitem que seus consumidores definam recursos de informações e entretenimento que preferem, assim como a maneira de receber essas informações (DIZARD, 1998).

Porém, isso não significa que as mídias tradicionais deixaram ou deixarão de existir rente à utilização dessas novas mídias. Assim como muitos estudiosos acreditavam que a invenção da televisão substituiria o rádio, o que se observou foi que o mesmo continuou a ocupar um espaço importante na sociedade contemporânea.

É importante ressaltar que os detentores dos meios tradicionais de comunicação, no Brasil, também utilizam as novas mídias para veicularem seus produtos (notícias, entretenimento, etc.) e reforçarem suas posições e opiniões.

Outro aspecto relevante é a existência no país de fortes grupos de empresas (geralmente familiares) que dominam esse mercado em cada região, conforme

aponta (ver anexo A) o Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação (EPCOM)³.

Essas seis redes privadas (SBT, Rede TV!, Band, CNT, TV Record e Globo) dominam o mercado de TV de US\$3 bilhões. E, através dos seus 138 Grupos Afiliados, controlam 668 veículos (TVs, rádios e jornais), instrumentos de poder regional e nacional. Assim como igualmente afirma Görger (2009, p.17):

[...] No sistema brasileiro de mídia, existe um núcleo central e seu entorno. Um conjunto de conglomerados empresariais, que detém os principais canais de produção e distribuição de serviços e produtos de comunicação social, e grupos regionais, que gravitam em torno deles a fim de se beneficiar da credibilidade (poder simbólico), da influência (poder político) ou da receita (poder econômico) conquistada pelos primeiros.

A televisão e o rádio desempenharam desde seu advento um importante papel na conformação da cultura brasileira, disseminando padrões de consumo, comportamento e valores. E, embora caracterizem concessões públicas, se mantêm a serviço das mesmas poucas empresas que controlam as fontes de lucro e audiência. Assim, parece que o foco se mantém na concorrência e não no compromisso com a sociedade na busca de excelência em qualidade.

Pierre Bourdieu, em *On Television* (1998), critica o sistema jornalístico televisivo, apresentando os mecanismos de influência, poder e manipulação que a televisão exerce na população. Fala sobre a intensa visibilidade do espetáculo, desastres, histórias sem maiores discussões políticas e sociais, além do cinismo com relação aos jogos de poder entre políticos - manifestado em *lobby* - que a televisão utiliza para garantir audiência. Identificando as limitações e imposições da televisão que vão além do controle político e econômico, bem como a questão da censura ("*invisible censorship*") e a banalização, enfim a televisão como instrumento de manutenção da ordem (simbólica).

A confiança que depositamos nas mídias como aponta Silverstone (2005) induz as pessoas a tomarem como verdades tudo que é transmitido. As informações que vemos e ouvimos, mediadas pelos meios de comunicação, são consideradas verdadeiras e pouco discutidas quanto à sua veracidade.

³ Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação – EPCOM. Os Donos da Mídia. Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/arquivos/donosdamidia.pdf>>. Acesso em: 20/09/2011.

Além da legitimação do que é veiculado, como observa Guareschi (2005, p.41):

[...] o consumo dos produtos da mídia, especialmente a eletrônica, representa hoje o principal espaço de ocupação do tempo livre da população. O acesso à informação, crucial em nossos dias, depende de uma forma sem precedentes em tempos anteriores, da relação do indivíduo com os veículos de comunicação.

Numa pesquisa do IBOPE (2009) sobre o Tempo de Navegação, realizada com dez países, entre eles: Japão, Estados Unidos e França, mostrou que o Brasil obteve o maior tempo de navegação, alcançando 69 horas e 55 minutos num mês.⁴ Isso que dizer que o brasileiro gasta, em média, 2 horas 30 minutos do seu dia apenas navegando na internet, isso sem contar o tempo utilizado para assistir televisão, ler jornal e o contato com outras mídias.

Conforme apresentado nessa mesma pesquisa, o número de horas de navegação dos brasileiros vem aumentando, assim como o número de pessoas com acesso à internet em casa ou no trabalho, que atualmente é de 44,5 milhões. Destacando a projeção do IBOPE (2009), ao considerar a existência de cerca de 62,3 milhões de brasileiros - maiores de 16 anos e com telefone fixo ou móvel -, com acesso à *internet* em qualquer ambiente (residência, trabalho, escolas, *lan-houses*, bibliotecas e telecentros).

Se, por um lado, essa pesquisa divulga um número cada vez maior de pessoas com acesso à internet, por outro lado, cabe lembrar que no Brasil vivem dezesseis milhões de brasileiros ainda na linha da miséria⁵, sem acesso ao saneamento básico⁶, entre outras grandes desigualdades sociais, e que as mesmas desigualdades são reproduzidas no acesso às novas mídias e à educação formal.

⁴ Pesquisa sobre o tempo de navegação do brasileiro realizada pelo IBOPE. Na seção: Notícias, Internet, IBOPE Nielsen Online - Área: Notícias\Press Releases\2009. Publicada em 14/07/2009. Acesso em: 11/07/2011. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortallBOPE&pub=T&db=caldb&comp=pesquisa_leitura&nivel=null&docid=0C603C3C20140371832575F3004B038C>

⁵ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) Brasil. Reportagem do dia 28/07/2011. Brasília. Brasil sem Pobreza apresenta plano de ação Movimento que reúne entidades da sociedade civil prepara estratégia para ajudar o país a erradicar a miséria. Acesso em: 18/09/2011. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3793&lay=pde>

⁶ Nos centros urbanos, a parcela da população sem acesso a rede geral ou fossa séptica passou de 33,9%, em 1992, para 19,5%, em 2008, segundo o estudo. Para cumprir a meta estipulada pela ONU, a porcentagem terá de ser 16,95% até 2015. O padrão atual do Brasil (80,5% de moradores urbanos

Com relação ao entretenimento proporcionado pelas mídias, sabemos que há um grande número de opções. Até mesmo a televisão aberta, que atualmente oferece programação mais diversificada e com alguma qualidade educativa, ou a TV à cabo que propicia a seleção de temas mais específicos, não podem ser consideradas como de ótima qualidade em termos de conteúdo cultural e/ou educativo.

Se considerar-se que a informação é transmitida através de múltiplos meios no Brasil, e que poucos grupos detêm o poder em relação a esses meios; identifica-se que os objetos e o conteúdo veiculados contêm nas suas ênfases, as ideologias, interesses e valores subjacentes daqueles que têm interesses envolvidos. Portanto, é imprescindível que os cidadãos entendam como se dá esse processo, e possam desenvolver a reflexão crítica necessária às escolhas feitas sob a influência das mídias com razoável autonomia. E esse conteúdo deve ter espaço na educação formal.

As mídias têm poder simbólico (BOURDIEU, 1998) e estão presentes também na cena política e econômica da sociedade. Embora presente na constituição brasileira uma lei de regulamentação determinando que a mídia dê preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; os profissionais que lidam com as mídias pouco fazem para que isso se concretize. Como apresenta Guareschi (2005) caberia às escolas o papel de discutir e pensar maneiras para que isso se efetive.

A seleção de notícias também faz parte da opinião de um jornal, por exemplo. Se observarmos a linha editorial, saberemos os interesses que o veículo de comunicação defende. As mídias impressas, além disso, trazem como atributo a legitimação do que foi dito na televisão e no rádio, servindo como documento que pode ser lido e relido.

atendidos por saneamento adequado) é inferior ao das áreas urbanas como as de Territórios Palestinos Ocupados (84%), Jamaica (82%) e Filipinas (81%), e pouco superior às de Irã (80%), Angola (79%) e China (74%), segundo dados das Nações Unidas. Retirado da reportagem do dia 30/03/2010, Brasília. Em esgoto, Brasil rural é pior que Sudão - Relatório sobre metas da ONU mostra que cobertura no campo não só é menor que nas cidades, como evolui menos desde os anos 1990. Acesso em 18/09/2011. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/saneamento/reportagens/index.php?id01=3440&lay=san>>

Guareschi (2005) propõe que as escolhas das imagens (fotografias) para revistas, jornais, livros, cinema etc.; também carregam escolhas de ângulos e perspectivas, ou seja, estratégias presentes nos meios que empregam as imagens. Questões como a opinião pública e a imparcialidade nas notícias devem, igualmente, ser analisadas quando tratamos das mídias (BOURDIEU, 1998).

Além de todas essas características, é preciso acrescentar que os estímulos gerados pelas mídias através da publicidade, ou da seleção de conteúdos de programas (exemplo: telenovelas etc.), acarretam consequências na identidade de adultos, mas também e, principalmente, em crianças e adolescentes.

As crianças convivem com as mídias desde que nascem e crescem em um espaço cultural diversificado, onde também convivem com pessoas que possuem experiências e contextos culturais particulares, caracterizadas por outras formas de viver e de conhecer o mundo. Este mundo midiático capta o segredo do universo infantil incorporando as múltiplas identidades para se aproximar desse público. Entretanto no mundo do consumo visualizado pela mídia, a criança desperta para as múltiplas vontades estimuladas pela tela. (TERUYA, 2009, p.157).

Portanto, falta uma regulamentação das mídias no se que refere à transmissão de mensagens e imagens (publicidade) voltadas a crianças⁷ e adolescentes. Há poucas políticas de autorregulamentação da publicidade e das ações da sociedade civil, destacando a importância da existência de ONGs, como a ANDI⁸, o Instituto Alana⁹ e o Idec¹⁰.

⁷ **Por que a publicidade faz mal para as crianças.** Instituto Alana. Disponível em: <http://www.alana.org.br/banco_arquivos/Arquivos/downloads/ebooks/por-que-a-publicidade-faz-mal-para-as-criancas.pdf>. Acesso em 01/08/2011.

⁸ Criada formalmente em 1993, mas atuando de maneira voluntária desde 1990, a ANDI é uma organização da sociedade civil, sem fins de lucro e apartidária, que articula ações inovadoras em mídia para o desenvolvimento. Suas estratégias estão fundamentadas na promoção e no fortalecimento de um diálogo profissional e ético entre as redações, as faculdades de comunicação e de outros campos do conhecimento, os poderes públicos e as entidades relacionadas à agenda do desenvolvimento sustentável e dos direitos humanos. Acesso em 22/08/2011. Disponível em: <<http://www.andi.org.br>>

⁹ Instituto Alana é uma organização sem fins lucrativos criada em 1994 que tem como missão fomentar e promover a assistência social, a educação, a cultura, a proteção e o amparo da população em geral, visando a valorização do homem e a melhoria da sua qualidade de vida, conscientizando-o para que atue em favor de seu desenvolvimento, do desenvolvimento de sua família e da comunidade em geral, sem distinção de raça, cor, posicionamento político partidário ou credo religioso.. Disponível em: <<http://www.alana.org.br>>. Acesso em 22/08/2011.

¹⁰ O Idec, Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, é uma associação de consumidores fundada em 1987. Não possui fins lucrativos. Não tem qualquer vínculo com empresas, governos ou partidos políticos. Os recursos financeiros para o desenvolvimento de suas atividades têm sua origem nas

As novas formas de interação advindas dos avanços tecnológicos, e amplamente difundidas graças ao barateamento das tecnologias, vêm mudando e reconfigurando a realidade brasileira, assim como a relação dos indivíduos com a aprendizagem.

Essa nova cultura popularmente chamada de “cultura digital”, apresenta a *internet* como um importante meio de trocas de informação (sem considerar no momento, a finalidade e a qualidade), diminuindo distâncias, relativizando o tempo, enfim, criando o que Pierre Lévy chama de uma inteligência coletiva. Sendo assim, como afirma Lévy:

[...] cada novo sistema de comunicação fabrica seus excluídos. Não havia iletrados antes da invenção da escrita. A impressão e a televisão introduziram a divisão entre aqueles que publicam ou estão na mídia e os outros. (...) Estima-se que apenas pouco mais de 20% dos seres humanos possui telefone. Nenhum desses fatos constitui um argumento sério contra a escrita, a impressão, a televisão, ou o telefone. O fato de que haja analfabetos ou pessoas sem telefone não nos leva a condenar a escrita ou as telecomunicações – pelo contrário, somos estimulados a desenvolver a educação primária e a estender as redes telefônicas. Deveria ocorrer o mesmo com o ciberespaço. (LÉVY *Apud* SILVA, 2001, p. 79).

Com relação a esse novo sistema de comunicação Silva (2001) propõe que não é relevante concordar ou discordar desse novo sistema e, sim, criar alternativas para que o número de pessoas com acesso à rede e às informações se multiplique, por meio de telecentros comunitários, de escolas, projetos envolvendo os diversos atores (governo, iniciativa privada, ONG's, etc.). Enfim, diminuindo o número de excluídos e não limitando esse acesso em apenas aspectos tecnológicos e financeiros, porque não basta ficar sentado olhando para um computador.

Teruya (2009) fala que a democratização da sociedade foi viabilizada com apoio da nova tecnologia digital, permitindo através da comunicação *on-line* que cidadãos expressem suas ideias e, ampliem sua rede social, compartilhando fotos, textos, etc. Essa democratização possibilitou, contudo, facilidades para incentivar preconceitos, criminalidade e perversões, e até realizar atos ilegais ou criminosos

anuidades pagas pelos seus associados, nas vendas de assinaturas da Revista do Idec e outras publicações, além da realização de cursos. Outra parte dos recursos origina-se do apoio de agências de financiamento internacionais destinadas a prestar ajuda a entidades da sociedade civil. As contas do Idec são auditadas por auditorias independentes. Disponível em: <<http://www.idec.org.br>>. Acesso em 22/08/2011.

envolvendo redes internacionais. Embora existam esses aspectos negativos esse novo ambiente ainda assim, "... é um espaço virtual de luta e difusão de ideias e mensagens" (p.161-162).

2.2 MÍDIA-EDUCAÇÃO

*Media education is a kind of an engagement
with the world in which we live.
Robert Ferguson¹¹*

Os estudos das mídias vêm sendo discutidos por estudiosos¹² e trabalhados em escolas de diversos países ao redor do mundo com a finalidade de preparar jovens mais críticos, com conhecimentos sobre os métodos de persuasão contidos em mensagens e conteúdos, etc.; a fim de reduzir o impacto negativo que as mídias exercem na sociedade.

No Brasil, esses estudos vêm assumindo diferentes conceitos¹³ tais como: mídia-educação, educomunicação, estudos dos meios, etc.

Bévort & Belloni (2009) afirmam que a mídia-educação é elemento imprescindível dos processos de socialização das novas gerações, mas não restrita a elas, visto que necessita incluir igualmente a população adulta, num entendimento de educação permanente.

O conceito atual de mídia-educação, apresentado pelo italiano Rivoltella (2006)¹⁴ e também defendida no Brasil por Belloni (2001) e Fantin (2006), equivale a educar para o consumo responsável, educar *para/sobre* as mídias e *com* as mídias e *através* das mídias.

¹¹ Robert Ferguson tem lecionado sobre mídia-educação há 25 anos e, atualmente, trabalha como Course Leader em Media Culture and Communication no Instituto de Educação da Universidade de Londres.

¹² BELLONI (2001), BUCKINGHAM (1990), FANTIN (2006), FISCHER (2005), RIVOLTELLA (2009)

¹³ Educação para os Meios, em Portugal; *Éducation aux médias*, em francês; *Educación para los Médios*, em espanhol e *Media Education/ Media Literacy*, em Inglês.

¹⁴ Prof. Pier Cesare Rivoltella, da Universidade Católica de Milão. Colóquio Mídia e Educação no Brasil e na Europa. Palestra de abertura da 4ª Jornada de Debates Mídia e Imaginário Infantil. UFSC. Novembro/2006. Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=L_lxBT_yZA0> Acesso em 28/08/2011.

O educar *sobre* as mídias, diz respeito ao pensamento crítico (sujeito e mídia) com os estudos dos conteúdos, mensagens das mídias induzindo a troca simbólica com os espectadores.

O educar *com* as mídias, seria o trabalho educativo realizado com os meios (experiência com os educadores na sala de aula, ferramentas na sala de aula – didática) áudio-vídeo, fortalecendo a fala do professor e os materiais didáticos.

E por fim, o educar *através* das mídias, que contemplaria o trabalho de produção de mídia com as turmas em salas de aula (oficinas de áudio-vídeo, multimídia, desenvolvimento formação à distância, etc.).

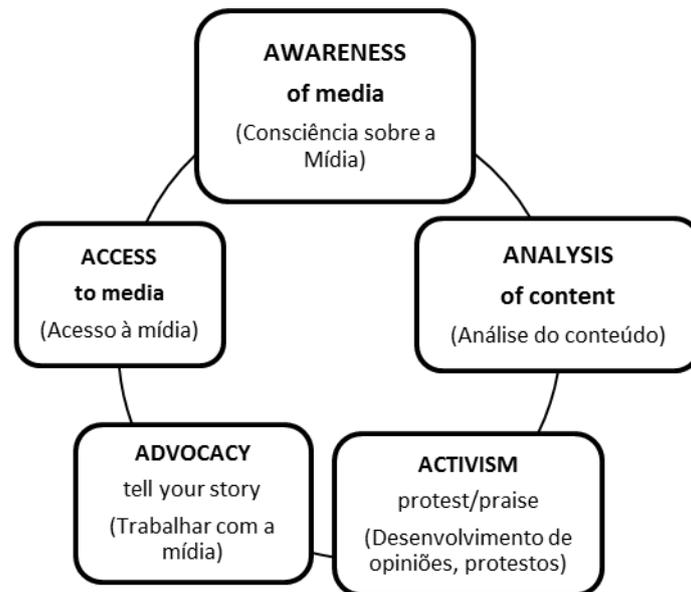
Uma excelente iniciativa é a da Fundação Americana de Educação da Mídia que trabalha alguns conceitos na alfabetização para as mídias. Essa fundação tem como missão produzir e distribuir documentários e outros recursos educacionais para inspirar a reflexão crítica sobre o impacto social, político e cultural dos meios de comunicação de massa americanos.¹⁵

Sendo assim, ela disponibiliza em seu site um guia de estudos para auxiliar os professores, pois entende que através do conceito de processo - *The Media Literacy Circle of Empowerment*- possibilitaria aos jovens estudantes um posicionamento crítico perante os conteúdos transmitidos pelas mídias, empoderando-os para fazer escolhas.

Conforme veremos mais detalhadamente a seguir, o processo *The Media Literacy Circle of Empowerment* consiste em cinco etapas, sendo elas: *Awareness, Analysis, Activism, Advocacy e Access*.

¹⁵*The Media Education Foundation. Mission: produce and distribute documentary films and other educational resources to inspire critical reflection on the social, political, and cultural impact of American mass media.* (Media Education Foundation tem como missão produzir e distribuir documentários e outros materiais educacionais a fim de inspirar a reflexão crítica sobre os impactos social, político e cultural dos meios de comunicação de massa Americanos; tradução minha.)
Acesso em 22/08/2011. Disponível em: < <http://www.mediaed.org/wp/about-mef>>

THE MEDIA LITERACY CIRCLE OF EMPOWERMENT¹⁶



O Círculo de Descentralização da Alfabetização da Mídia¹⁷ consistiria em desenvolver com os estudantes as seguintes etapas:

- **Consciência.** A tomada de consciência se daria através da observação da existência da mídia na vida desses jovens e os impactos (influências) que a mesma exerce em seus cotidianos.
- **Análise.** Nessa etapa os estudantes analisam e discutem as formas e os conteúdos das várias mensagens transmitidas através das mídias (tentativa de persuasão da audiência etc.).

¹⁶ Círculo de Descentralização da Alfabetização da Mídia (tradução nossa).

¹⁷ *The Media Literacy Circle of Empowerment Explained:*

Awareness – *Students learn about the pervasiveness of media in their lives.*

Analysis – *Students discuss the forms and contents of the media's various messages as well as the intent of most media to persuade an audience.*

Activism – *Students develop their own opinions about the negative and positive effects of the media and decide to do something about it – this can be in the form of praise for healthy media, protest of unhealthy media, or development of campaigns to educate others with regard to the media, to change media messages, etc.*

Advocacy – *Students learn how to work with media and use their own media to develop and publicize messages that are healthy, constructive, and all too often ignored by our society.*

Access – *Students gain access to the media – radio, newspaper, internet, television, etc. – to spread their own message. This in turn leads to further awareness of the media and how it works, which leads to a deeper analysis and so forth.*

Media Education Foundation Study Guide. EARP, Jeremy. *Rich media, poor democracy*. Disponível em: <http://www.mediaed.org/assets/products/118/studyguide_118.pdf> Acesso em 22/08/2011.

- **Ativismo.** Busca-se que os estudantes desenvolvam opiniões a respeito dos efeitos positivos e negativos da mídia (campanhas em prol de conteúdos mais “saudáveis”, protestos e/ou campanhas para educar outras pessoas a respeito da mídia etc.).
- **Advocacia.** Nessa etapa os estudantes aprendem de que maneira podem trabalhar com as mídias e utilizá-las para desenvolverem e publicarem suas próprias mensagens.
- **Acesso.** Por fim, os estudantes “ganham” acesso às mídias – rádio, jornal, *internet*, televisão etc. Tendo a oportunidade de divulgarem as suas próprias mensagens, dando início ao ciclo novamente.

Como consequência, isto se converteria em maior consciência a respeito da mídia e como ela funciona, enfim, guiando para uma análise mais aprofundada sobre o assunto.

Bévort & Belloni (2009) consideram a mídia-educação como componente indispensável dos processos de socialização dos jovens, mas também deve incluir a população adulta, num entendimento de educação permanente:

Trata-se de um elemento essencial dos processos de produção, reprodução e transmissão da cultura, pois as mídias fazem parte da cultura contemporânea e nela desempenham papéis cada vez mais importantes, sua apropriação crítica e criativa, sendo, pois, imprescindível para o exercício da cidadania (BÉVORT & BELLONI, 2009, p.1083).

Destacando que as mídias são necessárias e, esses aparelhos técnicos de comunicação altamente elaborados, agem nas várias esferas da vida social e não somente nas funções de controle social, político, etc.; mas também originando outras maneiras de perceber a vida, de aprender, de realizar e distribuir conhecimentos e informações.

Alguns países perceberam mais cedo que outros a necessidade de estudar os meios de comunicação, devido à sua importância e impacto gerado nas suas sociedades.

Em 1982 a UNESCO criou a *Media Education Declaration* que teria como objetivo promover e desenvolver o entendimento crítico do ambiente midiático do

fenômeno da comunicação.¹⁸ Foi em 1973 que se deu a primeira tentativa de definição para esse novo campo de estudo:

Por mídia-educação convém entender o estudo, o ensino e a aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógicas, o que é diferente de sua utilização como auxiliar para o ensino e a aprendizagem em outros campos do conhecimento, tais como a matemática, a ciência e a geografia. (BÉVORT & BELLONI, 2009 *Apud* UNESCO, 1984).

E no ano de 1979, surge outra definição na tentativa de envolver o conjunto dos elementos e definir o objeto da mídia-educação:

Todas as maneiras de estudar, aprender e ensinar em todos os níveis (...) e em todas as circunstâncias, a história, a criação, a utilização e a avaliação das mídias enquanto artes práticas e técnicas, bem como o lugar que elas ocupam na sociedade, seu impacto social, as implicações da comunicação mediatizada, a participação, a modificação do modo de percepção que elas engendram, o papel do trabalho criativo e o acesso às mídias. (BÉVORT & BELLONI, 2009, *Apud* UNESCO, 1984).

Em seu texto *A mídia na formação escolar de crianças e jovens*, Fantin (2008) aponta de que maneira a mídia-educação foi sendo inserida na educação e nos currículos escolares de diversos países. O Canadá promove desde 1987 a educação para as mídias nas escolas como item obrigatório, a partir de 1999, no Currículo de Artes e Língua Inglesa. Sendo um dos primeiros países a implementar a educação para a mídia de maneira mais abrangente para os estudantes a partir dos 12 e 13 anos.

Na Inglaterra, os estudos sobre as mídias iniciaram timidamente na década de 60, dando preferência aos estudos universitários. Através de cursos profissionalizantes, e na década de 70 foi difundido não só para os estudantes recém-formados do colégio, mas também para adultos que se interessassem em trabalhar na área de comunicação¹⁹. Em 1988, através da Lei da Reforma Educacional foi elaborada uma proposta feita pelo *British Film Institute* (criado em Londres na década de 30), garantindo no currículo escolar e na formação de

¹⁸ Site oficial da UNESCO. Acesso em 15/08/2011. Disponível em: <http://www.unesco.org/education/pdf/MEDIA_E.PDF>

¹⁹ BUCKINGHAM, David. *Watching media learning: making sense of media education*. Great Britain: The Falmer Press, 1990.

educadores, a disciplina de mídia-educação com caráter de transversalidade curricular.

Os países nórdicos, por sua vez, igualmente adotaram a mídia-educação em seu sistema oficial de ensino. Embora o uso das mídias remeta aos anos 30, o ensino sobre as mídias foi oficializado somente algum tempo depois. Na Finlândia na década de 70 no ensino fundamental e, desde 1977 no ensino médio, sendo integrada com outras disciplinas. Enquanto na Suécia, desde 1980, a educação para as mídias vêm sendo obrigatória nas escolas, e vinculada às disciplinas de Arte, Educação Cívica e História.

No sistema escolar norueguês, os filmes começaram a ser utilizados em práticas pedagógicas na década de 30, e incluídos no currículo nacional em 1974. Porém, apenas no ano de 1985 que a Educação para as Mídias entrou em destaque nas escolas e nos cursos de formação para professores, passando a ser item obrigatório nas diretrizes curriculares do ensino fundamental e médio. Na Dinamarca, a Educação para as Mídias fortaleceu-se a partir dos anos 80, sendo vinculada à disciplina do ensino de Dinamarquês. Na Itália, por sua vez, o trabalho com mídia-educação remete aos anos 40, e teve forte influência do cinema (Cineforum) e do seu uso como instrumento no processo de ensino-aprendizagem. Com isso, propiciando uma cultura cinematográfica e inserindo mídia-educação no currículo escolar (FANTIN, 2008).

Outros países que também adotaram mídia-educação (*media literacy*) nas escolas foram: Austrália, Canadá, Nova Zelândia e Israel²⁰.

No Brasil, assim como em outros países da América Latina, a experiência com relação à mídia-educação tem ocorrido de maneira diferente, se comparada aos países já citados. Devido ao passado recente de regimes ditatoriais, a produção de conhecimento sobre as mídias desempenhou um papel estratégico e de resistência frente ao sistema autoritário de governo, sendo desenvolvidos através de projetos em instituições educacionais entre as décadas de 60 e 80 (CIESPAL - Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina, Instituto de

²⁰ O'Neill, B. (2010) "Media Literacy and Communication Rights: Ethical Individualism in the New Media Environment." *International Communication Gazette* 72(4-5): 323-338. Dublin Institute of Technology. Acesso em: 07/08/2011. Disponível em: <<http://arrow.dit.ie/cgi/viewcontent.cgi?article=1037&context=aaschmedart>>

Ciências da Informação – ICINFORM, Centro de Estudos Universitários de Brasília – CEUB, entre outros).²¹

No Brasil, como afirma Fantin (2008), a inclusão da mídia-educação no currículo escolar é insatisfatória apesar da implementação dos Novos Parâmetros Curriculares que consideram a educação para as mídias como inserida nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (com propostas na área de linguagens e tecnologias) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) que assegura o direito a uma educação de qualidade com o uso das tecnologias.

Sendo assim, o fato de não haver mídia-educação como disciplina curricular, nos faz pensar que seja utilizada somente como meio ou ferramenta e não um elemento de estudo articulado em definidos campos do conhecimento.

A integração das TIC na escola, em todos os seus níveis, é fundamental porque estas técnicas já estão presentes na vida de todas as crianças e adolescentes e funcionam – de modo desigual, real ou virtual – como agências de socialização, concorrendo com a escola e a família. Uma de suas funções é contribuir para compensar as desigualdades que tendem a afastar a escola dos jovens e, por consequência, a dificultar que a instituição escolar cumpra efetivamente sua missão de formar o cidadão e o indivíduo competente. Por isso, é importante considerar esta integração, na perspectiva da mídia-educação, em suas duas dimensões inseparáveis: *objeto de estudo e ferramenta pedagógica*, ou seja, como educação para as mídias, com as mídias, sobre as mídias e pelas mídias²².

A Pesquisa TIC Educação 2010²³ – Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras, promovida pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, aponta alguns resultados interessantes sobre a disponibilidade

²¹ Luiz BELTRÃO, pioneiro da pesquisa científica sobre os fenômenos comunicacionais nas universidades brasileiras, foi fundador do Instituto de Ciências da Informação - ICINFORM, primeiro centro acadêmico nacional de estudos midiáticos, e de Comunicações & Problemas, primeira revista de ciências da comunicação (Universidade Católica de Pernambuco, 1963). Tornou-se também o primeiro Doutor em Comunicação do Brasil (Universidade de Brasília - UnB -, 1967). Retirado do Portal Luiz Beltrão. Acesso em: 20/09/2011. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.biografias.htm#luizbeltrao.biografias.enc1>>

²² BÉVORT Evelyne & BELLONI, Maria Luiza. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez.2009.

²³ TIC Educação 2010 – Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras, promovida pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil. Realizada entre os meses de agosto e novembro de 2010, envolvendo alunos, professores, coordenadores pedagógicos e diretores de escolas públicas do Brasil, estaduais ou municipais, de áreas metropolitanas, que ofereciam o Ensino Fundamental e Médio. Foi feita uma amostra de 500 escolas, a partir dos dados do Censo Escolar de 2007. Ao todo, foram realizadas 7.453 entrevistas, sendo 1.541 com professores, 4.987 com alunos, 497 com diretores e 428 com coordenadores pedagógicos. Acesso em 05/09/2011. Acesso em 06/09/2011. Disponível em: < <http://www.revistapontocom.org.br/destaques/escola-e-tecnologia-uma-radiografia-brasileira>>

de equipamentos nas escolas. Segundo a pesquisa aponta, esse é o percentual de escolas brasileiras que possuem os seguintes equipamentos: Televisão (99%), Impressora (99%), Videocassete / DVD (96%), Rádio (83%), Retroprojeter (83%), Telefone fixo (81%), Mimeografo (81%), Câmera digital (78%), *Datashow* (75%), CD *player* (69%), Antena parabólica (54%), Filmadora (42%) e Telefone celular (8%).

Além disso, na pesquisa foi confirmado que cada estabelecimento de ensino público conta, em média, com 23 computadores; sendo que a região Sul apresenta um número superior à média brasileira, 27 computadores por escola. A quantidade de equipamentos é mais confortável nas escolas que oferecem o Ensino Médio, onde há, em média, 27 computadores. Escolas que oferecem somente o Ensino Fundamental I dispõem, em média, de 20 computadores, e as que oferecem o Ensino Fundamental II, 23.

Podemos considerar que as escolas públicas brasileiras são equipadas com diversos aparelhos eletrônicos, porém a pesquisa detectou muitas limitações com relação ao uso dessas tecnologias, tais como: nível de habilidade tecnológica do professor é mais baixo quando comparado ao do aluno; grande parte dos professores (64%) concorda totalmente que os alunos da escola sabem mais sobre computador e Internet do que o docente. Contudo, o professor também rejeita a ideia de que desconheça os usos da tecnologia em atividades de ensino/aprendizagem e 80% discordam totalmente da afirmação de que não sabem de que forma ou para quais atividades podem usar o computador e a *internet* na escola.

A expansão rápida das TIC e da *internet*, até mesmo em países não pertencentes ao primeiro mundo como é o caso do Brasil, proporcionam aos usuários acesso a mídias que possuam características de interatividade, além do acesso abundante às informações e entretenimento. E essas mudanças têm impacto social, econômico, político, educacional, etc.; por isso é essencial o entendimento para a cidadania. Conseqüentemente, o papel da mídia-educação “... torna-se ainda mais crucial e sua realização mais complexa, face às ilusões libertárias e igualitárias das promessas da ‘rede’.” (BÉVORT & BELLONI, 2009. p.191).

Não podemos negar a necessidade de abordar as mídias nas salas de aula, porém, devem-se pensar maneiras para o uso das tecnologias durante as aulas. Os educadores podem se utilizar desses espaços de discussão e reflexão para

pensarem sobre a utilização e incorporação da informática no ensino. Podem orientar o seu trabalho pedagógico de forma a definir qual a relevância e a forma de utilização dessas novas tecnologias no ambiente escolar. Enfim, não correndo o risco de utilizar o computador apenas para transferir informações ou tentar ‘ensinar’ alunos passivos, dentro de uma relação impessoal, estimulando o individualismo e a competição.

Há diversos estudos que confirmam a importância de educar para as mídias²⁴ a fim de reduzir os danos (influências negativas) que as mesmas provocam na sociedade.

Para Guareschi (2005) a importância de estudarmos a mídia diz respeito à mesma ser “... o coração da sociedade de informação, sob cuja égide vivemos. E a informação é o novo modo de desenvolvimento responsável pela produtividade do sistema capitalista nos dias de hoje. Quem detém a informação, de modo geral, e dentro dela a mídia, detém o fator central de desenvolvimento” (p.38).

Silverstone (2005) considera fundamental que estudemos a mídia como dimensão social, cultural, política e econômica; pois vivemos num mundo mediatizado. Ao estudar a onipresença da mídia, bem como a sua complexidade, contribuiria para a nossa compreensão do mundo, da produção e compartilhamento dos seus significados. Examinamos a mídia, pois “... precisamos compreender como ela contribui para o exercício do poder na sociedade tardo-moderna, tanto dentro como fora do processo político estabelecido” (SILVERSTONE, 2005, p.283).

Morin (2008) cita o poeta T. S. Eliot dizendo que o conhecimento só é conhecimento enquanto organização se for relacionado com as informações e inserido no contexto destas. A informação é o aspecto de conteúdo processado pelo indivíduo na sua relação com o meio e o desenvolvimento da inteligência é a forma adaptativa do homem na natureza e depende da qualidade da interação com o ambiente.

As mídias enquanto ciência nos afoga em informações e, sendo assim, mesmo o especialista da disciplina mais restrita não chega a tomar conhecimento

²⁴Dr. Kubey, professor of Journalism and Media Studies, and director of the Center for Media Studies at Rutgers University. His publications have focused on the psychological experience of media and the state of media literacy education in the United States and worldwide.

das informações pertinentes a sua área, pois há cada vez mais, uma gigantesca proliferação de conhecimentos, escapando do controle humano. Isso contempla nossa realidade, pois a informação é o elemento que o conhecimento precisaria conter e agregar, o conhecimento precisaria constantemente ser visto e revisto pelo pensamento, pois esse último é o bem mais valioso para o sujeito e a sociedade. (MORIN, 2008)

Concluindo este capítulo, no qual se buscou descrever um panorama atualizado acerca das mídias, sua classificação segundo autores relevantes na área, seus impactos na sociedade contemporânea. A questão da democratização do acesso à informação propiciada pelos veículos de comunicação versus a exclusão digital e finalmente, o conceito de mídia-educação proposto por pesquisadores que se preocupam com essa interface. Foi também discorrido sobre o desenvolvimento dos estudos de mídia-educação em diferentes países e a importância de estudarmos as mídias nas escolas brasileiras.

Enfim, esse capítulo procurou demonstrar a importância de se estudar as mídias na educação formal, já que estão tão inseridas na nossa vida como a geografia, história, e demais disciplinas, servindo inclusive de veículo para a relação educador-educando. Sua introdução de forma sistemática e gradual, em termos de estrutura e conteúdo possibilitará que os jovens, foco desse estudo, desenvolvam as habilidades necessárias para a análise crítica do que veiculam jornais, revistas, propagandas, programas de TV, etc.

O capítulo seguinte envolverá o assunto educação em suas diferentes perspectivas tais como: sua importância na formação dos jovens, o contexto da educação no Brasil, o papel da escola e do professor/ educador e as possíveis alternativas para a educação e a construção da cidadania.

3 A EDUCAÇÃO E O AMBIENTE ESCOLAR BRASILEIRO

Como foi visto no capítulo anterior sobre as mídias, as tecnologias propiciaram novos espaços para o conhecimento. O advento da *internet* permitiu que, além da interatividade e instantaneidade, as pessoas tivessem acesso a um volume grande de informações. Essas mudanças, conseqüentemente, trouxeram novas oportunidades para as diversas áreas de ensino e pesquisa. Constatamos que as novas mídias, de certa forma, democratizaram a informação e o conhecimento, em oposição às mídias tradicionais - embora ainda necessitemos de políticas públicas adequadas para assegurar o acesso permanente dessas tecnologias a todos os cidadãos.

Para entendermos em que medida o planejamento do futuro de uma sociedade tem relação com o conhecimento adquirido pela mesma, devemos relacionar o desenvolvimento do país com a qualidade da educação oferecida (FREIRE, 1983; GUARESCHI, 2005; MATURANA, 2009; MORIN 2008). Cabe salientar que a correlação entre qualidade de vida e educação será positiva se a educação for construída a partir do contexto cultural no qual deve ser disseminada. Portanto, neste terceiro capítulo serão apresentadas algumas reflexões acerca da educação formal, sua importância na construção de valores e identidade dos jovens, o papel da escola e do professor/educador, além de observar o contexto escolar brasileiro (currículo obrigatório, temas transversais, problemas enfrentados na escola, etc.). E, por fim, abordarei sobre as novas alternativas para a educação e a construção da cidadania.

3.1 A EDUCAÇÃO E O PAPEL DA ESCOLA

Freire, em seu livro, *Pedagogia do Oprimido* (1983), exalta a educação contextualizada, construída no cotidiano dos indivíduos (crianças e adultos) criticando a educação “bancária”- onde o professor/ educador depositaria e/ou transferiria seus conhecimentos e conteúdos para os alunos. Na concepção de

Freire, havia o exercício da dominação e de domesticação por parte dos educadores com os educandos, pois essa educação não levava em conta os conhecimentos e as experiências trazidos pelos alunos para a escola. Os educadores, por sua vez, que optavam por essa educação “bancária” inibiam os seus alunos na sua criatividade e espontaneidade transformando o desejo de aprender em adaptação ao que lhes era imposto.

Desta forma, na visão de Freire (1983), seria a educação como prática da liberdade, a educação problematizadora, na qual os alunos teriam consciência do mundo através das reflexões das suas relações com ele (mundo). O educador ainda afirma:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (p.81)

Embora seu texto tenha sido escrito nas décadas de 60 e 70, ainda podemos perceber que esse sistema de educação se faz presente em nossa sociedade, ou seja, mais de trinta anos se passaram e não houve avanços significativos no currículo e sistema de ensino das escolas.

Paulo Freire enfatiza o respeito ao indivíduo:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo ‘encha’ de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes’ e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 1983:77)

A citação do autor apresenta o ato de educar como um processo contínuo e também relacionado com o aspecto da convivência entre as pessoas, ou seja, uma visão mais abrangente sobre a educação do que geralmente é apresentado pelos estudiosos da área.

O entendimento é de que os estudantes/ alunos são sujeitos que possuem conhecimentos e experiências de vida e não apenas indivíduos vazios, receptores que nada sabem. O conhecimento é construído, portanto, a partir da troca de

experiências, nas discussões e relações sujeitos-mundo. Ao professor/educador caberia o direcionamento dessas atividades, expandindo a consciência dos alunos a respeito do mundo e dos valores (ética, cidadania, etc.), e não limitando suas compreensões depositando conteúdos de forma mecânica e sem relação alguma com o meio em que os estudantes vivem.

Para Morin (2008, p.22) a educação:

[...] deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e, correlativamente, estimular o pleno emprego da inteligência geral. Esse pleno emprego exige o livre exercício da faculdade mais comum e mais ativa na infância e na adolescência, a curiosidade, que, muito frequentemente, é aniquilada pela instrução, quando, ao contrário, trata-se de estimulá-la ou despertá-la, se estiver adormecida. Trata-se, desde cedo, de encorajar, de instigar a aptidão interrogativa e orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nossa época [...].

O mesmo autor dissertando sobre a educação também fala da fragilidade do ensino, quando remete à questão da compartimentação dos saberes e a incapacidade de articulá-los, uns aos outros. Sendo assim, a educação deveria, segundo Morin (2008) desenvolver nos estudantes as habilidades de contextualizar e integrar os conhecimentos.

Do ponto de vista de Maturana (2009, p. 29):

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem.

No campo da sociologia, Pierre Bourdieu (2002) reafirma a importância do contexto cultural para a educação, pois os alunos não são seres “vazios”. Em uma de suas teses da Sociologia da Educação, o pesquisador negava-se a limitar os alunos a seres abstratos (descontextualizados) que concorreriam em condições, de certa forma, igualitárias na escola. Bourdieu propôs que os alunos seriam sujeitos constituídos que carregariam uma bagagem social e cultural diferenciada e consideravelmente rentável ao mercado escolar. E por isso, dizia que o nível de sucesso obtido pelos mesmos, ao longo da vida escolar não poderia ser esclarecido

através das suas habilidades pessoais – relacionando às questões de constituição biológica ou psicológica - mas pela sua raiz social que os assentaria em condições mais ou menos favoráveis perante as exigências escolares.

Enquanto Maturana (2009) relaciona a educação como “sistema educacional”, em que comporia uma realidade e os alunos carregam em suas vivências essa realidade vivida pela educação. Os professores por sua vez, confirmam a realidade que vivem como professores nas trocas com seus alunos. A educação, como propõe esse teórico, seria um processo contínuo ao longo da vida. Enquanto que o educar se refere ao sistema conservador da sociedade onde vivemos. Porém isso não quer dizer que a realidade do educar não se modifique, e sim que a educação, quanto à formação da criança e do adulto tenha consequências de extensa duração e não se modifique facilmente.

As indagações não se restringem a responder as perguntas para que e para quem serve a educação, mas sim, questionar: O que queremos da educação? O que é educar? Para que queremos educar? (PIAGET, 1948; MATURANA, 2009).

Guareschi (2005) igualmente concorda que a educação não pode estar desvinculada da política, uma vez que essa ligação implica em refletir qual a sociedade que almejamos. A política, para esse autor, deveria estar contida no processo educativo, envolvendo também a produção do conhecimento direcionado para o pensamento crítico e para as atitudes de cidadania.

Ao tratar de política, também não podemos esquecer-nos do governo, essa instituição social que regula e decide em nome dos cidadãos. A história dos governos, por sua vez, também é importante para compreender algumas características vivenciadas pela sociedade.

A escola é uma instituição social com propósito educativo e, sendo assim, teria o papel de formar cidadãos capacitados para atuarem com competência e respeito na sociedade em que estão inseridos. Através da escolha dos conteúdos pertinentes às questões sociais, cujo estudo e reflexão sejam avaliados como importantes, a escola permite que os alunos se desenvolvam e socializem, entendendo seus direitos e deveres, e com a apropriação desses conteúdos de maneira crítica e criativa.

Sendo assim, a escola:

[...] constitui-se num lugar de formação, ambiência que promove relações formativas na interação, oportunizando ao sujeito, o respeito por si e pelo outro, possibilitando a aprendizagem da solidariedade, e a compreensão da diversidade como riqueza humana. (p.6)²⁵

Fischer (2005) descreve a escola como um espaço distinto no qual os professores e alunos poderiam refletir sobre o momento que estão vivenciando, pensar sobre as questões sociais contemporâneas, enfim a escola como: "... espaço para que se produza pensamento, que se criem ideias para além do que parece estar 'enraizados em nós'" (FISCHER, 2005, p.12).

Caberia então à escola, neste contexto de saturação de informações, adotar o conhecimento enquanto prática gratificante de contentamento, escolhendo e revisando criticamente as mensagens e não apenas recebendo-as e aceitando-as. Elaborando conhecimentos sofisticados e numa perspectiva mais abrangente da educação, a escola teria que fazer tudo isso em favor dos excluídos, não diferenciando classes sociais e nem distribuindo poderes, mas fazendo com que todos entendam o que é o poder, e utilizem as tecnologias em prol do exercício da cidadania (GADOTTI, 2000).

Por outro lado, na perspectiva de Pierre Bourdieu e Paulo Freire²⁶, a escola teria o seu papel na reprodução das desigualdades sociais. Ambos questionam a neutralidade da escola, dizendo que se trata de uma instituição que representa e cobra dos alunos as aspirações, as crenças, as atitudes e os valores dos grupos dominantes, aparentando uma cultura universal. A escola teria como função social a reprodução das desigualdades sociais através dos seus métodos de ensino, seu currículo e suas formas de avaliação. Cumprindo o papel de legitimadora dessas diferenças sociais, ao disfarçar as diferenças acadêmicas e cognitivas relacionando aos méritos e dons individuais.²⁷

²⁵ Retirado do material do Curso de Qualificação de Educadores para Participação Social Solidária Voluntária e Mobilização Juvenil. Curso realizado nos meses de Agosto/Setembro de 2011, na ONG Parceiros Voluntários, Porto Alegre/RS.

²⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 13ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1983.

²⁷ (p.18) NOGUEIRA, Cláudio M. Martins & NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº78, Abril/2002. Acesso em: 01/09/2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>

3.1.1 Educador ou Professor?

*O professor atual não é mais um **informador**: a informação vem através do rádio, televisão, cinema, revistas, livros, cartazes.*

(LIMA, 1979 *Apud* McLuhan: p.10).

Quando discorremos sobre a educação não podemos nos esquecer da atuação do educador/professor. Embora exista, de certa maneira, um consenso no que se refere ao papel do educador/professor na missão de ensinar, ou seja, que ele tem a responsabilidade na condução dos processos do aprendizado na escola, ainda notamos uma diferenciação entre os conceitos de educador e professor.

Essa distinção provavelmente seja devido ao fato de percebermos o conceito de professor de maneira limitada, reduzindo o seu trabalho a transmitir conteúdos para os alunos, ou seja, somente o professor teria o conhecimento em sala de aula. Enquanto que o conceito de educador abrangeria uma dimensão maior do que apenas esse citado. Esse profissional seria um agente de crescimento e transformação através da sua missão de educar, portanto:

[...] a missão do educador não pode estar atrelada à mera atividade profissional, pois a docência extrapola a questão funcional. Quem tem a missão de educar para a vida, deve sentir amor pelos alunos, pelo conhecimento e, sobretudo, desejo e prazer em educar. Essa missão supõe crença na possibilidade de transformação do ser humano. (p.6)²⁸

Como foi visto anteriormente, o conhecimento deve ser construído e não, transmitido sem levar em conta o aluno e a sua bagagem cultural. No que consistiria então, a missão de ensinar?

Segundo Morin (2008) a missão de ensinar apresenta como pontos essenciais:

²⁸ Retirado do material do Curso de Qualificação de Educadores para Participação Social Solidária Voluntária e Mobilização Juvenil. Curso realizado nos meses de Agosto/Setembro de 2011, na ONG Parceiros Voluntários, Porto Alegre/RS.

- distinguir, contextualizar, globalizar os problemas multidimensionais, globais e fundamentais, e dedicar-se a eles;
- preparar as mentes para responder aos desafios que a crescente complexidade dos problemas impõe ao conhecimento humano;
- preparar as mentes para enfrentar as incertezas que não param de aumentar, levando-as não somente a descobrirem a história incerta e aleatória do Universo, da vida, da humanidade, mas também promovendo nelas a inteligência estratégica e a aposta em um mundo melhor.
- educar para a compreensão humana entre os próximos e os distantes;
- [...] ensinar a cidadania terrena, ensinando a humanidade em sua unidade antropológica e suas diversidades individuais e culturais, bem como em sua comunidade de destino, própria à era planetária, e que todos os animais enfrentam os mesmos problemas vitais e mortais.” (p.102-103).

Como percebemos na citação acima, o autor pontua os principais fundamentos para professores/ educadores seguirem com relação ao ensino dos seus alunos, preparando-os para o mundo, para enfrentarem as incertezas da vida, enfim, para tomarem decisões e agirem de maneira autônoma como cidadãos conscientes.

A atitude de ensinar vai muito além do que as aulas as quais estamos acostumados, onde o professor apresenta um texto ou a repetição de conteúdos e os alunos confinados numa sala, frente ao quadro-negro, copiam sem qualquer reflexão, as anotações que o professor escreveu no quadro (LIMA, 1979 *Apud* McLuhan). Ou seja, dispendo desse tempo em sala de aula para trabalhar com conteúdos e materiais que poderiam ser lidos e estudados em casa e, a partir daí então, discutidos em sala de aula.

Sobre esse sistema de ensino, McLuhan afirma:

Pode-se não saber como será a classe no futuro, mas já se sabe que não será esta que aí está. Esta classe foi inventada na Idade Média, quando o professor era o único informador disponível, pois não se dispunha sequer de livros (papel, imprensa). (LIMA, 1979 *Apud* McLuhan p.15).

É possível afirmar que esse sistema de ensino não serve para essa nova geração que cresceu com a *internet* e a possibilidade de interagir constantemente. Por isso, é preciso pensar na questão da participação dos alunos nas salas de aula. Os alunos nesse antigo sistema educacional portam-se como meros espectadores, fazendo parte de uma plateia, que muitas vezes, não participa. Daí a necessidade do engajamento do aluno no processo didático, pensando em técnicas para atrair a atenção dos jovens, além do trabalho com a ludicidade e o trabalho em equipe.

Como afirma Guareschi (2005):

Os pensadores da educação, diante da possibilidade de acesso quase infinito às informações, concordam que a grande tarefa da educação é preparar os jovens para que consigam selecionar, fazer a pergunta, conseguir discernir o que querem. Quem faz o uso da Internet pode ter, hoje, informações sobre quase tudo e instantaneamente. (p.40)

O educador necessita de apoio e suporte para a formação permanente, promovendo interlocução com as demais áreas de conhecimento – sem sobrecarregar sua jornada de trabalho. Conseqüentemente, isso poderá facilitar aos alunos a reflexão crítica e a desenvolverem competências e habilidades sóciocognitivas.

No meu entender, o educador teria um papel de estimulador, motivador de habilidade e potencializador de competências nos alunos. Mas para que isso seja possível, esses profissionais, bem como outros profissionais da área da educação, devem mudar esses antigos paradigmas da escola tradicional, onde o professor é tido como mero transmissor de informações.

Talvez a dificuldade de mudança nessa metodologia esteja na formação dos professores e/ou na falta de constante atualização desses profissionais. Alguns por estarem a muito tempo no mercado ainda não “aprenderam” como utilizar as tecnologias em sala de aula.

E a própria questão das novas tecnologias apresenta uma incerteza sobre o futuro dessa profissão. Caso não seja ressignificado o papel do educador/ professor, acredito que seja bem possível que o mesmo seja “substituído” pelo computador entre outros aparelhos. Uma vez que se a questão é apenas transmitir informações, dispomos com a internet possibilidades de navegar em uma imensidão de informações.

3.2 O CURRÍCULO ESCOLAR BRASILEIRO

[...] É preciso destruir a mentalidade baseada na repetição dos fatos históricos com relação aos países subdesenvolvidos. Os fatos a toda hora comprovam que os países subdesenvolvidos estão em situação privilegiada para <queimar etapas>, uma vez que não possuem estruturas arcaicas (e, geralmente, boas) a substituir. Os países subdesenvolvidos, mais que os países adiantados, podem adotar soluções extremamente ousadas (centrais atômicas em vez de outros processos obsoletos de produção de energia; satélites em vez de torres e redes de televisão; trens aéreos em vez de metrô, etc.). Em educação, toda situação clássica é uma ameaça ao arranco para o desenvolvimento: o papel da educação no mundo subdesenvolvido é exercitar a imaginação em busca de soluções inteiramente novas, jamais repetir as soluções históricas do mundo desenvolvido. (LIMA, 1979 *Apud* McLuhan. P.24).

A sociedade brasileira é marcada por relações sociais hierarquizadas e por privilégios que refletem desigualdade, injustiça e exclusão social. Essa sociedade com características paternalista e relações de favores, em que a população entende que todas as atitudes e decisões dizem respeito ao governo, é consequência de um longo período de escravidão e uma longa experiência com governos ditatoriais. É nesse sentido que a discussão sobre a educação e a cidadania significa hoje a transformação dessas relações sociais nas esferas econômica, política e cultural, para assegurar a todos o direito de serem cidadãos.

Para compreender a importância que os governos conferem à educação, é necessário verificar, primeiramente, o entendimento contido nas leis que definem e garantem a educação para a população. O Estado brasileiro entende a educação como: “elemento constitutivo da pessoa e, portanto, deve estar presente desde o momento em que ela nasce, como meio e condição de formação, desenvolvimento, integração social e realização pessoal”²⁹.

Os Parâmetros Curriculares definem a educação nacional e auxiliam na preparação dos currículos dos Estados e Municípios. Segundo estabelecido pelo Ministério da Educação e do Desporto, com a Secretaria da Educação Fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

²⁹Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado pela Lei nº10.172 em 09/01/2001.

Acesso

em

27/08/2011.

Disponível

em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>

[...] constituem o primeiro nível de concretização curricular. São uma referência nacional para o ensino fundamental; estabelecem uma meta educacional para a qual devem convergir as ações políticas do Ministério da Educação e do Desporto, tais como os projetos ligados à sua competência na formação inicial e continuada de professores, à análise e compra de livros e outros materiais didáticos e à avaliação nacional. Têm como função subsidiar a elaboração ou a revisão curricular dos Estados e Municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna das escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores. (BRASIL, 1997, p.29)

E utilizando-se da proposta dos PCN, a educação escolar é concebida como:

[...] uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente. (BRASIL, 1997, p.33)

Para o Ministério da Educação e do Desporto, a atividade escolar se diferenciaria de outras atividades educativas (como aquelas que se dão no ambiente familiar, trabalho, meio midiático, entre outras formas de convívio social), por se constituir “uma ação intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças e jovens durante um período contínuo e extenso de tempo”. (BRASIL, 1997, p.33-34). E ainda explica o papel da escola na educação e na formação dos cidadãos, através da inserção dos alunos nas questões sociais:

Isso requer que a escola seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior. (BRASIL, 1997, p.33)³⁰

Através do Plano Nacional de Educação (PNE)³¹, o governo prevê em lei que seja garantido a todas as crianças, com idades entre 7 a 14 anos, o ensino

³⁰ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto - Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p. Acesso em: 27/08/2011. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>

³¹ Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado pela LEI Nº 10.172 em 09/01/2001. Acesso em 27/08/2011. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>

fundamental obrigatório, com duração de oito anos, além de assegurar o ingresso e permanência na escola e a conclusão desse ensino.

Uma das prioridades estabelecidas nesse plano, diz respeito à erradicação do analfabetismo e tem como ponto de partida a alfabetização de jovens e adultos no ensino fundamental. Com isso, garantindo a todos a oportunidade de estudar, até mesmo aqueles que não tiveram acesso quando jovens ou que não concluíram seus estudos.

Está previsto nesse plano também a ampliação do atendimento nos demais níveis de ensino (extensão da escolaridade obrigatória, gradual extensão do acesso ao ensino médio para todos os jovens que completam o nível anterior, como também para os jovens e adultos que não cursaram os níveis de ensino nas idades próprias) e a valorização dos profissionais da educação.

Com relação ao currículo das escolas, o governo brasileiro decide com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) através do Artigo nº26 que:

§ 1º Os currículos a que se refere o *caput* devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.³²

E mais adiante, ainda sobre a promoção da educação nas escolas, o governo determina no artigo nº 32 que devem ser oportunizados:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Como podemos perceber com essas leis, o governo atribui importância ao desenvolvimento da educação para crianças, jovens e adultos brasileiros, porém o foco principal dos currículos escolares ainda tem sido preparar para um possível mercado e não para formar cidadãos para a vida.

³² Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) aprovada pela LEI Nº 9.394, em 20/12/1996. Acesso em: 27/08/2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm >

Sendo assim, além das disciplinas básicas, o governo brasileiro também adotou a inclusão de Temas Transversais³³ como resposta aos problemas fundamentais e urgentes enfrentados na vida social. Contemplam, portanto, os Temas Transversais: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual.

Ética- Esse tema diz respeito às reflexões sobre as condutas humanas. Trata sobre a tomada de posição e decisões considerando as normas e os valores de igualdade e equidade (justiça), enfim a formação da cidadania. A escola através desse tema transversal possibilita o desenvolvimento da autonomia moral e condição para a reflexão ética. Blocos de conteúdos trabalhados nesse Tema: Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo e Solidariedade, valores referenciados no princípio da dignidade do ser humano, um dos fundamentos da Constituição brasileira.

Pluralidade Cultural – Tema que propõe tratar sobre as diferenças culturais que existem nos grupos, valorizando a riqueza apresentada nessa diversidade etnocultural que compõe a sociedade brasileira. Nesse sentido, a escola trabalhando com o objetivo de promover o respeito e a superar o preconceito e a discriminação.

Meio Ambiente – Tema que aborda as relações entre os seres humanos e o meio ambiente, o impacto das ações homem na natureza, equilíbrio ambiental e as relações sociais, econômicas e culturais.

Saúde – Esse Tema Transversal visa valorizar a saúde, permitir que os alunos compreendam a saúde como direito e responsabilidade pessoal e social. Levar em conta, por exemplo, a qualidade do ar que se respira, o consumismo desenfreado e a miséria, a degradação social e a desnutrição, formas de inserção das diferentes parcelas da população no mundo do trabalho, estilos de vida pessoal, etc.

Orientação Sexual – Tema que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Propõem-se três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às

³³ Temas integrados no currículo por meio do que se chama de transversalidade: pretende-se que esses temas integrem as áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, relacionando-as às questões da atualidade. Acesso em: 03/09/2011. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf> >

Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Contribuindo para a adoção de condutas preventivas por parte dos jovens.

Esses temas foram estabelecidos pelo governo conforme os seguintes critérios: urgência social, abrangência nacional, possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e favorecimento da compreensão da realidade e a participação social.

3.2.1 As vicissitudes da educação formal

A O Brasil, além de ser o 5º maior país do mundo³⁴ ele é também considerado a 7º maior economia do planeta³⁵, apesar disso no quesito educação, ocupamos o 88º lugar, ficando atrás de países como Argentina, Chile, Equador e Bolívia, numa avaliação envolvendo outros 127 países³⁶.

Há grandes diferenças, tanto econômicas quanto sociais e educacionais, entre os estados brasileiros. Cada região possui características distintas na área da educação, e para analisar essas diferentes situações no sistema escolar dos municípios e estados, são realizadas, pesquisas e estudos, tanto por parte do governo, quanto por instituições privadas e os meios de comunicação. A partir desses resultados são pensadas políticas públicas de acordo com cada região.

No corrente ano de 2011, o Jornal Nacional, programa de notícias exibido em horário nobre pela emissora de televisão Rede Globo, mostrou diversas matérias, entrevistas e pesquisas sobre a educação no Brasil. Uma delas foi a *Blitz da Educação*³⁷, pesquisa que envolveu cinco cidades, uma em cada região do país (Rio

³⁴ Site da CIA – Central Intelligence Agency. Acesso em: 11/09/2011. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2147rank.html>>.

³⁵ Edição do Jornal Nacional, dia 09/05/2011. Pesquisa sobre o índice de analfabetismo: Apenas 25% dos brasileiros são plenamente alfabetizados. Acesso em 10/09/2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/05/apenas-25-dos-brasileiros-sao-plenamente-alfabetizados.html>>.

³⁶ Guia do Estudante. Sessão Vestibular. *Brasil fica em 88º lugar em ranking de educação da Unesco: País tem 700 mil crianças fora da escola primária, aponta estudo*. Matéria veiculada no dia 01/03/2011. Acesso em: 13/10/2011. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/brasil-fica-88o-lugar-ranking-educacao-unesco-620646.shtml>>

³⁷ Pesquisa realizada pelo Jornal Nacional. Edição do dia 21/05/2011. Acesso em: 11/09/2011. Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/05/balanco-da-blitz-da-educacao-mostra-acertos-e-desafios-das-escolas.html>>.

Grande do Sul, Espírito Santo, Ceará, Goiânia e Pará) mostrando o perfil dessas instituições escolares públicas e os seus principais problemas com relação à educação, tais como: infraestruturas inadequadas para a prática do ensino, carência de materiais didáticos, enfim algumas com condições de ensino precárias, etc.

Ainda em 2011, outra matéria exibida pelo Jornal Nacional, mostrou uma pesquisa³⁸, que apontava que apenas 25% dos brasileiros seriam plenamente alfabetizados. Apresentando um dado agravante: a taxa de analfabetismo funcional aponta 28%, e desses mais da metade estudou até a quarta série e 24% concluíram o ensino fundamental, na oitava série.³⁹

Infelizmente, esses dados também são comprovados em outras pesquisas nacionais e internacionais como a do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), que revelaram o baixíssimo nível de compreensão, interpretação e reflexão dos alunos brasileiros, estudantes do Ensino Fundamental e Médio. (CALDAS, 2006, p.118-119)

Outro estudo da área da educação que teve também destaque foi o do Comitê Gestor da Internet no Brasil⁴⁰, (já citado no capítulo anterior sobre Mídias) o qual tratava do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas escolas brasileiras. O levantamento deu-se entre os meses de agosto e novembro de 2010, com uma amostra de 500 escolas, a partir dos dados do Censo Escolar de 2007. Foram realizadas 7.453 entrevistas envolvendo alunos, professores, coordenadores pedagógicos e diretores de escolas públicas do Brasil, estaduais ou municipais, de áreas metropolitanas, que ofereciam o Ensino Fundamental e Médio.

Ressalto outros dados obtidos com a pesquisa, com relação ao perfil do professor, aprendizado e habilidades tecnológicas foram:

- Perfil dos professores, por sexo: mulheres (77%), homens (23%);

³⁸ Pesquisa produzida por Gustavo Ioshpe, economista e especialista em educação da Revista Veja. Disponível em: http://veja.abril.com.br/gustavo_ioschpe/index.shtml

³⁹ Edição do Jornal Nacional, dia 09/05/2011. Pesquisa sobre o índice de analfabetismo: Apenas 25% dos brasileiros são plenamente alfabetizados. Acesso em 10/09/2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/05/apenas-25-dos-brasileiros-sao-plenamente-alfabetizados.html>>

⁴⁰ TIC Educação 2010 – Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras, promovida pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil. Realizada entre os meses de agosto e novembro de 2010. Acesso em 06/09/2011. Disponível em: <<http://www.revistapontocom.org.br/destaques/escola-e-tecnologia-uma-radiografia-brasileira>>

- **Perfil dos professores, por faixa etária:** até 30 anos de idade (16%), entre 31 e 45 anos de idade (55%), mais de 46 anos de idade (29%);

- **Perfil dos professores, por grau de formação:** Ensino Médio – magistério (3%), Ensino Médio – Outros (1%), Ensino Superior – pedagogia (21%), Ensino Superior – licenciatura em matemática (24%), Ensino Superior – licenciatura em letras (25%), Magistério Superior (3%), Ensino Superior – Outros – (22%);

- **Proporção de professores que realizaram pós-graduação ou especialização:** Não fez ou ainda não completou nenhum curso de pós-graduação (40%), Fez especialização mínimo de 360 horas (56%), Mestrado (4%), Doutorado (0%);

- **Perfil dos professores, por renda pessoal:** Até 3 salários mínimos (42%), Mais de 3 até 5 salários mínimos (37%), Mais de 5 até 10 salários mínimos (18%), Mais de 10 salários mínimos (2%), Recusou responder (1%)

Neste estudo, o perfil do professor é traçado como sendo a maioria do sexo feminino, na faixa entre 31 e 45 anos, com ensino superior completo e especialização na área, recebendo até 3 (três) salários mínimos.

Da perspectiva dos professores, a principal limitação percebida na pesquisa para maior uso das TIC na escola é seu nível de habilidade tecnológica mais baixo quando comparado ao do aluno. Grande parte dos professores (64%) concorda totalmente que os alunos da escola sabem mais sobre computador e Internet do que o docente.

Outra publicação neste ano que repercutiu em diversos veículos de comunicação de massa⁴¹, foram os dados do Censo Escolar 2011. Esse levantamento preliminar do Ministério da Educação, divulgado em setembro pelo Diário Oficial da União, mostrou que houve uma queda significativa no número de matrículas de alunos entre o período de 2009 e 2011 nas escolas brasileiras. Os dados coletados indicam uma diminuição de 5,8% nas inscrições da rede pública de ensino, o que representa mais de 114,2 mil matrículas (ZERO HORA, 2011).

Penso que os principais problemas enfrentados no contexto escolar envolvem três aspectos gerais, que proponho dividi-los em: recursos, relações e resultados.

- Recursos - envolveria as seguintes dificuldades: acesso aos materiais didáticos, salários dignos, disponibilidade de verbas para reformas da estrutura física e aquisição de tecnologias, etc.

⁴¹ Reportagem do jornal ZERO HORA. Porto Alegre, 24/09/2011. Ano 48, n. 16.790, 2ºed. Sessão Editorial: Investimento na Qualidade. p.14

- Relações - descreve os problemas enfrentados nas diversas relações existentes no âmbito escolar (aluno-aluno, aluno-professor, escola-família, escola-governo), tais como: violência, falta de respeito, *bullying*, indiferença, descaso, entre outros.
- Resultados - faz referência às metas propostas pela educação. Os problemas encontrados nos resultados dizem respeito às: notas baixas, repetência, evasão escolar, escolarização incompleta, etc.

As taxas de repetência provam a baixa qualidade do ensino e a incapacidade do sistema educacional e das escolas de assegurar a permanência do aluno.

Essa tendência é muito significativa. Estudos indicam que a repetência constitui um dos problemas do quadro educacional do País, uma vez que os alunos passam, em média, 5 anos na escola antes de se evadirem ou levam cerca de 11,2 anos para concluir as oito séries de escolaridade obrigatória. No entanto, a grande maioria da população estudantil acaba desistindo da escola, desestimulada em razão das altas taxas de repetência e pressionada por fatores socioeconômicos que obrigam boa parte dos alunos ao trabalho precoce. [...] apenas 51% do total de alunos são promovidos, enquanto 44% repetem, reproduzindo assim o ciclo de retenção que acaba expulsando os alunos da escola. (BRASIL, 1997, p.19)

Algumas situações que prejudicam a qualidade de vida da criança e o seu direito de aprender: o aluno que trabalha e estuda; a grande distância entre a escola e o local de moradia; a indicação política de diretores, a falta de professores e a indisciplina em sala de aula.

3.3 NOVAS ALTERNATIVAS PARA A EDUCAÇÃO E PARA CIDADANIA

Frente à profusão de possibilidades ou limitações, acredito ser nosso dever enquanto cidadãos e profissionais da área de comunicação, contribuirmos na construção de alternativas para uma educação de qualidade a todos os brasileiros. Melhorar as fraquezas, os pontos negativos apresentados pelas pesquisas e que se fazem presentes no contexto escolar é necessário, não somente para atingir as metas determinadas pela Secretaria da Educação, mas também para o desenvolvimento do país.

Valorizar a escola e o trabalho dos professores/educadores, capacitando-os para o uso das tecnologias, distribuindo mais investimentos em reformas, alimentação e materiais didáticos, promovendo cursos (talvez à distância) e a formação permanente e oferecendo salários dignos e planos de carreira (governo) para esses profissionais.

É preciso promover a aproximação das instituições família, escola e governo, principalmente a família e a escola.

Elaborar metodologias a fim de tornar as aulas mais interessantes e, como foi apontado no capítulo 2, é imprescindível trazer à discussão e a utilização das mídias para as escolas. Como afirma Fischer (2005):

[...] entendemos que é possível criar nas escolas situações as mais variadas de problematizar o que nos acontece neste presente, a partir de trabalhos que tenham como ponto de partida a mídia e suas construções imaginárias sobre vida privada, vida pública, modos de ser adolescente, jovem, homem, mulher neste Brasil do século XXI. (p.13)

Assumpção (2001, p. 34) também compartilha a opinião de que se deve discutir a mídia na escola ao apontar que:

A escola não pode desconsiderar ou negar a presença das mídias no cotidiano dos alunos. As novas tecnologias fazem parte do mundo da escola, do educando e do educador. Todos vivem e convivem numa sociedade movida pela informação. O rádio, como as outras mídias eletrônicas, é mais dinâmico, atraente, sedutor e rápido do que a dinâmica escolar.

Criando mecanismos de participação da juventude no ambiente escolar e também na comunidade em que ele vive, como por exemplo, as escolas que incentivam os alunos ao voluntariado e trabalham constantemente os conceitos e os valores de cidadania, respeito e ética. Garantindo assim, a aprendizagem essencial para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuarem com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem. As escolas com educadores mais engajados e alunos participantes ativos.

Enfim, como propõe Maturana (2009) em *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*, que o educar promova nos jovens a aceitação e o respeito, pois ao se respeitarem como seres humanos, poderão aceitar e respeitar aos outros.

Dessa maneira os educadores devem reconhecer que não são seres superiores, mas sim que estão em constantes mudanças.

Nesse capítulo foi apresentada uma síntese sobre a educação segundo alguns estudiosos. Foi abordada a função da escola e do professor/educador na formação dos jovens, o sistema educacional no Brasil - relatando algumas leis que mostram o posicionamento do governo - e um levantamento de pesquisas que tratam dos diversos problemas enfrentados nessa área. Enfim, os principais aspectos e algumas possibilidades de mudanças para a educação e a cidadania.

O próximo capítulo discorrerá, utilizando-se da visão da Psicologia, sobre a adolescência, essa importante fase da vida na qual os aspectos físicos e psíquicos dos indivíduos estão em formação. Também será abordado o conceito de juventude, a relação do adolescente com algumas das figuras de referência (família, mídias, etc.) e o conceito de normalidade apresentado por alguns autores. E por fim, será discutida a participação social, através do protagonismo juvenil, no movimento voluntariado.

4 ADOLESCÊNCIA, CONSTRUÇÃO DE VALORES E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Como foram abordadas nos capítulos anteriores, a mídias e a escola enquanto instituições sociais têm forte influência na vida dos indivíduos e, principalmente, dos adolescentes.

Tanto as mídias quanto a escola servem de referências para que crianças e adolescentes adotem determinadas “posturas sociais”, estabeleçam seus grupos conforme seus gostos e valores, tais como: a seleção de músicas, atitudes, maneiras de se vestir (moda) etc.

Este capítulo busca analisar as interações e contexto sociais, nos quais podemos tomar o adolescente como “ator principal”. Aborda o processo de transição da infância para a adolescência que compreende o período o qual o ocorre uma série de mudanças no corpo (perda do corpo infantil) em função da produção hormonal e o surgimento dos caracteres sexuais secundários (pelos pubianos nas meninas, barba e mudança de voz nos meninos). Enfim, desencadeando a busca por formas de identificação, pertencimento e participação na sociedade. Também serão abordados o aspecto de normalidade durante esse período e as influências que a família, assim com outras instituições sociais, exercem nos adolescentes.

4.1 ADOLESCÊNCIA

O termo adolescência deriva do latim *adolescencia*, assim como *adolescer*, provém de *adolescere*. Ambos os termos apontam para um crescer, desenvolver-se, sair da infância e ir em direção ao “mundo dos adultos”, demarcando etimologicamente a adolescência como o tempo da mudança. Considera-se que essas modificações ocorrem em diversos níveis, não apenas no corpo do sujeito, pelas manifestações pubertárias, mas também em sua subjetividade e nas suas relações com o mundo que o cerca. (RAUPP, 2006, p.11)

A adolescência possui suas peculiaridades, e crises específicas dessa etapa da vida humana, envolvendo aspectos biopsicossociais.

A puberdade, por sua vez, diz respeito às mudanças físicas e a capacidade de gerar que ocorrem durante esse período (puberdade do latim, *pubertas*, de púber: adulto) (ABERASTURY & KNOBEL, 1981).

No Brasil, segundo os dados estatísticos do censo do IBGE (ainda de 2006) a população com idade entre 10 a 19 anos, compreendia cerca dos 21%, ou seja, aproximadamente 35.302.872 adolescentes (50,4% homens e 49,5% mulheres).

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei n.º 8.069/90 (BRASIL, 1990)⁴²: “Art. 2º Considera-se criança, [...] a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Por outro lado, a Organização Mundial da Saúde (OMS) compreende a adolescência como o período entre os 10 aos 19 anos e define a juventude como período que vai dos 15 aos 24 anos. O Ministério da Saúde, igualmente toma por base essa definição da OMS, delimitando a juventude brasileira entre os 10 e 24 anos de idade (BRASIL, 2006).⁴³ Como percebemos as definições com relação à idade variam apesar do consenso de que exista essa fase intermediária.

Segundo a psicologia contemporânea, as mudanças abruptas e os conflitos dessa etapa não são indícios de patologias psicossociais, mas parte do desenvolvimento e etapa intermediária entre a infância e a vida adulta, ou seja, todos que chegam à vida adulta teriam passado pela adolescência.

Milnitsky-Sapiro (2005) aborda o tema da adolescência na contemporaneidade descrevendo tanto as marcas do momento histórico como as da “passagem” das mudanças físicas e identitárias:

Mesmo que se entenda hoje, a adolescência como uma invenção da contemporaneidade, não há como sustentar uma negação de que as mudanças fisiológicas e hormonais proclamadoras da puberdade demarcam características de um tempo (mesmo breve) "entre" um lugar infantil e um lugar no mundo adulto, e que a contemporaneidade tem caracterizado a ausência desse (entre) lugar. Reconhecemos ainda, que o processo adolescente eclode, embora preso e marcado pela história do sujeito, no

⁴² Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo - Comissão de Direitos Humanos. Acesso em 22/09/2011. Disponível em: <<http://www.criancanoparlamento.org.br/sites/default/files/eca.pdf>>

⁴³ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Marco teórico e referencial : saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. Acesso em 25/09/2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/marco_teorico_saude_reprodutiva_jovens.pdf>

seu contexto social, e marcado pelo momento histórico e pela cultura que compõem o pano de fundo e palco desse lugar.

O que a autora nos apresenta é a condição do ambiente social e histórico como marcantes no processo adolescente. Assim, embora essa fase ocorra a todas as pessoas, o contexto ou o “pano de fundo”, conforme citado, não é o mesmo para todos. Portanto, qualquer abordagem generalizante seria reducionista.

A partir desse entendimento, é possível perceber que essas diferenças entre as gerações devem ser levadas em conta para não correremos o risco de generalizar os interesses e, até mesmo, os problemas enfrentados durante esse período.

Milnitsky-Sapiro (2005) também ressalta que:

[...] a ausência de uma compreensão integradora do adolescente na cultura e nas práticas institucionais o faz duplamente vulnerável, tanto pelas características inerentes ao seu processo, quanto pelas formas de discriminação que lhe são impostas.

Portanto, percebe-se a necessidade de acolher e reconhecer o espaço do adolescente na dinâmica das sociedades contemporâneas estabelecendo oportunidades, bem como limites claros. Muito embora atualmente já existais que garantem os direitos das crianças e adolescentes brasileiros, como através do ECA, por exemplo, que prevê em seu Artigo nº15 que: *“A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis”*; sabemos que na prática, a sociedade brasileira não concretiza esses fundamentos.

Segundo o ECA, o direito à liberdade que as crianças e adolescentes possuem diz respeito ao ir/vir/estar em espaços públicos, a expressar opiniões, quanto as suas decisões religiosas e crenças, o direito a brincar, praticar esportes e lazer, a fazerem parte de uma família e da comunidade sem discriminação, terem seu papel na vida política (na forma de leis) e poderem buscar ajuda e orientação sempre que entenderem como necessário.

4.2 MUDANÇAS FÍSICAS E PSÍQUICAS DA ADOLESCÊNCIA

É lógico aceitar que o caminho da adolescência é entrar no mundo do adulto, mas temos que reconhecer que a identidade é uma característica de cada momento evolutivo. (ABERASTURY & KNOBEL, 1981, p.30)

Aberastury & Knobel (1981) foram referência na América Latina para os estudiosos de diversos campos. Segundo esses autores é durante o período da adolescência que o jovem está estabelecendo a sua identidade e, em breve, fará parte do “mundo dos adultos”, mesmo que ainda não esteja preparado para isso. E deixará para trás, o seu mundo infantil, aquele mundo no qual suas necessidades essenciais eram satisfeitas, havia comodidade e a constante dependência com relação aos pais.

Melman (1995) afirma em seu artigo *Haveria uma questão particular do pai na adolescência?* que a mudança que teria desencadeado a adolescência consiste num convite para ocupar outra posição, embora o problema não consista em entender o que iniciou essa crise e os motivos (biológico ou social). Essa mudança que ocorre de maneira brusca acarretaria um sentimento de solidão, uma vez que, o adolescente não sabe o que é esse novo lugar que ocupará, ou o que esse lugar espera e deseja que ele faça.

Podemos qualificar a adolescência de “crise psíquica”, ou seja, de uma necessidade introduzida no funcionamento psíquico pelas modificações do estatuto social: quero dizer, o convite urgente, obrigatório, necessário, geralmente feito para que se adote um novo papel e se assumam novos encargos, e, entre outros, entre-se na comunidade [...] (MELMAN, 1995, p.7).

Durante a adolescência, além das mudanças psíquicas, também são observadas grandes transformações físicas. A pesquisadora Milnitsky-Sapiro (2006, p.154) cita a metáfora do “complexo da lagosta” usada por Dolto & Dolto-Tolitch (1993) para expressar a perda de referências físicas e o estado de fragilidade que o processo adolescente impõe ao jovem. “O exemplo do crustáceo, que ao perder sua carcaça para poder crescer, acaba ficando sem defesa e exposto aos perigos de predadores, até que, por fim, seu organismo produza uma nova proteção adequada para seu tamanho.” O adolescente, segundo a autora, viveria uma fase análoga.

À medida que o adolescente se descobre como sujeito e descobre sua sexualidade, a resposta dada a esse deslocamento é a emergente violência, pois o que tinha sido deixado de lado no período de latência agora surge novamente: o objeto fálico.

Na concepção de Aberastury & Knobel (1981, p.10) o adolescente realiza três lutos fundamentais durante essa transição:

a) o luto pelo corpo infantil perdido [...]; b) o luto pelo papel e a identidade infantis, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece; c) o luto pelos pais da infância, os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que eles significam [...]

Estes lutos levam à instabilidade dos jovens, pois essas “perdas de referência de identidade” implicam em mudanças repentinas de conduta, entre outros aspectos. Os pais, por sua vez, não aceitam essas flutuações inesperadas dos adolescentes e, muitas vezes, têm dificuldades de lidarem com o crescimento e o comportamento dos seus filhos.

A partir da aceitação do próprio jovem, nessa transição de seus aspectos de criança e adulto, bem como as mudanças de seu corpo é que surge a sua nova identidade e, por fim, resultará na maturidade biológica, afetiva e intelectual necessárias para ingressar “normalmente” no mundo dos adultos.

Ana Freud⁴⁴ (1995, p.81) afirma ao descrever o aspecto de “normalidade” desse período: 1) que a adolescência é, por natureza, uma interrupção do crescimento pacífico, e 2) que a sustentação de um equilíbrio constante durante o processo de adolescência é, em si, anormal. Ou seja, entende que durante essa etapa da vida, espera-se que não exista harmonia na estrutura psíquica, mas sim constantes batalhas (controle dos impulsos) em relação ao id e o ego. Portanto, seria considerado “normal” o comportamento (inconstante e imprevisível) observado nos adolescentes, tais como: o sentimento de amor e ódio com relação aos pais, a revolta com relação à família e ainda sim ser dependente da mesma, atitudes de imitação/identificação com os outros na busca da sua própria identidade, ser idealista, desinteressado ou o oposto: centrado em si próprio, egoísta. Essas

⁴⁴FREUD, Anna. Adolescência – Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Título: Adolescência. Ano V. Número 11. Nov./1995.

flutuações dos extremos são tidas como normais no período da adolescência, mas não quando adultos, pois a estrutura da personalidade ainda está em construção e quer experimentar as possibilidades que são apresentadas.

Aberastury & Knobel (1981, p.29) também falam sobre a normalidade nesse período ao apresentar a noção de “síndrome normal da adolescência”, que consiste em uma sintomatologia que inclui:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.

Por essa citação dos autores, entendo que essa busca (do adolescente) de si mesmo e da identidade, diz respeito ao fato do jovem estar “se conhecendo” e se definindo durante essa fase de transição, uma vez que não é mais considerado criança, tampouco adulto, embora já apresente algumas características (físicas) que o aproxima dos adultos.

A tendência grupal, por sua vez, é observada na procura por semelhantes e por pertencimento, pois o adolescente não quer estar “sozinho” durante essa fase e procura alguém que também esteja vivendo o mesmo que ele, que o entenda. Ele procura um grupo onde possa buscar orientação sem crítica e com liberdade de expressar suas ideias e opiniões, muitas vezes esse grupo encontra-se fora da família. Entretanto, o adolescente também pode apresentar momentos de solidão e atitudes antissociais, reivindicações constantes, flutuações extremas de humor e ânimo etc.

Penso que nessa fase percebemos a necessidade de refletir sobre diferentes assuntos, fantasiar acontecimentos, etc. E, algumas vezes, desacreditar do mundo e das pessoas, ou até mesmo o contrário, apegando-se à religião.

Os adolescentes mudam seu agir, pensar e falar, podendo atingir extremos, o que para os adultos, essa atitude inconstante não é bem vista. E, além disso, os jovens são imediatistas e buscam incessantemente por satisfação em diferentes

objetos, vivências, posturas. A sexualidade ainda está em transformação e a busca do prazer através do autoerotismo ou da heterossexualidade, enfim, os autores mostram nessa citação que o indivíduo durante essa fase está se descobrindo, e buscando sua independência.

No período da adolescência são observadas essas diversas mudanças fisiológicas e hormonais que anunciam a puberdade e delimitam aspectos de um momento de transição entra a vida infantil e a vida adulta. Isso significa, conforme Milnitsky-Sapiro (2005) identifica em seu artigo *Construção de valores sócio-morais na cultura, e suas formas de discriminação da adolescência*, que:

[...] o processo de subjetivação adolescente manifesta um mal-estar denunciando através de um **corpo-com-dor** que há muito não percebe esse contexto como "pano de fundo", mas como uma grande teia pegajosa, onde, ele, refém desse palco vivo, está prestes a ter sua singularidade sugada e transformada em mais um produto que nutrirá essa teia. Como se, um processo biológico de assimilação e acomodação (ilustrado talvez pela digestão) venha a colocá-lo no **"seu devido lugar"**. Quer seja do **"bem"** (como adaptado), quer seja do **"mal"** (como excluído).

Ou seja, nesse processo o adolescente é "refém" dessas diversas manifestações da puberdade e, espera-se destes, que "se acomode" (se adapte) à sociedade sem muitos atritos com as instituições vigentes. Ao mesmo tempo, apostamos no jovem como futuro da nação.

4.3 O ADOLESCENTE E SUAS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA E AS MÍDIAS

As modificações nos adolescentes se dão em vários aspectos e não somente no corpo dos sujeitos, pelas manifestações da puberdade, mas também em suas subjetividades e nas suas relações com o mundo que os cercam (RAUPP, 2006).

Percebemos nessa etapa que a relação das figuras de referência (família, escola, amigos e até mesmo as mídias) é de fundamental importância para o desenvolvimento saudável dos jovens. Como afirmam Aberartury & Knobel (1981, p.11), o adolescente apresenta:

[..] uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos de pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade. Ou seja, é uma receptáculo propício para encarregar-se dos conflitos dos outros e assumir os aspectos mais doentios do meio em que vive. Isto é o que atualmente presenciamos em nossa sociedade, que projeta suas próprias falhas nos assim chamados excessos da juventude, responsabilizando-os pela delinquência, pela aderência às drogas, pela prostituição, etc.

Visto que o adolescente é vulnerável, acredito que seria necessário “ouvi-los”, ou seja, propiciar momentos de diálogos, no qual auxilie a tomada de consciência dos jovens com relação às suas atitudes e principalmente às possíveis consequências das suas ações. O papel da família, bem como das instituições escolares e das mídias (meios de comunicação), deveria visar esse diálogo e a promoção de valores (moral e ética), respondendo às dúvidas que emergem nesse período e não ignorando através de assuntos tabus.

A família, enquanto instituição social tem seu papel no processo de desenvolvimento do adolescente, no sentido de ser referência para as suas ações e também, servir como local seguro, de amparo e proteção, acolhendo o adolescente e ajudando a lidar com os seus conflitos. É importante que essa “rede” (instituição família) esteja bem estruturada, para que o adolescente se sinta seguro e integrante.

A construção da autonomia no adolescente se dá também na relação entre a família e outros laços de referências, uma vez que a presença de outro (outros) estabelece diferentes relações. É na família, por exemplo, que o adolescente se depara com conflitos, vínculos de pertinência e relações de apego que irão contribuir para a construção da sua subjetividade. Ou seja, é a partir das diferenças (conflitos) existentes entre o esse sujeito e os integrantes da família é que o processo de autonomia desse adolescente vai se edificando.

Ao comparar as figuras parentais do passado com as de hoje, Milnitsky-Sapiro (2005) afirma que antigamente as famílias:

[..] sustentavam seus valores conservadores através de ações adultas autoritárias ou punitivas, mas deixavam um espaço simbólico para o processo de identificação quer apoiado no realismo moral - contra a hipocrisia moralista, "do faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço", quer no idealismo, pela busca de construir "um mundo mais justo e humano", ou ainda, pelo "*simples-não tão simples*" desejo de ser diferente dos pais adultos. [...] havia um espaço para a elaboração dessa diferença. Atualmente, essas referências e domínios - por razões bem conhecidas entre nós - evanesceram no ar.

Concordo com a autora, pois percebemos que os pais atualmente estão cada vez mais permissivos, liberais e sem muita autonomia com relação aos seus filhos (em comparação às relações de pai-filho que existiam no passado).

Podemos evidenciar esse fato diante das resoluções de conflito entre pais e filhos, na aceitação constante das demandas dos filhos (ex.: pais compram tudo que os filhos pedem, não conseguem impor limites etc.), entre outras atitudes. Tais atitudes, muitas vezes, advêm do sentimento de culpa sentido pelos pais pela falta de tempo despendido com os filhos (devido ao excesso de trabalho), da tentativa de recompensar esse afastamento/distanciamento com a aprovação das solicitações dos filhos, enfim, tentando diminuir o máximo as frustrações sentidas por ambos.

Nas famílias contemporâneas, as mídias e as suas interatividades, desempenham um papel central na comunicação sócio-afetiva, muitas vezes, substituindo possibilidades de diálogos dos adolescentes com as figuras parentais. Como foram tratadas no primeiro capítulo, as mídias desempenham papel fundamental na cultura, disseminando e consolidando certos padrões, valores e comportamentos etc. A confiança que depositamos nas mesmas e o entretenimento proporcionado por esses meios, trouxeram consequências tanto positivas quanto negativas para a sociedade e principalmente para as crianças e adolescentes.

No que se refere aos meios de comunicação, a adolescência é um público-alvo muito peculiar, principalmente na publicidade, na medida em que os meios transformam esse período em modelo de consumo. O jovem, por representar características de propagador e catalisador, não é apenas tido como consumidor, mas também é “vendido” como estilo para adultos, e até mesmo para crianças, espalhando assim, uma estética comum a pais e filhos (RAUPP, 2006).

Além disso, as mídias também difundem estereótipos de juventude, padrões de beleza inalcançáveis (pela grande maioria), idealização de papéis e ainda promovem o consumismo desenfreado como forma de pertencimento e identidade.

É também durante o período da adolescência que observamos a maior parte dos casos problemáticos devido ao abuso de drogas, consumo de álcool, violência (brigas, trânsito etc.), gravidez e transtornos dos mais diversos. O envolvimento com as drogas e a violência, é problema social que de certa forma, comprova a falta de opções que a juventude brasileira enfrenta na busca de um espaço na sociedade.

Ao discorrer sobre a visibilidade negativa que a mídia dá aos jovens (mostrando apenas aspectos problemáticos) Raupp afirma que:

Essa visão de uma adolescência problemática e sem autocontrole vem sendo largamente propagada na mídia, na qual encontramos com frequência a culpabilização de adolescentes envolvidos em atos de violência, sem as devidas críticas às condições sociais que envolvem muitos desses jovens (2006, p. 33).

O que a autora expõe é a importância de contextualizarmos os acontecimentos que envolvem os jovens, bem como as devidas condições sociais as quais, quase sempre, são fatores relevantes para o envolvimento dos adolescentes em comportamentos agressivos.

Fischer (2008) apresenta outra questão bem relevante com respeito da mídia que é a diferenciação que ela produz ao tratar assuntos referentes aos jovens. Segundo a autora há dois grupos de jovens: aqueles considerados possuidores de boa condição financeira, estudantes universitários ou de escolas particulares e aqueles que moram na periferia ou que são considerados “inferiores” pela sociedade.

Jornais, canais de televisão, emissoras de rádio não se cansam de narrar jovens envolvidos em casos de violência, e é muito clara a cisão vislumbrada a cada texto, a cada imagem, a divisão entre “nós” e “eles”, entre os jovens de classe média, brancos, universitários ou estudantes de uma boa escola particular e aqueles que desumanizamos, que literalmente consideramos inferiores. [...] O importante a pensar, nessa perspectiva, é que os jovens, de uma maneira geral, em relação à ordem midiática, do mercado e da sociedade do espetáculo, estariam permanentemente “de fora”, embora constantemente sejam interpelados por essa mesma ordem. Este seria o grande fantasma: ficar de fora, fora do consumo, fora da fama, fora da moda, fora da publicidade. [...] (p.670)⁴⁵

4.4 JUVENTUDE

Abramo (1997) evidencia que a juventude é um período de mudanças da infância para a vida adulta, sendo considerado um momento particular (uma vez que

⁴⁵ FISCHER, Rosa M. Bueno. Mídia, Juventude e Memória Cultural. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 667-686, out. 2008. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

acontece com cada indivíduo particularmente) e dramático de socialização. Através dos aspectos adquiridos da cultura e da apropriação de papéis adultos, os indivíduos entendem-se enquanto sujeitos da sociedade e integram-se à ela.

No entendimento da autora, esse é o momento mais importante na constituição enquanto indivíduos livres que, após terem compreendido as normas, valores e comportamentos, inserem-se e exercem papéis nessa sociedade. Enfim, essa etapa é decisiva para o prosseguimento na vida social.

A pesquisadora ainda afirma, que caso não exista a integração dos indivíduos na sociedade, isso acarretará consequências tanto para os próprios jovens quanto para a sociedade, podendo desencadear uma desarmonia social.

Penso que é nesse sentido que estudiosos de diferentes áreas preocupam-se tanto com o tema adolescência/juventude, pois é no processo de aquisição de uma identidade social vivenciado pelos jovens que a sociedade e seus contextos, devem oferecer condições para que se constituam como sujeitos pertencentes e incluídos.

Para salientar a importância dos jovens, não somente no Brasil como também no mundo, as Nações Unidas declararam no ano passado, que o Ano Internacional da Juventude compreenderia o período entre 12 de agosto de 2010 a 12 de agosto de 2011, data em que se comemora o Dia Internacional da Juventude.⁴⁶

Os jovens desempenham uma função na produção da cultura e da sociedade, embora sejam muitas vezes, considerados atores sociais invisíveis no âmbito da dinâmica cultural e da cena política. E, frequentemente, aparecendo nas mídias de forma pejorativa, definidos como “menores” e relacionados com problemas tais como: drogas, violência, etc.

De um modo geral, a juventude, como afirma Abramo (1997, p.29), em seu artigo *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*, “tem estado presente, tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade”⁴⁷. Isso significa dizer que a juventude é um retrato da sociedade atual, na medida em que

⁴⁶ Site oficial das Nações Unidas. Acesso em: 25/09/2011. Disponível em: <<http://www.un.org/es/events/youthday/>>

⁴⁷ ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N^o 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N^o 6. Acesso em: 27/09/2011. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a04.pdf>>

ela absorve as ansiedades, os medos, bem como, imprime as expectativas e conformações em relação ao presente e ao futuro.

Essa temática da juventude debatida como “problema social” já fez parte de vários estudos, tornando-se objeto, uma vez que essa geração representa ameaça para a ordem social vigente, por vezes propondo transformações para o sistema (ex.: através do movimento estudantil) (ABRAMO, 1997).

Abramo (1997) também fala de uma questão que se faz presente na maioria das abordagens sobre juventude, diz respeito à dificuldade de considerá-los sujeitos. Segundo a autora a solução consistiria em:

[...] ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los (p.28).

Ao serem debatidas questões como a cidadania, assunto que - em minha opinião- vem ganhando espaço nas mídias, é trazido à tona a questão dos direitos/deveres e da participação dos diferentes atores sociais (entre eles: sociedade, governo etc.). Porém, ao relacionar a questão da juventude com a cidadania, a ênfase dada, tanto pelos políticos quanto pelas instituições que promovem ações voltadas aos jovens, são os “problemas” apresentados por essa juventude. Os jovens percebidos como problemas para eles próprios e para a sociedade em que vivem, devido á visibilidade de abordagens distorcidas de temas tais como: prostituição infanto-juvenil, abuso de drogas e álcool, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, violência, entre outros (ABRAMO, 1997).

Os focos dessas discussões dirigem-se para as revelações dos direitos negados e a questão da falta de participação. Ou seja, os jovens são relacionados com o assunto cidadania quando privados dela, em forma de denúncias e, raramente, são percebidos enquanto indivíduos aptos a integrarem os processos de decisão, criação e negociação dos direitos (participação social).

4.5 PARTICIPAÇÃO JUVENIL

Ao relacionarmos a juventude e protagonismo, ainda há uma crença, muito difundida pelos meios de comunicação, de que os jovens não querem nada e também não estão interessados em contribuir para a sociedade.

Atualmente há meios produtivos de integração do jovem na sociedade através de formas de valorização de seus potenciais. Uma delas é o difundido “protagonismo juvenil”. Segundo o dicionário⁴⁸ a definição de *protagonismo* é: “a característica de quem é personagem principal de peça teatral, filme, livro etc.; qualidade de quem exerce papel de destaque em qualquer acontecimento (protagonismo juvenil); diz respeito atuação e desempenho.”

Como abordado anteriormente, os jovens têm, frequentemente, visibilidade nas mídias enquanto “problema social”. Porém, se observarmos mais atentamente o jovem ocupa sim, um espaço de protagonista em diversos aspectos positivos (como nos esportes, movimentos sociais, etc.).

O jovem na condição de protagonista busca contribuir na transformação social, ele quer desenvolver seus talentos e habilidades e, ao mesmo tempo, favorecer outros jovens e auxiliar na construção de uma sociedade mais igualitária e sem violência. Ele busca o diálogo, a troca de ideias, na medida em que luta pela disseminação dos valores democráticos e contra a exclusão e as diferenças sociais (PARCEIROS VOLUNTÁRIOS, 2011).

Na concepção de Costa (1996, p.90):

Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividades que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio- comunitário.

Isso significa dizer que o jovem protagonista quer praticar sua cidadania, no sentido de contribuir para a mudança dos aspectos negativos que vivenciamos em nossa sociedade. O jovem une-se com outros jovens ou adultos que também

⁴⁸ iDicionário Aulete . Acesso em: 01/10/2011. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=protagonismo>.

possuem objetivos comuns e promove campanhas, mobilizando outras pessoas para participarem dessa mudança.

O mesmo autor ainda ressalta:

Em outras palavras, o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política onde estão inseridos. Nesse sentido, participar para o adolescente é envolver-se em processos de discussão, decisão, desenho e execução de ações, visando, através do seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolver o seu potencial criativo e a sua força transformadora. Assim, o protagonismo juvenil, tanto como um direito, é um dever dos adolescentes (COSTA, 1998, p.65).

O jovem percebe o seu envolvimento, nesse sentido, ao fazer parte das etapas de discussões, tomadas de decisões e executando ações que visam à transformação, a solução de problemas existentes. Enfim, tendo direitos e deveres enquanto cidadão.

A experiência do voluntariado jovem no Rio Grande do Sul pode ser considerada um excelente exemplo de protagonismo juvenil, além de ser considerado o maior movimento jovem do país. Cerca de 80 mil jovens de 287 escolas distribuídos em 61 municípios do estado, são mobilizados e capacitados pela ONG Parceiros Voluntários⁴⁹, através do Programa Jovens Voluntários, e participam da Ação Tribos nas Trilhas da Cidadania⁵⁰ na qual definem ações, conforme a Trilha escolhida por cada Tribo. Eles participam e tem autonomia nas fases de elaboração, execução e avaliação das ações de voluntariado. Utilizando as tecnologias ao seu favor, participando das redes sociais, criando blogs para divulgar as ações, buscando parcerias, etc. Esses jovens atuam no contexto social por meio do Trabalho Voluntário e do empreendedorismo, e tem como responsabilidade agir como mobilizadores e articuladores junto a outros jovens.

Os jovens voluntários se organizam para enfrentarem os desafios das suas comunidades, pensando nas diferentes demandas sociais e tendo como base a

⁴⁹ *Parceiros Voluntários* é uma Organização Não-Governamental, sem fins lucrativos, apartidária, criada em janeiro de 1997 por iniciativa do empresariado do Rio Grande do Sul, com a Missão de ser um movimento disseminador da cultura do voluntariado organizado no Brasil, visando pessoas, comunidades e uma Sociedade mais solidária.

⁵⁰ Tribos é uma reação de mobilização social feita pelos Jovens que querem transformar a realidade. Eles se reúnem, escolhem uma Trilha (Meio Ambiente, Cultura ou Educação para a Paz) e fazem ações voluntárias na comunidade, contribuindo para um Rio Grande do Sul com atitude voluntária.

solidariedade e a Responsabilidade Social Individual⁵¹. Enfim, praticando a cidadania e disseminando a cultura do voluntariado organizado para os vários atores sociais (escola, família, governo, etc.) e entendendo que não é através do assistencialismo que se alcançará o desenvolvimento que se pretende. Mas sim, promovendo a integração e a participação da população para a busca de alternativas e soluções para os problemas enfrentados na sociedade.

Esse capítulo tratou sobre as temáticas da adolescência e seus processos, bem como, a abrangência do termo juventude na contemporaneidade. Foram explicados através da psicologia, os diversos aspectos que envolvem as mudanças (físicas e psíquicas) que os adolescentes enfrentam durante essa fase da vida. Também foram abordadas as figuras de referência (família, mídias, etc.) que contribuem no desenvolvimento da identidade dos adolescentes, e, por fim, o exemplo de participação social através do movimento do voluntariado.

⁵¹ *Responsabilidade Social Individual (RSI)*: trabalhar os valores internos faz despertar na pessoa seu verdadeiro valor, o que a torna mais ativa e socialmente transformadora do mundo ao seu redor.

5 METODOLOGIA

A metodologia seguiu delineamento de cunho descritivo híbrido (qualitativo e quantitativo), pois visou, inicialmente, comparar duas salas de aula, de duas escolas públicas do mesmo município - uma com recursos de mídia digital e a outra que não tenha os mesmos recursos.

Dadas às dificuldades que serão discutidas a seguir no texto, a análise de conteúdo das respostas abertas permitiu identificar os principais obstáculos para que a mídia ocupe um lugar não somente como ferramenta de apoio didático, mas também como facilitadora enquanto conteúdo programático, enfim, de que maneira as mídias podem auxiliar os jovens no desenvolvimento de identidades/ valores/ pensamento crítico.

5.1 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Escolas participantes - As escolas foram indicadas pela Secretaria de Educação do Município de Porto Alegre, segundo os recursos disponíveis de acesso às mídias. As instituições foram convidadas a participar através do contato com a equipe diretiva e no qual explicado o projeto de pesquisa, bem como apresentado um ofício⁵² (anexo B) para cada professor e aluno participante.

Sujeitos participantes - Foram selecionadas, voluntariamente, duas amostras de estudantes, na faixa etária entre 10 e 17 anos⁵³, de ambos os sexos e matriculados na mesma série, em cada Escola, assim como os professores que ministram as disciplinas para essas turmas. Também foram convidados a participar

⁵² Ofício de Consentimento Informado e Esclarecido é um documento de autorização que constará com as principais informações acerca da pesquisa desenvolvida, além da assinatura do participante (e/ou adulto responsável) que informa estar disposto em participar da pesquisa.

⁵³ Conforme a definição de adolescência do ECA.

da pesquisa os coordenadores (SOE⁵⁴/ SOP⁵⁵) e a Equipe Diretiva de ambas as escolas.

Coleta de dados - Segundo sugestão da SMED, os dados foram coletados em duas escolas públicas da zona norte do Município de Porto Alegre. Cada escola contou com 3 (três) visitas, que tinham por objetivo conhecer o ambiente a ser pesquisado, sendo que uma das visitas teve como foco a aplicação do questionário com os participantes.

Instrumento de Pesquisa - Os dados foram coletados através do instrumento “Classificação de Instituições Sociais”⁵⁶, que visa descrever e analisar como os jovens classificam as Instituições Sociais que afetam - direta ou indiretamente suas vidas. O questionário (anexo C) inclui questões fechadas, seguindo a *Escala de Lickert*⁵⁷, que tem por objetivo identificar opiniões e concepções sobre as participações nas seguintes instituições sociais: família, mídia, escola, instituições legais/ judiciais, instituições ligadas à saúde e instituições de segurança pública.

5.2 A PESQUISA

O critério de seleção das turmas foi determinado pela equipe diretiva. Após a escolha das turmas, os critérios para a participação na pesquisa foram: a disponibilidade dos participantes e assinatura e entrega do termo de consentimento.

Um dos obstáculos encontrados durante a pesquisa foi a época da coleta de dados (meio do segundo semestre) que impossibilitou a divulgação direta para

⁵⁴ Serviço de Orientação Educacional.

⁵⁵ Serviço de Orientação Pedagógica.

⁵⁶ Instrumento elaborado pelo Núcleo de Estudos em Construção de Valores, Identidade e Violência na Adolescência (CONVIVA), coordenado pela Doutora em Psicologia do Desenvolvimento, Clary Milnitsky- Sapiro, professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵⁷ A *Escala de Lickert* consiste numa série de itens, ou afirmações, sobre um assunto determinado. Na resposta assinala-se o grau de acordo, ou de desacordo, com a afirmação proposta, sendo que são apresentadas 5 (cinco) alternativas possíveis.

professores e alunos, visto que todos os alunos do último ano das escolas estavam se preparando para a Prova Brasil⁵⁸.

5.2.1 Informações dos participantes

- **Escolas**

Escola A

Localizada na zona norte de Porto Alegre, no bairro Mário Quintana, essa Escola Municipal de Ensino Fundamental conta com cerca de 1.300 alunos matriculados e que convivem diariamente com sérios problemas relacionados à violência, principalmente devido à brigas entre gangues da comunidade por ponto de venda de tóxicos.

A escola faz parte do Programa da SMED - *Alunos em Rede*⁵⁹, no qual participam com o Projeto de Rádio Digital, sendo uma das professoras da escola a responsável em orientar os alunos com a utilização e produção de trabalhos com essa mídia. Infelizmente nem todos os professores da escola tem conhecimento sobre o que é realizado nesse projeto e poucos alunos participam.

Na primeira visita que fiz a essa escola, pude perceber a forte presença da comunidade, era período de matrículas e vi muitos pais também participando de

⁵⁸ A Prova Brasil visa obter informações sobre o ensino oferecido nas escolas de cada município. O objetivo desta avaliação é auxiliar os governantes nas decisões e no direcionamento de recursos técnicos e financeiros, assim como a comunidade escolar, no estabelecimento de metas e na implantação de ações pedagógicas e administrativas, visando à melhoria da qualidade do ensino. Participarão da Prova Brasil 2011 todas as escolas com pelo menos 20 estudantes no 5º Ano (4ª Série) e 9º Ano (8ª Série) do ensino fundamental regular, matriculados, em escolas públicas, localizadas em zona urbana e rural. As provas serão aplicadas no período de 7 a 18 de novembro de 2011, em todos os Estados e no Distrito Federal. Mais informações: <http://provabrasil.inep.gov.br/edicao-2011>. Acesso em: 15/11/2011.

⁵⁹ *Alunos em Rede* é um dos projetos de inclusão digital da SMED, no qual os alunos da rede pública de Porto Alegre produzem materiais e conteúdos voltados para rádio, vídeo, fotografia e blogs. Esse projeto oferece a oportunidade dos alunos se iniciarem no mundo da comunicação e aproxima-os do mundo do trabalho. Maiores informações: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/smed/inclusaodigital/fixo.htm>. Acesso em: 15/11/2011.

reuniões no SOE. Enfim, fui muito bem recebida pelas professoras e pelas profissionais da limpeza, que no primeiro momento achavam que eu era nova professora e, depois ao saberem da pesquisa se interessaram.

Recentemente houve mudança na direção da escola, acarretando um período ainda de transição e de dificuldades por parte da nova diretoria com o excesso de demandas.

O ambiente da escola é agradável, o espaço amplo e bem organizado me chamou a atenção. Percebe-se o cuidado com as instalações da escola, não vi depredações e a pintura escolhida era bem colorida. A biblioteca da escola permaneceu aberta todo o tempo em que estive visitando a escola, sempre com a presença de algum professor responsável, possibilitando aos alunos utilizarem o espaço, assim como retirarem livros.

Notei nas primeiras visitas que os professores eram bem envolvidos com os alunos e os profissionais da limpeza também cuidavam e davam orientações aos alunos. A comissão diretiva, as coordenadoras e professoras, me pareceram muito acessíveis aos alunos, pois os estudantes tinham liberdade de entrar na sala para tirarem dúvidas.

Em conversas com alguns educadores dessa escola, pude perceber que há uma frustração no sentido de não perceberem os alunos dando a devida importância para educação e ao futuro deles próprios.

Na escola *A*, de um total de 40 (quarenta) alunos (composto por duas turmas), apenas 5 (cinco) alunos trouxeram o documento assinado pelo responsável da família, sendo que 1 (um) deles não estava presente no dia da aplicação do questionário. Portanto, somente 4 (quatro) alunos e 4 (quatro) profissionais da educação (entre professores, coordenadores e diretores) desta escola puderam participaram da pesquisa.

Escola *B*

Enquanto nessa Escola, a situação não foi muito diferente. Dos 60 (sessenta) alunos (composto por duas turmas), apenas 13 (treze) alunos devolveram o Termo de Consentimento assinado, e somente 11 (onze) alunos estavam presentes no dia

da aplicação do questionário. Também participaram 2 (dois) profissionais da educação (professore e equipe diretiva).

Localizada também na zona norte de Porto Alegre, essa Escola Municipal de Ensino Fundamental possui também cerca de 1.300 alunos matriculados, convive com graves problemas de violência dentro da escola e, é frequente, as atitudes de desrespeito entre aluno-aluno e aluno-professor.

Em todas as visitas realizadas nessa escola, foram verificadas atitudes como brigas, agressões verbais (de ambas as partes com gritos e xingamentos), tom de voz extremamente elevado e gestos corporais que evidenciavam o distanciamento e a falta de respeito. Enfim, alguns professores despreparados para lidar com conflitos (na relação aluno-professor). Numa das visitas os alunos colocaram fogo em papéis numa das salas de aula, e numa outra visita os alunos que estavam brigando foram liberados para voltarem para casa.

Infelizmente a diretora não quis me atender (em todas as visitas realizadas), deixando a responsabilidade de orientação para a vice-diretora. Essa, por sua vez, me explicou as dificuldades nas combinações com os alunos e me advertiu sobre a possibilidade da participação na pesquisa de apenas um número reduzido de alunos.

Em conversa com umas das coordenadoras, soube que falta professores para as disciplinas básicas e, embora já tenha sido encaminhado o pedido à SMED, ainda não havia previsão de contratação. Além disso, pelo fato do quadro de professores serem insuficiente, a biblioteca não está em funcionamento desde o início do ano.

Outro problema que a escola enfrenta, são os pedidos de exoneração por parte dos novos professores contratados, que segundo a coordenadora, não “aguentam” a realidade da escola e abandonam o trabalho.

Percebi a rotina os alunos que não obedecem às trocas de períodos, ou término do intervalo, ficando no pátio enquanto deveriam estar em sala de aula. Alguns professores, já acostumados com essa atitude, fechavam a porta das suas salas ignorando aqueles alunos que ainda permaneciam no pátio ou nos corredores. Enquanto outros professores gritavam para que os alunos voltassem para a aula.

- **Equipes Diretivas**

As Equipes Diretivas de ambas as escolas mostraram-se interessadas em participar, bem como o SOE/SOP, e me auxiliaram com a escolha das turmas e a entrega dos documentos para os alunos (Termos de Consentimento). Porém, o desinteresse por parte dos alunos das duas escolas, que foram convidados a participar da pesquisa, foi identificado pela falta de comprometimento quando solicitados para que coletassem as assinaturas dos responsáveis no documento entregue pelas professoras (Termo de Consentimento) e devolvessem a elas novamente na mesma semana.

- **Professores**

Foram convidados a participar da pesquisa os professores responsáveis pelos respectivos períodos (horários), os quais foram aplicados à pesquisa, a fim de obter suas opiniões e, também, assegurar a disciplina e acompanhamento dos alunos durante a aplicação do questionário.

- **Alunos**

Considerando que as turmas foram designadas pelas equipes diretivas, ainda assim, a participação dos alunos na pesquisa era voluntária. Talvez pela abordagem inicial, constatamos desinteresse por parte da maioria dos alunos, o que resultou numa amostra pequena, insuficiente para compor uma amostra representativa de ambas as escolas e propiciar uma análise mais aprofundada do assunto.

A questão da disponibilidade de tempo, que no início mostrou-se como fator relevante para a dificuldade no andamento da pesquisa, pois ocorreram várias visitas e reuniões - com interrupções dos alunos - em ambas as escolas, não foi o que determinou a não participação dos jovens.

Alguns alunos perderam o documento, enquanto outros esqueceram em casa, e apenas poucos que trouxeram o documento assinado puderam participar da pesquisa.

O convite da participação na pesquisa, também foi estendido aos professores e comissão diretiva que estavam presentes no dia da aplicação do questionário. Enfim, embora o número de participantes fosse relativamente pequeno (somando alunos, professores e comissão diretiva) consideramos que o processo de inserção e a as informações obtidas são suficientemente relevantes. Lembrando que as escolas foram sugeridas pela SMED e, embora estejam localizadas afastadas uma da outra e em bairros distantes do centro da cidade, apresentaram muitos aspectos semelhantes.

A seguir, a análise da pesquisa, com relação às respostas obtidas dos alunos matriculados no último ano do ensino fundamental de duas escolas da rede pública de Porto Alegre.

5.3 ANÁLISE DOS DADOS

5.3.1 Perfil dos Participantes

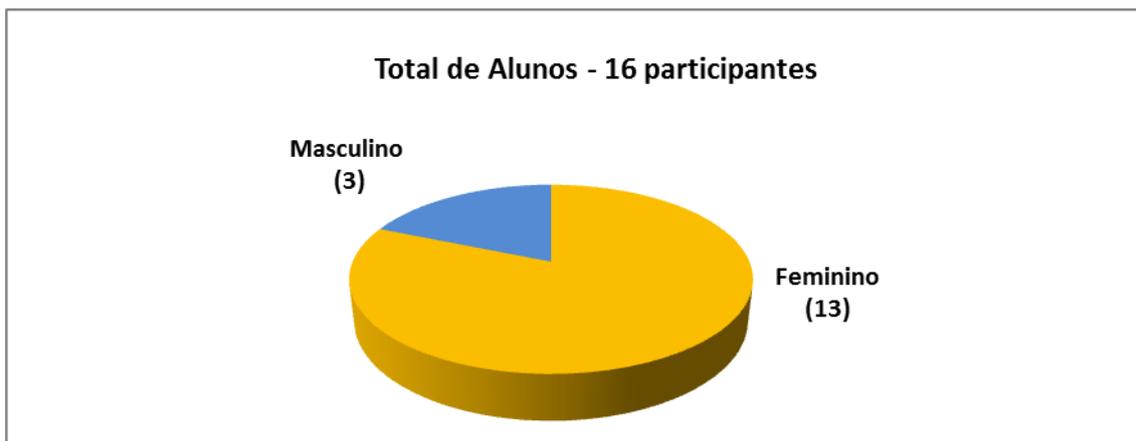


Gráfico 1 – Total de alunos participantes.

A maioria dos alunos que participaram da pesquisa é do sexo feminino e a faixa etária de todos os alunos varia entre 13 e 16 anos, sendo que a média de idade é de 14 anos.

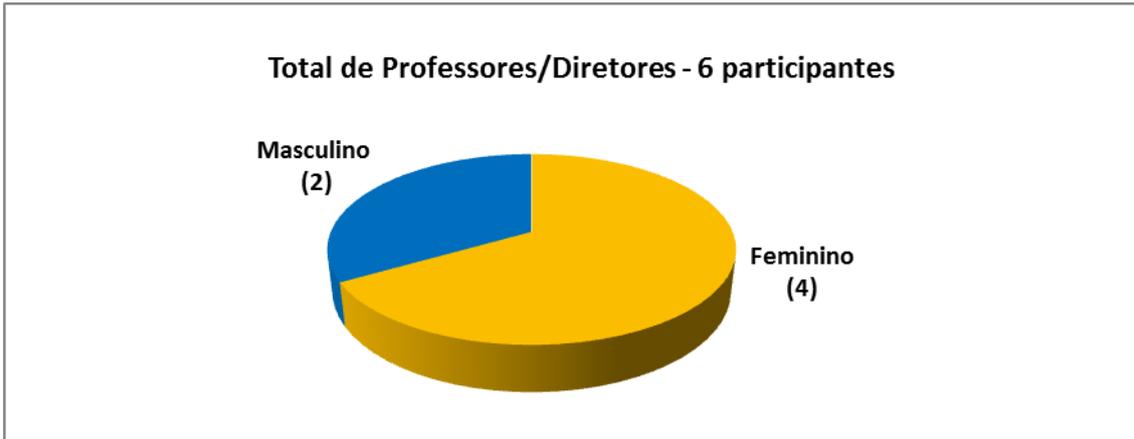


Gráfico 2 – Total de professores/ diretores participantes.

Com relação aos professores, coordenadores e equipe diretiva participantes da pesquisa, a maioria é do sexo feminino e a faixa etária de todos os participantes varia entre 29 e 57 anos, sendo que a média de idade é de 42 anos.



Gráfico 3 – Total de participantes da pesquisa.

Ao total participaram desta pesquisa, 16 (dezesesseis) alunos e 6 (seis) profissionais da educação.

5.3.2 Análise das respostas dos alunos:

Os gráficos das respostas obtidas encontram-se em anexo (anexo D).

Através de uma análise descritiva constatamos que a maioria dos alunos participantes da pesquisa considerou que a Instituição Família sofreu alguma mudança (conforme observamos no anexo D – gráfico nº4). As mudanças referidas são positivas e negativas. Ainda sim, nenhum considerou que a Instituição mudou radicalmente.

Em relação aos aspectos positivos/ negativos da Instituição Família, foram citados a falta de diálogo, a ausência de participação dos pais no cotidiano dos filhos, conflitos constantes (traduzidos por brigas e discussões), etc.

Como podemos observar na resposta desse aluno:

“Quando se é ‘de menor’ poucos pais querem participar de atividades familiares primeiramente só pensam que tem que estudar, mas não acompanham o desenvolvimento do filho se tem que explicar antes que aprendam na rua poucos pais estão a par do que o filho aprende ou deixa de aprender. Pois deveriam sentar e conversar com seus filhos para saber porque a atitude dele está de tal modo, não sair batendo a cada coisa que eles fazem.”

Aluna, 14 anos.

Também foi citado o sentimento de falta de liberdade, como aspecto negativo dessa instituição.

“Quando há brigas, tipo eu e meu irmão brigamos sem parar. Sinto falta de liberdade.”

Aluna, 14 anos.

O gráfico nº5 (anexo D) aponta que metade dos alunos considera que participa pouco das mudanças da Instituição Família.

Os adolescentes denotam, em suas respostas, pouco espaço para participação dentro das suas famílias, não se sentem compreendidos e reconhecidos como indivíduos:

“Quando eles não entendem o que eu quero passar para eles e eu não gosto do meu pai ele é muito chato.”

Aluna, 16 anos

“Meus pais não deixam eu falar, às vezes não querem saber da minha opinião.”

Aluna, 13 anos

O gráfico nº6 (anexo D) mostra que a Instituição Família é pouco aberta para abordar as questões de gênero, ou seja, discutir sobre o papel do homem e da mulher. Essa falta de abertura para o diálogo/conversa dentro das famílias foi considerado como um dos aspectos negativos desta instituição, conforme afirmação dos estudantes:

“Os pais não estão dialogando com os filhos, por exemplo: sexualidades e outros assuntos que são importantes para os adolescentes saber.”

Aluna, 14 anos.

“Às vezes meus pais não conversam comigo sobre sexualidade, eu gostaria de saber muito mais sobre isso.”

Aluno, 15 anos.

Nas narrativas dos adolescentes são expressas suas dúvidas e inseguranças, embora muitas vezes, sejam considerados como tabus pela família. De qualquer forma, os adolescentes buscarão respostas, sendo através do seu círculo familiar, de amigos, da escola ou mesmo das mídias. Ressaltando a importância do diálogo esclarecedor, ou simples apoio e acolhimento, que os jovens necessitam e parece não encontrarem em suas famílias.

Embora evidenciemos que a Instituição Família, na perspectiva dos adolescentes das duas escolas, apresente vários pontos de tensão e de conflitos nas suas dinâmicas, fica igualmente presente o valor e a importância dessa instituição para os adolescentes que participaram desta pesquisa.

Ao serem perguntados sobre os pontos positivos que a família apresenta, encontramos que os aspectos positivos descritos pelos jovens referem-se à estima pelo laço familiar e o sentimento de pertencimento (traduzidos, por exemplo, nas refeições em família):

“As reuniões em família é legal, clima descontraído de festa. É ruim quando há algumas discussões.”

Aluna, 13 anos

Os laços afetivos, a amizade:

“A amizade, quando todo mundo se junta.” Aluna, 14 anos

A importância do diálogo (orientação/ apoio, conversas entre pais e filhos):

“A família está mais aberta para discutir assuntos que são pouco tratados na escola. Ex.: Homossexualismo, drogas, etc.” Aluno, 14 anos

“Que eu gosto de falar com os meus pais sobre o passado deles tipo de músicas, isso passa de geração à geração para minha família”.

Aluno, 15 anos

“A conversa de família que temos abertamente.” Aluna, 14 anos

“O bom é que a minha mãe sempre conversa comigo sobre qualquer assunto sendo bom ou ruim.” Aluna, 15 anos

A privacidade, entre outros:

“Positivo: Quando se juntamos para fazer a refeição e quando eles estão trabalhando e estou sozinha em casa.” Aluna, 15 anos

“Os aspectos bons da minha família é quando eu e a minha mãe estamos sozinhas em casa.” Aluna, 14 anos

“Minha mãe fala bastante comigo sobre a adolescência, não me esconde nada. Minha família é bem unida.” Aluna, 13 anos

“Quando um precisa o outro ajuda.” Aluna, 14 anos

“Minha família está sempre unida em todas as horas.” Aluna, 14 anos

Os estudantes, quando perguntados a respeito da mídia enquanto instituição, mostraram certa satisfação conforme aponta o gráfico nº7 (anexo D). Essa satisfação nas respostas encontradas deve-se às diferentes relações com as mídias existentes. Se por um lado há insatisfação com relação às mensagens transmitidas por esses meios, a falta de privacidade, entre outros aspectos; por outro lado, a mídia auxilia e os entretêm.

Para compreendermos o posicionamento dos alunos participantes, seguem as respostas obtidas a respeito dos aspectos positivos e negativos da mídia:

“A mídia é boa porque você pode se informar rapidamente sobre o que acontece no mundo, você pode baixar músicas, conversar com os amigos. Fofocas sobre famosos. A mas é ruim, pois o que você posta na internet vai pro mundo então de certa forma prejudica.”

Aluna, 13 anos

“As notícias são feitas para nos informar o que acontece no mundo tanto de bom e tanto de ruim. A internet foi boa para todos e nós conseguimos achar trabalhos de escolas. Odeio gente que fala que é uma coisa na verdade é outra.”

Aluna, 14 anos

*“Positivo: Posso falar com meus amigos quando que, baixa música que eu quero, quando não tem nada de bom na TV e baixo um filme pra assistir.
Negativo: Porque a mídia também mostra outras coisas que não são boas.”*

Aluna, 14 anos

Como foi apresentada no segundo capítulo deste trabalho, a mídia faz parte do contexto dessa nova geração, pois ocupa um grande espaço na vida desses adolescentes. Sendo assim, a convivência com a televisão, *internet*, entre outros meios, possibilita aos jovens adquirir informações, a comunicarem-se, os auxilia na busca de conteúdos escolares, além do puro entretenimento.

Por outro lado, os jovens da pesquisa estão percebendo que a *internet*, por exemplo, propicia a visibilidade, muitas vezes, não desejada, e não há um controle do que é transmitido ou publicado (possibilitando a presença de informações distorcidas ou falsas).

Na questão referente à abertura da mídia para receber sugestões/discussões/ críticas da população, notamos que nenhum estudante respondeu que a mídia enquanto instituição está extremamente aberta ou muito aberta, a maioria dos alunos considera que a mídia não está aberta (anexo D – gráfico nº8). Por outro lado, a maioria dos alunos acredita que a mídia é extremamente acessível, conforme o gráfico nº 9 (anexo D) nos mostra.

Além do baixo custo financeiro na aquisição das tecnologias, também há várias opções de mídias, logo, percebemos que a utilização desses meios pelos adolescentes é algo frequente, desde telefones celulares, computador com acesso à *internet*, televisão, etc.

Porém, o acesso propriamente dito, não é algo que aconteça em algumas mídias, como foi apresentado anteriormente no segundo capítulo deste trabalho. A televisão, por exemplo, dificilmente cederá espaço gratuito para esses jovens, caso eles queiram participar deste meio. Como sabemos, os espaços televisivos são pagos e, embora os canais sejam concessões públicas, não há muitos programas nas emissoras voltados para a participação da sociedade.

Assim como foi observado no gráfico nº7 (anexo D), em que os alunos mostraram satisfação com relação à Mídia enquanto Instituição percebe-se aqui com o resultado deste gráfico nº10 (anexo D) a razão para isso. Segundo os próprios adolescentes participantes da pesquisa, a mídia dá suporte a eles, na medida em que os auxiliam nos seus objetivos, sendo considerados pela maioria como relevante (incluindo a resposta daqueles alunos que a consideraram muito e extremamente relevantes).

Segundo as respostas dos estudantes, a mídia auxilia na transmissão rápida de informações:

“A mídia ajuda com as mudanças que estão havendo no mundo as pessoas ficam mais por dentro das notícias que esta passando e com os acontecimentos”. Aluna, 14 anos

“Porque eu vivo quase 24h vendo TV e Internet eu fico sabendo de várias notícias.” Aluno, 15 anos

“Nos informa de tudo que é necessário”. Aluna, 14 anos

Também possibilita a interatividade (através da internet e redes sociais), exibição de propagandas de produtos, entre outras possibilidades:

“Mostra o papel do homem e da mulher, ajuda em trabalhos da escola, na internet, eu posso conversar com meus amigos, posso baixar músicas.” Aluna, 13 anos

“A mídia é muito boa, com ela consigo fazer várias coisas, trabalhos, pesquisas. Com a televisão, vejo produtos em propagandas que me interessem, adoro novelas. Gosto muito de revistas de fofocas e de horóscopo, Não tenho pontos negativos.” Aluna, 15 anos

Novamente a mídia é apresentada como fonte de informação, comunicação e entretenimento. Sua influencia é percebida pelos adolescentes, porém sem grandes questionamentos.

Quando perguntados a respeito da influência que a mídia gera nas mudanças de papéis de gênero, observamos no gráfico nº11 (anexo D) que nenhum dos participantes nega a influência da mídia, o que demonstra que os alunos a percebem com alguma intensidade.

Os estudantes ressaltaram como aspectos negativos da mídia: omissão de fatos e informações, sensacionalismo, falta de privacidade, informações falsas e distorcidas, influência no comportamento das pessoas, etc.

Vejamos abaixo alguns aspectos levantados pelos alunos a respeito das informações consideradas por eles como distorcidas ou falsas:

“Negativo: As mentiras. É chato saber que alguma informação vista num meio de comunicação é falsa ou ‘forçação de barra’.” Aluno, 14 anos

A respeito da influência no comportamento:

“Mais a mídia influencia muito as crianças a participar de bondes, brigas e até mesmo para o crime e para o tráfico. Por causa das cenas que passam na TV, internet, etc... As crianças olham e pensam que é divertido e começam a fazer a mesma coisa.” Aluna, 14 anos

“A mídia influencia bastante realmente as pessoas, os seus valores, crenças e seu estilo de vida. Antes seu modo de viver era normal agora está diferente e por que? Por causa de uma influência que muda tudo. A mídia tem boas influências realmente, mas nem sempre são as melhores.” Aluna, 14 anos

Com relação a falta de privacidade na internet e redes sociais:

“Negativo: Youtube, se tu coloca um vídeo, ou tua amiga todo mundo vê e comenta.” Aluna 14 anos

“Negativo: Postar fotos que eu não queria que postasse, o que fala na TV nem sempre é verdade.” Aluna, 13 anos

A falta de ética nos meios de comunicação, entre outros:

“Ruim é saber que as vezes a mídia mente várias coisas sobre nosso dia-a-dia e também bondes que marcam brigas na internet.” Aluno, 15 anos

“A mídia por um lado é boa porque me ajuda em algumas situações. A mídia por outro lado é péssima porque mostra e ensina coisas péssimas como: crime, morte, brigas, pedofilia e tal.” Aluna, 15 anos

Enfim, é evidente a influência da mídia na vida desses jovens, embora eles identifiquem o alcance da mídia de forma negativa apenas ao relacionarem com a violência (brigas, crimes, etc.). Não percebendo que o consumismo entre outras consequências estão diretamente ligadas a essa Instituição.

Ao serem perguntados a respeito das suas satisfações perante as Instituições Educacionais, os alunos expuseram como resultado a insatisfação, evidenciada no gráfico nº 12 (anexo D).

É compreensível, pois se compararmos esse gráfico com as respostas que os alunos apresentaram, com relação aos pontos positivos e negativos dessas Instituições, é possível identificar alguns motivos dessa insatisfação:

“Os passeios até são legais, mas são muito caros e tem alguns professores que não são muito agradáveis”. Aluna, 14 anos

“Faltam professores, a direção tá uma merda e não temos passeios.” Aluna, 15 anos

“Passeios caros demais, não tem professor substituto.” Aluna, 13 anos

A escola enquanto ambiente de socialização, não está promovendo práticas de convívio enriquecedoras, não está oportunizando aos alunos a vivenciarem outra realidade que não seja aquela em eles estão inseridos diariamente, a de constantes conflitos e falta de motivação.

A condição elementar não está sendo suprida, que é a falta de professores para ensinar as disciplinas básicas. Somando-se isso aos outros aspectos que observaremos a seguir, nos outros gráficos, será possível compreender, mais profundamente, a insatisfação dos alunos.

Quando perguntados a respeito das mudanças que as Instituições Educacionais estão passando (gráfico nº13 - anexo D), dentre os 16 participantes, mais da metade acredita que essas instituições estão mudando (somando todos àqueles que responderam que mudou radicalmente, muita coisa mudou e estão mudando). Ressaltando que essas mudanças não significam, necessariamente, que sejam positivas.

Veamos a opinião de um dos alunos:

“É na educação até que é bem investido, existem bastantes projetos em comunidades, em escolas, etc. As escolas até que se desenvolve bastante, não são todas mas uma grande parte.” Aluna, 14 anos

Como mostra o gráfico nº14 (anexo D), metade dos alunos participantes da pesquisa não se sente envolvidos na mudança que está ocorrendo nas Instituições Educacionais.

Enquanto o gráfico nº15 (anexo D) evidencia que nenhum aluno acredita que a escola esteja realmente aberta para receber sugestões/ críticas. Entre 16 alunos, 10 alunos consideram que a escola não está aberta para o diálogo.

Outros aspectos negativos da Escola, na opinião dos alunos:

“Os espaços que eles não dão para nós. Eles podiam dar mais espaços para a gente se abrir com eles e com a família.” Aluna, 16 anos.

“A forma de explicação da maioria dos professores, a falta de participação dos alunos nas mudanças.” Aluna, 13 anos

Através desses relatos podemos identificar a relação entre a falta de participação dos alunos com a rigidez dos papéis na instituição escolar. A participação dos adolescentes se dá quando há espaços para tais ações, quando os jovens percebem que suas atitudes ocasionarão mudanças na realidade em que estão inseridos. Portanto, participar para o adolescente consistiria em se envolver nos processos de discussão, decisão e execução de soluções para os problemas e não se portando como mero expectador.

Nas respostas obtidas pelo gráfico nº16 (anexo D) a respeito da acessibilidade percebe-se que nenhum aluno considera as Instituições Educacionais extremamente acessíveis à população.

Enquanto no gráfico nº 17 (anexo D), exhibe que os alunos não percebem apoio por parte da escola, o que provavelmente é um dos motivos pelos quais eles se encontram insatisfeitos com essa instituição.

Porém, se por um lado há insatisfação, como foi apontado nos outros gráficos, por parte dos alunos com as Instituições Educacionais, ainda assim, quando perguntados sobre os aspectos positivos foram citados: momentos de integração, socialização e aprendizagem (passeios, encontro de amigos, aulas), apoio ao aluno através de oficinas, esportes, etc. Ou seja, a escola é vista como um ambiente relevante no desenvolvimento para esses jovens, conforme verificamos em suas respostas:

“As aulas de Artes são sempre divertidas, os amigos e os passeios.” Aluna, 14 anos

“Vou a escola para poder passar de ano e os passeios também gosto de vir também por causa dos meus amigos.” Aluna, 15 anos

“Amigas, aula de artes e educação física.” Aluna, 14 anos

“Tem vários tipos de aspectos, por exemplo, a nossa escola tem várias experiências sobre a filosofia de vida é bom na escola que os professores nos ajudam quando a gente precisa da ajuda quando a gente está com dificuldade com alguma matéria e também a gente tem aulas com professores que deram duro para fazer várias faculdades para nos ensinar.” Aluno, 15 anos

“As escolas estão tendo mais eventos, festas com a participação da comunidade.” Aluna, 14 anos

“Os amigos que tenho na escola. A escola ajudará no meu futuro.” Aluna, 13 anos

A escola carece de suporte e apoio aos adolescentes, como já citamos anteriormente, pois não abre espaços para participação, diálogos e tampouco motiva seus alunos ao estudo e a apropriação de conhecimento. Mas ainda é o ambiente, desejado pela família e pela própria instituição, em que se pretende formar cidadãos para a vida e para o trabalho. Ressaltando o papel do professor nesse processo de aprendizagem.

Com relação às Instituições Legais/ Judiciais, quando questionados suas opiniões a respeito da satisfação (gráfico nº19 – anexo D), metade dos alunos respondeu não estar satisfeitos e a outra metade respondeu estar um pouco satisfeito com essas instituições.

Os aspectos negativos apresentados pelos alunos a respeito dessas Instituições com relação:

- a percepção de impunidade,

“Nem sempre um culpado vai preso às vezes um inocente vai no lugar dele.” Aluna, 14 anos

“Leis não são cumpridas.” Aluna, 14 anos

“A justiça não tem nada de bom. Quando alguém roba não tem justiça e quando mata não é julgado.” Aluna, 14 anos

- a corrupção,

“É ver que tem políticos, impeachment, que bota dinheiro na cueca, pegam dinheiro do mensalão e não querem saber do povo.” Aluno, 15 anos

“Existe bastante corrupção. Às vezes se enganam e o inocente é preso ao invés do culpado.” Aluna, 13 anos

- a diferenciação no julgamento das leis entre aqueles que tem poder aquisitivo e os que não têm:

“A justiça não é justa para todos, ou seja, favorece os ricos, e os pobre ‘se ralam’.” Aluno, 14 anos

“O Estado é movido pelo dinheiro então quem tem grana não é preso independentemente do que fez, só quem não tem se ferra.” Aluna, 13 anos

- o descrédito nessa instituição, entre outros:

“É de vez em quando ficamos meio indecisos quando se trata do estado e seus governos porque quando temos um pingão de esperança que mude radicalmente o nosso país nosso estado acaba indo tudo por água abaixo.” Aluna, 14 anos

“Alguns programas sociais não são cumpridos e só as promessas ficam no papel.” Aluna, 14 anos

Os alunos percebem essa injustiça, e identificam que nem todos os cidadãos têm os mesmos direitos e deveres. Como consequência, há insatisfação dos alunos perante estas instituições.

A maioria dos alunos considera as Instituições Legais/ Judiciais pouco acessíveis, conforme evidenciamos no gráfico nº20 (anexo D).

Os aspectos positivos levantados pelos alunos ao se referirem às Instituições Legais/ Judiciais podem explicar o motivo dessa pequena acessibilidade:

“As leis que estão ocorrendo no momento está sendo bom para a defesa das mulheres e crianças. Por exemplo: a lei da Maria da Penha está ajudando muitas mulheres vítimas de agressão.” Aluna, 14 anos

“É ver que pelo menos tem políticos que ajudam o povo ex: o Luis Inasso Lula da Silva, ele fez o Bónsa Família para ajudar nós.” Aluno, 15 anos

“Se não existisse leis ia existir muito mais ladrões”. Aluna, 13 anos

“Mas em alguns momentos há justiça muito poucos, mas tem.” Aluna, 13 anos

“Às vezes a justiça é justa.” Aluna, 13 anos

“Bónsa Família, acesso as escolas todos jovens tem.” Aluna, 14 anos

Como vimos, foram citados a justiça, algumas leis e programas de incentivo do governo (alguns assistencialistas), o que significa que os alunos identificam de certa forma, a importância das leis e do governo propriamente dito.

Suas opiniões com relação ao amparo oferecido pelas Instituições de Saúde Pública evidenciam o quanto esses jovens se consideram desprotegidos em relação ao sistema de saúde (ver gráfico nº21- anexo D)

Segundo a opinião de alguns alunos sobre essas instituições:

“Eles não estão se preocupando com a saúde das pessoas. Os hospitais e postos de saúde estão com poucos funcionamento adequado para receber pacientes, estão com muita lotação e poucos medicamentos para todos os seres humanos. A justiça tem que se preocupar com a saúde das pessoas, muitas crianças estão morrendo com caso de desnutrição.” Aluna, 14 anos

“Os hospitais estão lotados tem alguns que estão sei leito, tem hospitais que ninguém limpam eles ficam várias doenças e bactérias que se transmitem lá e também quando a mulher esta grávida tem ambulância não vão buscar elas.” Aluno, 15 anos

“O atendimento é ruim, pessoas que realmente precisam ser atendidas não são.” Aluna, 14 anos

“Aquele mulher que viajou mais de 500 km para poder achar um hospital para poder ter seus filhos dignamente. As filas.” Aluna, 13 anos

“Tendo plano de saúde você é amparado. Se não tem, pode morrer que não é atendido”. Aluna, 14 anos

“Não vejo pontos positivos na saúde pública. Quase sempre não há médicos, a fila é sempre lotada, e as vezes o descaso público também, muitos pacientes morrem por não ter atendimento. Outro problema também e o desintendimento, as vezes, muito médicos fazem algo errado como esquecer algo dentro do paciente.” Aluna, 15 anos

“As filas são muito ruim porque as pessoas vão no médico mas eles tem que esperar muito as vezes as pessoas acabam morrendo.” Aluna, 16 anos

Embora existam leis e estatutos, como o ECA, conforme vimos no capítulo 4, que garantam apoio aos adolescentes em diversas áreas (como a saúde, por exemplo), percebemos que os jovens não consideram-se amparados por essas instituições. Lembrando que esses estudantes entrevistados fazem parte da periferia da cidade, e dependem quase exclusivamente do SUS, portanto não têm as mesmas condições de atendimento médico que os adolescentes das classes A e B.

A maioria dos adolescentes entrevistados se considera pouco satisfeitos (gráfico nº22 – anexo D), apesar de terem respondido se sentirem desamparados pelas instituições ligadas à saúde na questão anterior.

É possível compreender essa ambiguidade ao ler os aspectos positivos e negativos que os alunos levantam com relação a essas instituições:

*“É que eles sabem quando trata as pessoas para ficar tratando lá.”
Aluno, 15 anos*

“Minha prima curou o câncer dela num hospital público.” Aluna, 13 anos

“É bom porque é de graça, mas é ruim pois os tratamentos não são iguais para todas as pessoas, tem que ficar horas em uma fila e se você não consegue tratamento pelo SUS, tem que pagar mas a maioria das vezes é extremamente caro.” Aluna, 13 anos

“Bom, os atendimentos são bons, mas demora 1 ano para entrar num hospital. A saúde tá uma porcaria. Quem tem dinheiro consegue rápido o atendimento.” Aluna, 14 anos

“Que alguns postos distribuem os medicamentos.” Aluna, 14 anos

“É um pouco porque o postos perguntão as necessidades e eles tirão muitas dúvidas.” Aluna, 16 anos

A respeito da acessibilidade das instituições ligadas à saúde, observamos no gráfico nº23 (anexo D) que a maioria dos entrevistados acredita que estas instituições sejam pouco acessíveis. Portanto, outro motivo para a pouca satisfação dos alunos, conforme observada anteriormente (gráfico nº22 – anexo D).

Quando perguntados a cerca das Instituições de Segurança Pública, metade dos alunos respondeu não se sentir amparada, conforme o gráfico nº24 (anexo D) nos apresenta.

Essa instituição tem reflexo direto no processo de socialização dos jovens, visto que influencia seus comportamentos, pois na medida em que o sentimento de desamparo e insegurança é frequente, os jovens passam a criar mecanismos de autoproteção, podendo ser traduzido em violência (entre grupos, por exemplo).

Esse sentimento de desproteção, perante a segurança pública, se confirma nas respostas sobre os aspectos positivos e negativos dessas instituições.

Vejamos que algumas opiniões dos alunos estão relacionadas com a falta de ética:

“A corrupção da polícia na relação com traficantes e bandidos.”

Aluno, 14 anos

“Alguns crimes são cometidos e os criminosos não são punidos.”

Aluna, 14 anos

“Prendem as pessoas injustamente.” Aluna, 13 anos

Com o despreparo dos profissionais para a função:

“Segurança de vez em quando ficamos pensando se é o nome certo para tal serviço. Há realmente vários policiais mas nem todos são altamente treinados, preparados e capacitados para atuar nas ruas, casas, etc.”

Aluna, 14 anos

“Não protegem, não dão segurança.” Aluna, 14 anos

Falta de crença dos jovens nesses profissionais, entre outros:

“Hoje em dia nem na polícia dá pra confiar.” Aluna, 13 anos

“Não tem pontos positivos. É que as vezes os policiais são muito demorados e muitas vezes o serviço precário.” Aluna, 16 anos

Embora no gráfico nº 24 (anexo D) eles afirmem se sentirem desamparados, no gráfico nº 25, a maioria respondeu estar pouco satisfeito com as instituições públicas. Isso se explica na medida em que identificamos as respostas dos alunos em relação aos pontos positivos e negativos das Instituições de Segurança Pública.

Vejamos algumas opiniões dos alunos:

“Bom eu não aceito o jeito que os policiais estão tratando as pessoas trabalhadoras na sociedade, eles não tão nem aí se as pessoas estão fazendo algo certo ou errado ele chegam já batendo e etc. Eles só querem saber de ganhar algo em cima, muitos policiais são corruptos ajudam os traficantes com a segurança dos vagabundos do que a segurança dos trabalhadores. Mas alguns policiais que estão fazendo o seu serviço e protegendo pessoas.” Aluna, 14 anos

“Positivo são a proteção a comunidade mais pobre, acho que isso evoluiu bastante nos últimos anos. Negativo: a corrupção da polícia na relação com traficantes e bandidos.” Aluno, 14 anos

“Positivo é que eles sabem agir porque eles ganham para nos proteger e também muitos policiais que dão a vida para salvar a gente, Negativo é ser policiais corruptos que passam as informações para os traficantes.”

Aluno, 15 anos

“A polícia tenta fazer um pouco de segurança possível. Só que tem muito policial corrupto e isso que estraga a polícia.” Aluna, 14 anos

“Positivo: Eles nos protegem. Negativo: Eles demoram demais.”

Aluna 15 anos

Apesar dos vários aspectos negativos apresentados pelos jovens (corrupção policial, etc.), ainda sim essa instituição tem um papel significativo na ordem social, de modo que os adolescentes ainda percebem a segurança propiciada por esses profissionais dentro da comunidade em que vivem.

Conforme observamos no gráfico nº 26 (anexo D) a maioria dos adolescentes respondeu que as Instituições de Segurança Pública são pouco acessíveis. Isso também explica os resultados anteriores obtidos nos gráficos (24 e 25).

Algumas opiniões:

“Nem sempre quando vou telefona eles vem para te socorrer.”

Aluna, 14 anos

“Positivo: Existem bastante policiais. Negativo: Se pedirmos ajuda (se uma adolescente ou uma criança) pedir ajuda, vão achar que é trote, crimes que quem os faz não paga.” Aluna, 13 anos

Ambas as respostas dos alunos entrevistados denotam que esta instituição, muitas vezes, não percebe a seriedade das ocorrências envolvendo crianças e adolescentes: Mais uma vez, reforça o desamparo que esses jovens sentem e enfrentam, diariamente ao lidarem com situações de violência (quase sempre, doméstica), entre outras.

A seguir serão apresentados os dados, para análise das respostas, dos profissionais da área da educação que trabalham em ambas as escolas participantes da pesquisa.

5.3.3 Análise das respostas dos professores/ diretores:

Os educadores participantes da pesquisa consideram que a Instituição Família não é mais a mesma de antigamente, ela está passando por mudanças, conforme aponta o gráfico nº 27 (anexo D).

Observamos o conteúdo das respostas desses profissionais da educação com relação às suas opiniões dos aspectos positivos/ negativos das famílias e

notamos a citação sobre a mudança no comportamento e a maior aceitação das famílias:

“A aceitação legal da estruturação familiar ocorrer de forma afetiva independente de gênero.” Professora, 29 anos.

“Positivo: Acredito que as famílias hoje são menos hipócritas ao discutir e aceitar novos valores e comportamentos no que diz respeito, principalmente, às mudanças sociais, culturais e sexuais das mulheres nas últimas décadas. Negativo: Nas famílias atuais, vejo que os pais possuem menos autoridade com os filhos e dificuldade em impor limites, pois sentem-se ‘reféns’ do amor de sua prole. Talvez porque também os pais participem pouco da vida cotidiana dos filhos, pois trabalham demais ou não tem interesse.” Professora e Orientadora, 41 anos

A abertura para diálogos, a representação dos papéis de pai/mãe pouco definidos, a liberdade, entre outros:

“Positivamente vejo mais respeito quanto à manifestação de pontos de vista e algumas atitudes como sexualidade, escolhas profissionais, etc. Negativamente entendo haver uma desestrutura maior, pais querendo ser ‘amigos’ dos filhos, esquecendo que pais deveriam ser pais: dar limites, educar, ceder em alguns pontos até antes intransigentes e cobrar outros que estão correndo solto, como responsabilidades, etc.” Professora e Diretora, idade não informada.

“Considero positiva a atuação mais destacada das mulheres na liderança das famílias. Contudo, isso se deve em muito à condições econômicas precárias, ao baixo controle de natalidade.” Professor, 34 anos

“Em relação aos namoros, estudos, trabalho de vários membros trabalharem fora. Convivência com a mídia, liberdade de expressão.” Professora e Diretora, 50 anos.

Quando perguntados da participação que tem nas mudanças percebidas nas famílias, os educadores consideram participar dessa mudança (gráfico nº28 – anexo D).

É inegável a influência que esses profissionais têm sob os jovens, na medida em que os educam e, essas transformações (valores, atitudes, etc.) também refletem nas famílias.

A maioria dos educadores afirma que as famílias encontram-se pouco abertas para discutirem assuntos como os papéis de gênero, conforme o gráfico nº 29 nos mostra. E essa situação também pode ser relacionada, novamente, com a opinião

desses profissionais em relação aos aspectos positivos e negativos da Instituição Família.

A fragilidade das relações, entre outros:

“A relutância social contra o homoafetismo; a fragilidade das relações, que iniciam e terminam com rapidez (parece que é mais fácil terminar a relação, do que fazer com que funcione, ‘dê certo’).”

Professora, 29 anos

“Por vezes, me parece haver mesmo uma negação geracional no sentido de introduzir as crianças em um discurso simbólico (fala e sua alteridade) e em um mundo regido pelos contextos históricos, políticos e sociais.”

Professor, 57 anos

Em relação à mídia enquanto instituição, o gráfico nº30 (anexo D) nos mostra a insatisfação que a maioria dos educadores tem com a mídia. Podemos identificar os motivos para essa falta de satisfação em suas respostas acerca dos pontos positivos e negativos da mídia:

“Positivamente a mídia pode explicar e difundir aspectos educativos e às vezes o faz em determinados programas específicos. Negativamente, também difunde valores distorcidos, apelativos em função do retorno econômico.” Professora e Diretora, idade não informada

“Em todos os meios sensacionalista, indutiva, incoerente; falta de filtro (não restrição, mas filtro).” Professora, 29 anos

“A poluição sensorial (visão, audição, percepções,...) que a mídia provoca, nos afastando muito daquilo que é realmente importante e vital, o contato com a natureza e a observação de seus ricos processos.” Professora e Orientadora, 41 anos

Nos gráficos nº31 e 32, observamos que a maioria dos educadores acredita que a mídia é um pouco aberta, porém extremamente acessível. Ressaltando a diversidade de mídias existentes e a utilização da mesma (que não pressupõe modificação do seu conteúdo, no caso de críticas ao conteúdo exibido, por exemplo), por isso essa ambiguidade nas respostas.

A mídia acessível quanto ao seu caráter informativo:

“Facilidade na aquisição de qualquer tipo de informação.”

Professora, 29 anos

Ao serem perguntados sobre o suporte que a mídia proporciona à esses profissionais, metade dos educadores respondeu ser um pouco relevante (ver gráfico nº33 – anexo D). Como aspectos positivos e negativos, eles citam:

“Positivo: Melhoria na convivência comunitária.” Professor, 57 anos

“A mídia traz informações e diversões importantes para o nosso crescimento intelectual, cultural e social. Porém, o ‘filtro’ (separação do que é bom, verdadeiro, do que é ruim, falso) tem que existir antes do acesso à mídia, para não sermos enganados.” Professora e Orientadora, 41 anos

“As pessoas têm maior acesso a todas as notícias, acontecimentos de país em tempo bastante rápido.” Professora e Diretora, 50 anos

A influência da mídia é percebida pelos educadores (conforme observamos no gráfico nº34 e nas respostas dos gráficos anteriores). Segundo os entrevistados, a influência muitas vezes é negativa, conforme percebemos em suas respostas sobre os aspectos negativos dessa instituição:

“Manipulação política, econômica e social. Engendramento de uma sociedade de consumidores alienados, desde os primeiros anos da infância. Criação de necessidades inexistentes para consumo. Padronização e naturalização objetiva e subjetiva dos papéis sociais de modo artificial.” Professor, 57 anos

“A mídia é um instrumento extremamente poderoso em nossa sociedade. Aliás, o mais poderoso. Transmite valores, ideias, cultura, ideologias; vende produtos com eficácia; cria necessidades; elege candidatos; derruba políticos, etc.” Professor, 34 anos

O gráfico nº 35 (anexo D) exhibe que a maioria dos educadores participantes da pesquisa não está satisfeito com a escola. Esses profissionais identificam muitos pontos negativos nas instituições educacionais, entre eles: defasagem no ensino, a indefinição do papel da escola, entre outros. Segue abaixo suas opiniões:

“Na escola pesquisada positivo é a tentativa de uma organização com real inclusão de todo e qualquer aluno, ideal de ensino e aprendizagem. O negativo é que de fato falta muito para alcançar este objetivo e os ideais em que a instituição é pautada são antiquados, bem como seus professores.” Professora, 29 anos

“A Escola renuncia, muitas vezes, ao seu papel master: educar para abarcar, de modo deficitário, papéis sociais que não lhe cabem (e.g. assistência social). O papel da Escola hoje, é por vezes desfocado, flutuante e paternalista.” Professor, 57 anos

“A Escola não consegue transformar em aprendizagem as estratégias de sobrevivência dos alunos, portanto não consegue dar sentido, significado aos conteúdos, que não ficam ‘fixados’, ‘memorizados’, estancando o processo de relacionar coisas diferentes e produzir seu próprio conhecimento, resignificado.” Professora e Orientadora, 41 anos

Na questão acerca das mudanças nas Instituições Educacionais, conforme o gráfico nº36 (anexo D) aponta, notamos que, embora não seja um consenso de que as instituições educacionais mudaram muito, percebe-se nas respostas que houve uma mudança nem que seja pequena. Essa mudança tanto positiva quanto negativa pode ser mais bem compreendida ao relacionarmos às respostas descritivas dos educadores:

“O que tem de positivo é o fato de que existe efetivamente um mais amplo acesso das comunidades carentes para estudar em escolas como a nossa. Isto se deve à inclusão de alunos portadores de NEES, bem como a alunos em situação de risco social. Negativamente considero que ao mesmo tempo que existe público-alvo está ingressando na escola, a mesma e seus professores não recebem o apoio devido da Mantenedora (prefeitura) no que diz respeito à preparo e formação de professores, recursos humanos especializado, serviços especializados de fundamental importância ao desenvolvimento dessa clientela como: Fonoaudiólogos, psicólogos, oftalmologistas, etc.” Professora e Diretora, idade não informada

“O assunto é extremamente complexo. Não caberia aqui. Há uma crescente desvalorização da escola, sobretudo na classe trabalhadora, a qual não vê perspectiva no estudo. Daí a crescente indisciplina dos alunos. A violência escolar reflete a violência crescente na sociedade. Profissionais desvalorizados (não apenas financeiramente) e sobrecarregados. Por outro lado, temos governos interessados apenas em índices internacionais.” Professor, 34 anos

Se por um lado há um incentivo do governo, através das políticas públicas de inclusão, por outro se percebe a constante desvalorização dos profissionais desta área, além da falta de formação permanente, entre outros aspectos que acabam prejudicando o sistema educacional.

Quando questionados a respeito das suas participações nesta mudança das instituições educacionais, os educadores se consideram participantes (ver gráfico nº37- anexo D). A maioria se diz participantes ativos, o que confere maior responsabilidade para as decisões que são tomadas nestas instituições.

Como percebemos na resposta de uma das entrevistadas:

“Atualmente a comunidade escolar tem a oportunidade de opinar, participar e tomar as decisões junto com a equipe diretiva.”

Professora e Diretora, 50 anos

Embora no gráfico anterior (anexo D- gráfico nº37) os educadores tenham se considerados participativos nas mudanças que estão ocorrendo nas instituições educacionais, os mesmos a consideram, por outro lado, com pouca abertura para receber sugestões, como se percebe no gráfico nº38 (anexo D).

A acessibilidade das instituições educacionais à população é algo percebido pelos educadores, como aponta o gráfico nº39 (anexo D), no qual metade dos entrevistados respondeu que é acessível.

Quando perguntados se a escola oferece apoio às vivências dos educadores, metade considerou que apoia e a outra metade que apoia pouco (ver gráfico nº40 – anexo D). Ressaltando a necessidade de formação permanente e que poucos educadores dispõem de tempo para isso, além da sobrecarga de trabalho apontada pelos mesmos como fator negativo desta instituição conforme apresentados anteriormente.

A maioria dos educadores não está satisfeita com o trabalho realizado pelas instituições legais e judiciais, é o que evidencia o gráfico nº41 (anexo D). Os motivos dessa insatisfação são apresentados através das respostas com relação aos aspectos negativos e positivos destas instituições. Vejamos algumas opiniões:

“As instituições que prestam este serviço estão oferecendo o atendimento, mas geralmente é moroso e nem sempre qualificado. As leis são suficiente, falta entendimento real e aplicação.” Professora, 29 anos

“Todos os processos legais/ judiciais são muito lentos, envolvem trabalho e apresentam muito pouco resultado. As pessoas desacreditam em tudo isso. Seria necessário uma grande inovação para resolver estas situações.” Professora e Diretora, 50 anos

“Penso que a justiça ainda é inacessível para muitos. Negativamente é morosa e elitista. Não acredito na sua imparcialidade. Ao mesmo tempo que nossas leis são brandas com os criminosos de forma geral. A impunidade dos crimes de todos os tipos de estende ao dia a dia da população que acredita que fazer o ‘errado’ ‘não dá nada’.”

Professora e Diretora, idade não informada

“Falta da unicidade de uma política voltada para facilitar o acesso da população carente a justiça. Manipulação política dos interesses da população; o sistema político é submisso a castas e ao interesse econômico.” Professor, 57 anos

O gráfico nº 42 exhibe o grau de insatisfação dos educadores a respeito das instituições legais/ judiciais, pois a metade dos entrevistados afirma não estar satisfeito. Por outro lado, na questão sobre a acessibilidade dessas instituições, mais da metade acredita que as instituições legais/ judiciais são acessíveis, como mostra o gráfico nº 43 (anexo D).

Vejamos a opinião de uma das entrevistadas:

“Positivo: Criação e funcionamento do Ministério Público. Avanço na leis (ECA) e aplicação destas, principalmente no que diz respeito a Rede de Proteção a criança e aos adolescentes. Negativo: A vergonha das leis que regem a política, que protegem e incentivam as negociatas lucrativas nas Câmaras (Municipais, Estaduais, Federais) e no Senado.” Professora e Orientadora, 41 anos

Quando perguntados sobre as instituições públicas de saúde, metade dos educadores se considera amparada enquanto a outra metade diz não se sentir amparada, conforme o gráfico nº44 nos apresenta (anexo D). Vamos os principais aspectos apresentados pelos educadores a respeito destas instituições:

“Negativo: O acesso das comunidades carentes é difícil e os atendimentos dependem da burocracia de estado, o que na maior parte das vezes, é frustrante. Positivo: Campanhas dos governos Federal/ Estados no sentido de melhorar o atendimento. Farmácia Popular, remédios liberados, vacinação universal.” Professor, 57 anos

“Elas estão disponíveis, mas os grandes hospitais da cidade acabam atendendo a todo estado fazendo com que o atendimento aos moradores se torne mais demorado. Em casos de urgência são eficientes, mas sempre superlotados.” Professora, 29 anos

*“Os Postos estão com poucos médicos para atendimento da população, ficando deficitária neste sentido. Eu possuo plano de saúde, é diferente.”
Professora e Orientadora, 41 anos*

“A saúde pública no país, estado ou cidade é notoriamente insatisfatória. Não atende às necessidades reais da população mais pobre. Isso se prolonga há várias décadas e não acredito em mudanças porque realmente não há vontade política. Não consigo ver aspectos positivos.”

Professora e Diretora, idade não informada.

“Só tenho ou temos atendimento, no momento em que pagamos um plano de saúde particular. É um desrespeito as pessoas, pois todos contribuimos para este setor. Também acho que os planos de saúde poderiam efetuar um pagamento melhor aos médicos, pois muitos não querem trabalhar pelos baixos valores.” Professora e Diretora, 50 anos

Como consequência do resultado obtido no gráfico anterior nº44 (anexo D), percebemos agora a insatisfação dos educadores perante às instituições de saúde pública, quando perguntados se estão satisfeitos com o atual funcionamento destas instituições, conforme aponta o gráfico nº 45 (anexo D). Segue a opinião de um dos educadores:

“Os serviços e o atendimento são péssimos.” Professor, 34 anos

A maioria dos educadores quando perguntados sobre as Instituições de Segurança Pública, afirmam não se sentirem amparados (ver gráfico nº47 – anexo D). Embora no gráfico nº 46 mostre que os entrevistados acreditam que as instituições de saúde podem ser consideradas acessíveis.

Os principais aspectos levantados pelos educadores a respeito destas instituições foram:

“Muita corrupção, abordagens inadequadas, abuso de poder.”

Professora e Orientadora, 41 anos

“Os profissionais são mal treinados, mal remunerados e sobrecarregados.”

Professor, 34 anos

“Da mesma forma que a saúde, entendo ser a mesma, a situação da segurança pública: ineficiente, insatisfatória, corrupta, desaparelhada, despreparada. Também não vejo vontade política para modificar tal situação.” Professora e Diretora, idade não informada

“Não podemos estacionar um carro com calma, caminhar em uma rua, deixar uma janela aberta. Devemos procurar reformular o sistema prisional para tentarmos resultados melhores.” Professora e Diretora, 50 anos

“Falta verba (ou aplicação dela) e profissionais aptos e responsáveis para desempenhar estas funções, bem como, equipamento e veículo para boa manutenção do serviço.” Professora, 29 anos

A maioria dos entrevistados está insatisfeita com as Instituições de Segurança Pública, conforme observamos (gráfico 48) e também não apresentou muitos aspectos positivos destas instituições. E no gráfico nº49 isso fica evidente ao considerarem estas instituições pouco acessíveis. Segue abaixo a única resposta com aspecto positivo:

“Positivo: Melhoria das relações segurança-comunidade; maior interação com as escolas. Negativo: É necessária melhoria na formação profissional e integração entre os órgãos de segurança pública.” Professor, 57 anos

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados vistos isoladamente não retratam a realidade das escolas da periferia, deve-se entender o contexto em que os alunos vivem, e por isso optei por visitar várias vezes cada escola. Portanto, a validade desta pesquisa se dá pelo viés qualitativo dos dados e informações coletadas, já que explicitam um pouco da realidade vivenciada por esses adolescentes e por esses profissionais da área da educação. Além do questionário respondido pelos alunos, professores e equipe diretiva, também obtive informações através da observação e de conversas informais com os profissionais de cada escola.

É importante ressaltar que ambas as escolas possuem profissionais que acreditam nos alunos, que os incentivam a continuarem estudando para terem melhores oportunidades na vida, esses profissionais acreditam na mudança e fazem o seu melhor para ajudá-los a construir os seus futuros.

Penso que caso a pesquisa pudesse ser estendida e aplicada também com os familiares dos alunos (pai/mãe), seria possível obter mais informações e compreender mais profundamente essa relação família-escola-adolescente, e de que forma todos se percebem enquanto partes essenciais no desenvolvimento e agentes de mudanças. Além disso, através das opiniões acerca das instituições sociais, tais como a mídia, por exemplo, poderíamos relacionar de que maneira as famílias percebem as influências tanto positivas quanto negativas desses meios.

Como resultado da pesquisa é possível afirmar que sistema educacional carece de atrativos para os jovens e apresenta uma defasagem na qualidade do ensino, necessitando de uma reestruturação no sentido de aderir às novas mídias (estudo das mídias).

A comunicação deveria estar presente na formação escolar, pois os meios de comunicação servem como importante fonte de informação, educação e entretenimento para estes estudantes. Sendo assim, a formação dos jovens nesse ambiente escolar precisa ir além de ensinar as disciplinas básicas. As escolas devem oportunizar um espaço de discussões sobre as mídias e possibilitar a produção e socialização de conhecimentos nas salas de aula. Esses conhecimentos

precisam ser discutidos junto com a presença das tecnologias da informação e comunicação, propiciando o exercício do pensamento crítico.

É necessário assegurar a democratização das informações possibilitadas pela inclusão digital e capacitação dos docentes para a utilização das novas tecnologias, etc.; precisa fazer parte do dia-a-dia das escolas.

As salas de aula vêm deixando de ser o único lugar de legitimação dos saberes, a presença das tecnologias de informação e comunicação reconfigura papéis de aprendizagem e interação, possibilitando ao jovem autoria de conteúdo e não somente de receptor de mensagens e ideias. Por isso é tão importante que a juventude seja capaz de refletir sobre as informações transmitidas nas mídias (estereótipos, violência, preconceito, consumismo, etc.) e suas consequências.

Sendo assim, acredito que os teóricos da comunicação e da educação precisariam inverter a preocupação dos efeitos negativos que a mídia proporciona e trabalhar com os efeitos positivos que podem advir da utilização desses meios. É preciso entender que em cada produção midiática há recortes e escolhas subjetivas, portanto não existindo a imparcialidade. Por isso torna-se importante o pensamento crítico dessas informações, pois não consistem na verdade absoluta, mas sim, apenas uma visão do todo. E um dos ambientes que podem proporcionar esse momento de discussão é, sem dúvida, a escola.

Concluo esse trabalho com a citação de Morin (2008, p.59), que acredito resumir a ideia da utilização e estudo das mídias no ambiente escolar, tendo como objetivo o desenvolvimento crítico: “Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza”.

Enfim, não tive a pretensão de definir a educação, mas acredito que é um assunto que necessita ser explorado constantemente, trabalhado e compreendido também por outras áreas, como a comunicação. A fim de ser conduzido de maneira a pensar na atualidade e planejar o futuro.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda & KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. In: Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 1997, N° 5 Set/Out/Nov/Dez 1997, N° 6.
- ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **A Rádio na escola: uma prática educativa eficaz**. In: Revista de Ciências Humanas, Universidade de Taubaté, 2001. v. 7. n. 2, jul./ dez. p. 33-38.
- BÉVORT Evelyne & BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-Educação: conceitos, histórias e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez.2009.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **On Television**. New York: The New Press, 1998.
- BUCKINGHAM, David. **Watching media learning: making sense of media education**. Great Britain: The Falmer Press, 1990.
- CALDAS, Graça. **Mídia, escola e literatura crítica do mundo**. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 117-130, jan./abr. 2006.
- CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília von (orgs.). **A criança e a violência na mídia**. Tradução Maria Elizabeth Santo Matar, Dinah de Abreu Azevedo. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999.
- DIZARD, Wilson P. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Trad. Edmond Jorge, 2° ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação, conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis, Cidade Futura, 2006.

_____. **A mídia na formação escolar de crianças e jovens.** Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e juventude: experiência do público e do privado na cultura.** In: Caderno Cedes: Campinas, vol. 25, n. 65, p. 43-58, jan./abr. 2005.

_____. **Mídia, Juventude e Memória Cultural.** Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 667-686, out. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 13ªed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 218p.

FREUD, Anna. **Adolescência.** In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Título: Adolescência. Ano V. Número 11. Nov./1995.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** São Paulo Perspec., São Paulo, v.14, n.2, jun.2000.

GÖRGEN, James. **Sistema central de mídia: proposta de um modelo sobre os conglomerados de comunicação no Brasil.** Dissertação de Mestrado – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. UFRGS. Porto Alegre, 2009.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia.** / Pedrinho A. Guareschi, Osvaldo Biz. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LIMA, L.O. **Mutações em educação segundo McLuhan.** Petrópolis: Vozes, 1979. 12ªed. 64 p.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo.** São Paulo: Antropos/ Relógio D.água. 1983.

_____. A era do após-dever. In: MORIN e PRIGOGINE. (Orgs.). **A Sociedade em Busca de Valores.** Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e política**. Trad.: José Fernando Campos Fortes. 1ªed. Atualizada. – Belo Horizonte: Editora. UFMG, 2009. 98p

MELMAN, Charles. **Haveria uma questão particular do pai na adolescência?** In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Título: Adolescência. Ano V. Número 11. Nov./1995.

MILNITSKY-SAPIRO, Clary. **Construção de valores sócio-morais na cultura, e suas formas de discriminação da adolescência**. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo.

_____. **Ele tinha tudo para ser feliz**. In: AMARAL, Mônica (org.). Educação, Psicanálise e Direito: Combinações possíveis para se pensar adolescência na atualidade. 1ªed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. Edgar Morin/ tradução Eloá Jacobina. -14ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 128p.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins & NOGUEIRA, Maria Alice. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº78, Abril/2002.

O'Neill, B. (2010). **Media Literacy and Communication Rights: Ethical Individualism in the New Media Environment**. International Communication Gazette 72(4-5): 323-338. Dublin Institute of Technology.

RAUPP, Luciane Marques. **Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo**. Dissertação de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2006.

RIVOLTELLA. Cesare Pier. **Mídia-educação e pesquisa educativa**. Perspectiva, Florianópolis, v. 27, n. 1, 119-140, jan./jun. 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996. 292p.

SILVA, Mozart Linhares da. **Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação**. Org. por Mozart Linhares da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 96p

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Roger Silverstone/ trad. Milton Camargo Mota. - 2º ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e estudos culturais. In. MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.) **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares**. Maringá: Eduem, 2009. p.151 165.

ZERO HORA. Jornal. Porto Alegre, 24/09/2011. Ano 48, n. 16.790, 2ºed. Sessão Editorial: Investimento na Qualidade. p.14

Sites

ANDI. Disponível em: <<http://www.andi.org.br>> Acesso em: 22/08/2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO-SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p. Acesso em: 27/08/2011. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Ano 1990. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo - Comissão de Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.criancanoparlamento.org.br/sites/default/files/eca.pdf>. Acesso em 22/09/2011.

_____. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/marco_teorico_saude_reprodutiva_jovens.pdf>. Acesso em 25/09/2011.

CIA. Site oficial – Central Intelligence Agency. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2147rank.html>. Acesso em: 11/09/2011.

COLÓQUIO MÍDIA E EDUCAÇÃO NO BRASIL E NA EUROPA. Palestra de abertura da 4ª Jornada de Debates Mídia e Imaginário Infantil. UFSC. Novembro/2006. Acesso em 28/jul 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=L_lxBT_yZA0>

Guia do Estudante. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/brasil-fica-88o-lugar-ranking-educacao-unesco-620646.shtml>>. Acesso em: 13/10/2011.

IBOPE. Disponível em: <www.ibope.com.br> Acesso em: 11/07/2011.

_____. **Pesquisa sobre o tempo de navegação do brasileiro.** Na seção: Notícias, Internet, IBOPE Nielsen Online - Área: Notícias\Press Releases\2009. Publicada em 14/07/2009. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=pesquisa_leitura&nivel=null&docid=0C603C3C20140371832575F3004B038C> Acesso em: 11/07/2011.

INSTITUTO ALANA. Disponível em: <<http://www.alana.org.br>> Acesso em: 22/08/2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR - IDEC. Disponível em: <<http://www.idec.org.br>>. Acesso em: 22/08/2011.

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO – EPCOM. **Os Donos da Mídia.** Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/arquivos/donosdamidia.pdf>>. Acesso em: 20/09/2011.

JORNAL NACIONAL. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/05/apenas-25-dos-brasileiros-sao-plenamente-alfabetizados.html>> Acesso em 10/09/2011.

MEDIA EDUCATION FOUNDATION. Study Guide. EARP, Jeremy. Rich media, poor democracy. Disponível em: <http://www.mediaed.org/assets/products/118/studyguide_118.pdf>. Acesso em 22/08/2011.

OBSCOM- OBSERVATÓRIO DE COMUNICAÇÃO. Universidade Federal de Sergipe EPNOTICIAS. Disponível em: <<http://www.eptic.com.br/arquivos/epnoticias/acervo/PORTUGUES/News/epnoticias93.htm>>. Acesso em 31/08/2011.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Governo Brasileiro. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes>. Acesso em: 27/08/2011.

Portal Luiz Beltrão. Disponível em:
<<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.biografias.htm#luizbeltrao.biografias.enc1>>. Acesso em: 20/09/2011.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

Disponível em:
<http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3793&lay=pde>. Acesso em: 18/09/2011.

REVISTA PONTO COM. Disponível em: <
<http://www.revistapontocom.org.br/destaques/escola-e-tecnologia-uma-radiografia-brasileira>>. Acesso em 06/09/2011.

UNESCO. Site oficial. Disponível em:
<http://www.unesco.org/education/pdf/MEDIA_E.PDF>. Acesso em 15/08/2011.

ANEXOS

ANEXO A – QUADRO SOBRE A CONCENTRAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

6 redes privadas predominam no segmento de TV, vinculando-se a 372 outros veículos (emissoras de rádio e jornais)

Redes e Grupos	Emissoras de TV	Outros Veículos	Total
6 Redes Privadas Nacionais de TV	296	372	668
Redes públicas, segmentadas e grupos independentes	35	102	135

Fonte: Relatório Epcom

FONTE: RELATÓRIO EPCOM

“Os Donos da Mídia”

Pesquisa que aponta a concentração dos meios de comunicação no Brasil.



FONTE: RELATÓRIO EPCOM

Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação - EPCOM

Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/arquivos/donosdamidia.pdf>>. Acesso em 20/09/2011.

ANEXO B - TERMOS DE CONSENTIMENTO DOS ALUNOS, PROFESSORES E
EQUIPE DIRETIVA.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento tem a finalidade de informar a cada participante da pesquisa: “**TEMAS TRANSVERSAIS EM CONTEXTO: OFICINAS DE FORMACAO CONTINUADA PARA EDUCADORES DERIVADAS DE CONCEPCOES DE ADOLESCENTES ACERCA DAS INSTITUICOES SOCIAIS**”, coordenada pela Profa. Clary M. Sapiro, Natascha Borba Oliveira, Valéria Gonzatti e Luciane M. Raupp.

Como diz o título, sua opinião como **estudante** e como jovem a respeito das instituições sociais servirá como referência para tornar as oficinas dos professores mais produtivas para todos os envolvidos - isto é, sua opinião será considerada para construir as oficinas de formação continuada para os educadores de sua escola. As instituições sociais que você avaliará no instrumento, têm influência direta na sua qualidade de vida - e de cada cidadão. Essa pesquisa visa investigar também, como você percebe as possibilidades concretas de participação na sociedade, mudando coisas erradas ou apoiando medidas que você entende como positivas. **Queremos lhe informar que suas respostas serão analisadas juntamente com as respostas de outros estudantes participantes para possibilitar que suas opiniões possam ser incorporadas no currículo escolar oferecendo espaços interdisciplinares de participação e reflexão crítica. Isso significa que as respostas dadas por cada um dos participantes serão “agrupadas” servindo como tema para discussão nas oficinas realizadas posteriormente.**

A pesquisa será realizada na sua escola, em período cedido pela equipe diretiva, não causando nenhuma alteração na sua rotina escolar. A sua participação será computada como presença pelo professor responsável pela disciplina que concederá o espaço.

É importante salientar que seu nome não será revelado em nenhum momento e qualquer informação que possa identificá-lo será omitida. Ainda, queremos informá-lo de que poderá interromper a entrevista a qualquer momento e desistir de sua participação sem que isso lhe cause algum prejuízo.

Para participar, necessitamos de seu consentimento e se você for menor de idade, a assinatura do adulto responsável por você.

Muito Obrigado por Contarmos com Você!!!

Caso haja algum desconforto, por favor, dirija-se à Profa. Dra. Clary Milnitsky Sapiro no Instituto de Psicologia da UFRGS, para que todas as medidas de apoio sejam providenciadas.

Fones p/ contato: 3308-5311 (sala 211 do Instituto de Psicologia – UFRGS) Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Celular (051)91044448

Segue abaixo a sua autorização :

Eu,, concordo em participar desta pesquisa. Tenho ciência que se tiver alguma dúvida após a pesquisa, poderei fazer contanto com a Profa. Clary e com os pesquisadores.

Segue abaixo a autorização do responsável :

Eu,, responsável pelo aluno (a)....., concordo com sua participação nesta pesquisa. Tenho ciência que se tiver alguma dúvida após a pesquisa, poderei fazer contanto com a Profa. Clary e com os pesquisadores.

Clary M. Sapiro
(pesquisadora responsável)

nome ou assinatura aluno

Natascha Borba Oliveira

responsável pelo aluno

Valéria Gonzatti

Luciane M. Raupp

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento tem a finalidade de informar e esclarecer individualmente cada participante da pesquisa:: **“TEMAS TRANSVERSAIS EM CONTEXTO: OFICINAS DE FORMACAO CONTINUADA PARA EDUCADORES DERIVADAS DE CONCEPCOES DE ADOLESCENTES ACERCA DAS INSTITUICOES SOCIAIS”**, coordenada pela Profa. Clary M. Sapiro, Gabriel M. Escobar, Valmir Dorn Vasconcelos, Valéria Gonzatti e Luciane M. Raupp.

Como diz o título, o projeto vai possibilitar a contextualização do conteúdo dos temas transversais em cada escola. Tendo como objetivo enriquecer a formação continuada, entendemos que a opinião dos **professores** participantes a respeito das instituições sociais auxiliará muito na construção de estratégias para facilitar o diálogo com os alunos, construção de valores e interdisciplinaridade através das oficinas de reflexão crítica a serem oferecidas pela equipe. Visamos tornar os dados obtidos na aplicação do instrumento “Classificação de Instituições Sociais” referência para tornar as oficinas dos professores e dos alunos mais produtivas e realistas já que trabalharemos com a realidade da comunidade de cada escola. As instituições sociais que você avaliará no instrumento, têm influência direta na sua qualidade de vida - e de cada cidadão. Essa pesquisa visa investigar também, como você percebe as possibilidades concretas de participação na sociedade, mudando coisas erradas ou apoiando medidas que você entende como positivas. Isso significa que cada professor contribuirá com a temática das oficinas – a partir de suas respostas (assim como os alunos).

Queremos lhe informar que suas respostas serão computadas e analisadas juntamente com as respostas de outros participantes para possibilitar que suas opiniões possam ser incorporadas no currículo escolar oferecendo espaços interdisciplinares de participação e reflexão crítica. Isso significa que as respostas dadas por cada um dos participantes serão “agrupadas” servindo como tema para discussão nas oficinas realizadas posteriormente.

A pesquisa será realizada na sua escola, em período cedido pela equipe diretiva, não causando nenhuma alteração na sua rotina escolar. É importante salientar que seu nome não será revelado em nenhum momento e qualquer informação que possa identificá-lo será omitida. Ainda, queremos informá-lo de que poderá interromper a entrevista a qualquer momento e desistir de sua participação sem que isso lhe cause algum prejuízo.

Para participar, necessitamos de seu consentimento assinado.

Muito Obrigado por Contarmos com Você!!!

Caso haja algum desconforto, por favor, dirija-se à Profa. Dra. Clary Milnitsky Sapiro no Instituto de Psicologia da UFRGS, para que todas as medidas de apoio sejam providenciadas.

Fones p/ contato: 3308-5311 (sala 211 do Instituto de Psicologia – UFRGS) Rua Ramiro Barcelos, 2600. Celular (051)91044448

Ou diretamente com o Instituto de Psicologia, Comitê de Ética em Pesquisa - Rua Ramiro Barcelos, 2006, Porto Alegre – RS. Cep 90035-003. Fone: 51 – 3308-5698 c/ Ricardo Rambo(Secretário) ou 51-33085066 (Secretaria Geral do Instituto de Psicologia). E-mail: cep-psico@ufrgs.br Horário de funcionamento da secretaria do CEP:

Segunda-feira 8h30 - 14h30/ Terça-feira 8h30 - 14h30 /Quarta-feira 8h30 - 12h30/ Quinta-Feira 8h30 - 12h30 e 14h - 18h / Sexta-feira 8h30 - 14h30

SECRETARIA DO CONEP – ATENDIMENTO AOS CEPs

Das 9h às 12, com Maira – Fone (61) 3315-2951

Segue abaixo a sua autorização :

Eu,, concordo em participar desta pesquisa
Tenho ciência que se tiver alguma dúvida após a pesquisa, poderei fazer contanto com a Profa. Clary e com os pesquisadores. Segue abaixo a autorização do responsável :

Clary M. Sapiro
(pesquisadora responsável)

nome ou assinatura

Valmir Dorn Vasconcelos

Natascha Borba Oliveira

Valéria Gonzatti

Luciane M. Raupp

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento tem a finalidade de solicitar à **Equipe Diretiva** dessa instituição consentimento para a execução da pesquisa: **“TEMAS TRANSVERSAIS EM CONTEXTO: OFICINAS DE FORMACAO CONTINUADA PARA EDUCADORES DERIVADAS DE CONCEPCOES DE ADOLESCENTES ACERCA DAS INSTITUICOES SOCIAIS”**, coordenada pela Profa. Clary M. Sapiro de Coordenadora, tendo como pesquisadoras: Natascha Borba Oliveira, Luciane M. Raupp, Valéria Gonzatti.

A finalidade principal desse projeto é abrir um espaço no currículo da escola para a prática do diálogo entre educadores e educandos e o desenvolvimento de competências cognitivas na avaliação crítica de dilemas sócio-morais, especialmente os relacionados a temas como violência, direitos humanos, drogadição e a sexualidade segundo prioridades que cada grupo de participantes vier a explicitar.

Queremos informar que as respostas dos estudantes e dos educadores serão analisadas em momentos diferentes. Serão oferecidas palestras discutindo os resultados para oferecer espaços interdisciplinares de participação e reflexão. Teremos também momentos em que oficinas serão oferecidas seguidas das palestras para discutir os temas privilegiados pelos estudantes nas respostas ao questionário “Classificação de Instituições Sociais”.

A partir dos temas que irão emergir como resultado da coleta de dados, o núcleo Conviva oferecerá primeiramente oficinas aos estudantes, visando subsidiar as oficinas dirigidas posteriormente aos educadores para a instrumentalização e Formação Continuada contextualizando os Temas Transversais e a conseqüente ressignificação da Escola.

É importante salientar que o nome de cada participante **não será revelado** em **nenhum momento** e qualquer informação que possa identificá-lo será omitida. Caso haja algum desconforto, por favor, dirija-se à Profa. Dra. Clary Milnitsky Sapiro no Instituto de Psicologia, que todas as medidas de apoio serão providenciadas.

Fones p/ contato: 3308-5311 (sala 211 do Instituto de Psicologia – UFRGS)
Rua Ramiro Barcelos, 2600. Celular (051)9104-4448

Comitê de Ética - Contato

Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia, Comitê de Ética em Pesquisa
Rua Ramiro Barcelos, 2006, Porto Alegre – RS. Cep 90035-003

Fone: 51 – 3308-5698 c/ Ricardo Rambo (Secretário) ou 51-33085066 (Secretaria Geral do Instituto de Psicologia). E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Horário de funcionamento da secretaria do CEP: Segunda-feira 8h30 - 14h30/ Terça-feira 8h30 - 14h30/ Quarta-feira 8h30 - 12h30/ Quinta-Feira 8h30 - 12h30 e 14h - 18h

Sexta-feira 8h30 - 14h30

SECRETARIA DO CONEP – ATENDIMENTO AOS CEPs

Das 9h às 12, com Maira – Fone (61) 3315-2951

Segue abaixo a solicitação de sua autorização:

À EQUIPE DIRETIVA DA ESCOLA

Eu, _____, OCUPANDO O CARGO DE DIRETOR(A) ADMINISTRATIVA concordo na participação de uma turma do ensino médio e de seus respectivos professores (caso tenham interesse) em participar desta pesquisa Tenho ciência que se tiver alguma dúvida após a pesquisa, poderei fazer contato com a Profa. Clary e com os pesquisadores. Tenho ciência também que a Equipe diretiva terá acesso aos resultados e os pesquisadores farão reuniões para apresentar os objetivos da pesquisa, oficinas e resultados.

Clary M. Sapiro
(pesquisadora responsável)

nome ou assinatura

Valéria Gonzatti

Luciane M. Raupp

Natascha Borba Oliveira

Fones p/ contato: 3308-5311 (sala 211 do Instituto de Psicologia – UFRGS)
Rua Ramiro Barcelos, 2600.

ANEXO C – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - CLASSIFICAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Prezado ou Prezada Participante:

Este instrumento de Pesquisa busca compreender e analisar como os jovens da Região Metropolitana de Porto Alegre classificam as Instituições Sociais que afetam - direta ou indiretamente suas vidas. A partir da análise de suas respostas, organizaremos OFICINAS TEMÁTICAS com o objetivo de integrar as discussões e conteúdos no Programa de Atividades das Disciplinas e da sua Escola. Por isso, compartilhar tua opinião é muito importante para a realização dessa pesquisa, e possivelmente, na etapa seguinte, para enriquecer o cotidiano de tua Escola.

Queremos lembrar que o nome de nenhum participante será divulgado, e que todos os formulários serão identificados apenas por número e código que apenas os pesquisadores compartilham.

A participação de cada um é voluntária e queremos lembrá-lo que se houver qualquer desconforto durante o registro das respostas, basta comunicar ao pesquisador responsável, e, se for o caso, interromper sua participação.

Agradecemos sua Colaboração!!!

Núcleo de Estudos CONVIVA

Sala 211 Instituto de Psicologia

UFRGS

MÍDIA ENQUANTO INSTITUIÇÃO SOCIAL

(Aqui mídia é entendida como comunicação de massa incluindo: rádio, televisão, jornal, sites de relacionamento, internet, etc...)

1. Você está satisfeito com a mídia enquanto instituição social?

Não Está Satisfeito	Um pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito
A	B	C	D	E

2. Em que medida as instituições “mídia” estão abertas a (**sugestões / discussões / críticas**)?

Não estão Abertas	Um pouco Abertas	Abertas	Muito Abertas	Extremamente Abertas
A	B	C	D	E

3. Em que medida a mídia é **acessível** a você? classifique quanto é possível para você, como cidadão, ter acesso a, fazer uso de ou contatar essa instituições?

Não é Acessível	Um pouco Acessível	Acessível	Muito Acessível	Extremamente Acessível
A	B	C	D	E

4. Em que medida a mídia lhe dá suporte em suas necessidades e interesses ou ajuda a facilitar seus objetivos?

Não é Relevante	Um pouco Relevante	Relevante	Muito Relevante	Extremamente Relevante
A	B	C	D	E

5. Em que medida as **mudanças** de **papéis de gênero** são influenciadas pela mídia?

Não Influencia	Influencia Pouco	Influencia	Influencia Muito	Influencia Radicalmente
A	B	C	D	E

6. Por favor, descreva em um ou dois parágrafos, os aspectos que você considera **positivo ou negativo** -que tenha influenciado seus valores, crenças, estilo de vida, etc. - através da **mídia**.

INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

(Aqui o termo Instituição Educacional inclui todos os tipos de educação formal, tais como as pré-escolas, escolas de ensino fundamental e médio, escolas técnicas, faculdades, universidades etc.)

1. Você está **satisfeito** com as instituições educacionais do jeito que estão atualmente?

Sim	Não	Sem opinião	Indeciso
A	B	C	D

2. Em que medida as instituições educacionais estão **passando por mudanças**, no seu entender?

Não há Mudança	Pouca Coisa Mudou	Estão mudando	Muita Coisa Mudou	Mudou Radicalmente
A	B	C	D	E

3. Em que medida **you** está **participando** dessa mudança?

Não participo	Participo Pouco	Participo Ocasionalmente	Participo	Participo Ativamente
A	B	C	D	E

4. Em que medida a **estrutura das instituições educacionais** está **aberta a sugestões e/ou discussões**?

Não está Aberta	Há pouca Abertura	Há Abertura de maneira Esparsa	Há Muita Abertura	Extremamente Abertas
A	B	C	D	E

5. Em que medida você poderia avaliar a **acessibilidade** da instituição educacional à **população**?

Não é Acessível	Pouco Acessível	É Acessível	Muito Acessível	Extremamente Acessível
A	B	C	D	E

6. Em que medida que você considera que as instituições educacionais lhe oferecem **apoio** as suas vivências?

Não Apóia	Apóia Pouco	Apóia	Apóia Muito	É Extremamente Apoiadora
A	B	C	D	E

7. Gostaríamos que você relacionasse alguns **aspectos positivos ou negativos** no que dizem respeito às instituições educacionais e seu **impacto na comunidade em que vive**, ligando-os aos seus próprios pensamentos, sentimentos, práticas, experiências ou qualquer outro aspecto de vivência que você considera relevante.

ESTADO

Instituições Relativas às Estruturas de Governo que envolvem saúde, segurança e lei

Instituições LEGAIS/JUDICIAS

(Exemplos de Instituições Legais/Judicias são micro cortes civis, cortes criminais, suprema corte, senado, assembléia legislativa, câmara de vereadores, etc...).

1. Você está **satisfeito** com as instituições legais/judiciais atualmente na sua sociedade?

Sim	Não	Sem opinião	Indeciso
A	B	C	D

2. O quão **satisfeito** você está com as instituições legais/judiciais como funcionam atualmente na sociedade brasileira?

Não Está Satisfeito	Um pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito
A	B	C	D	E

3. Em que medida as estruturas legais são **acessíveis** a você? Classifique quanto é possível para você, como cidadão, ter acesso a, fazer uso de ou contatar essa instituições?

Não são Acessíveis	Pouco Acessíveis	São Acessíveis	Muito Acessíveis	Extremamente Acessíveis
A	B	C	D	E

4. Gostaríamos que você relacionasse alguns **aspectos positivos ou negativos** no que dizem respeito às **LEGAIS/ JUDICIAS** e seu **impacto na comunidade em que vive**, ligando-os aos seus próprios pensamentos, sentimentos, práticas, experiências ou qualquer outro aspecto de vivência que você considera relevante.

Instituições ligadas à saúde:

(hospitais, postos de saúde, grupos terapêuticos, entre outros...)

1. Você se sente amparado pelas instituições públicas ligadas à **saúde** atualmente?

Sim	Não	Sem opinião	Indeciso
A	B	C	D

2. O quão **satisfeito** você está com o funcionamento atual destas instituições?

Não Está Satisfeito	Um pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito
A	B	C	D	E

3. Em que medida as estruturas de saúde são **acessíveis** a você? Classifique quanto é possível para você, como cidadão, ter acesso a, fazer uso de ou contatar essa instituições?

Não são Acessíveis	Pouco Acessíveis	São Acessíveis	Muito Acessíveis	Extremamente Acessíveis
A	B	C	D	E

4. Gostaríamos que você relacionasse alguns **aspectos positivos ou negativos** no que dizem respeito às Instituições Públicas de Saúde e seu **impacto na comunidade em que vive**, ligando-os aos seus próprios pensamentos, sentimentos, práticas, experiências ou qualquer outro aspecto de vivência que você considera relevante.

INSTITUIÇÕES DE SEGURANÇA PÚBLICA

(brigada militar, polícia...)

1. Você se sente amparado pelas instituições públicas no que diz respeito a segurança pública?

Sim	Não	Sem opinião	Indeciso
A	B	C	D

2. O quão **satisfeito** você está com o funcionamento atual destas instituições?

Não Está Satisfeito	Um pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito
A	B	C	D	E

3. Em que medida a estrutura da segurança pública é **acessível** a você? Classifique quanto é possível para você, como cidadão, ter acesso a, fazer uso de ou contatar essa instituições?

Não são Acessíveis	Pouco Acessíveis	São Acessíveis	Muito Acessíveis	Extremamente Acessíveis
A	B	C	D	E

4. Gostaríamos que você relacionasse alguns **aspectos positivos ou negativos** no que dizem respeito às Instituições de Proteção e seu **impacto na comunidade em que vive**, ligando-os aos seus próprios pensamentos, sentimentos, práticas, experiências ou qualquer outro aspecto de vivência que você considera relevante.

ANEXO D – GRÁFICOS COM AS RESPOSTAS DOS ALUNOS E EDUCADORES PARTICIPANTES DA PESQUISA.

Os gráficos a seguir, representam a distribuição de respostas dentro da Escala Lickert. O índice predominante foi marcado em vermelho na legenda e será analisado, mais detidamente, no corpo do texto.

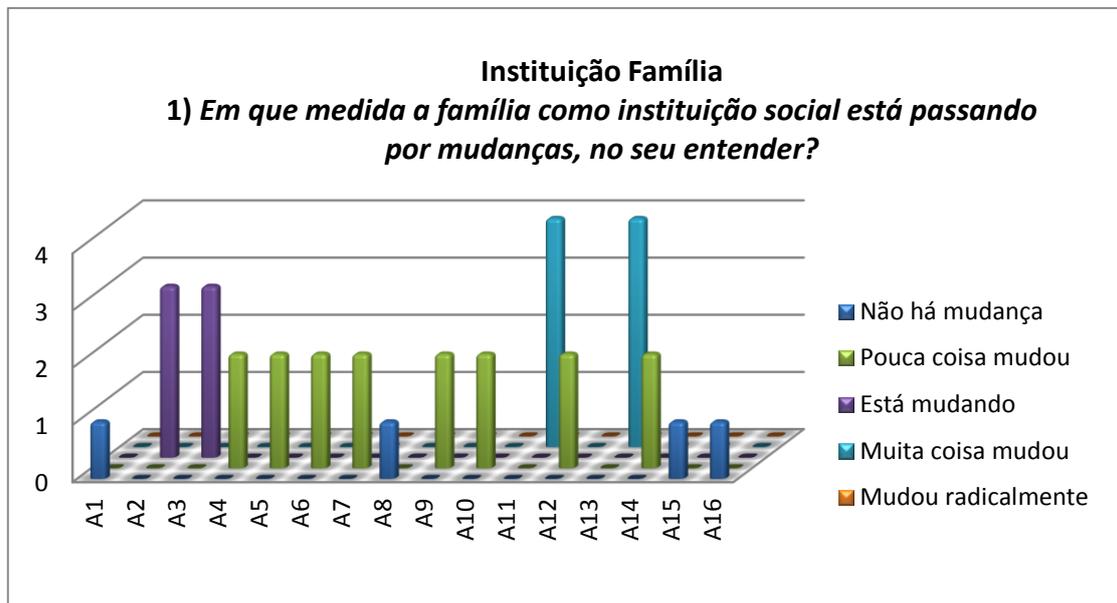


Gráfico 4 – Resposta dos alunos quanto às mudanças que estão ocorrendo nas famílias.

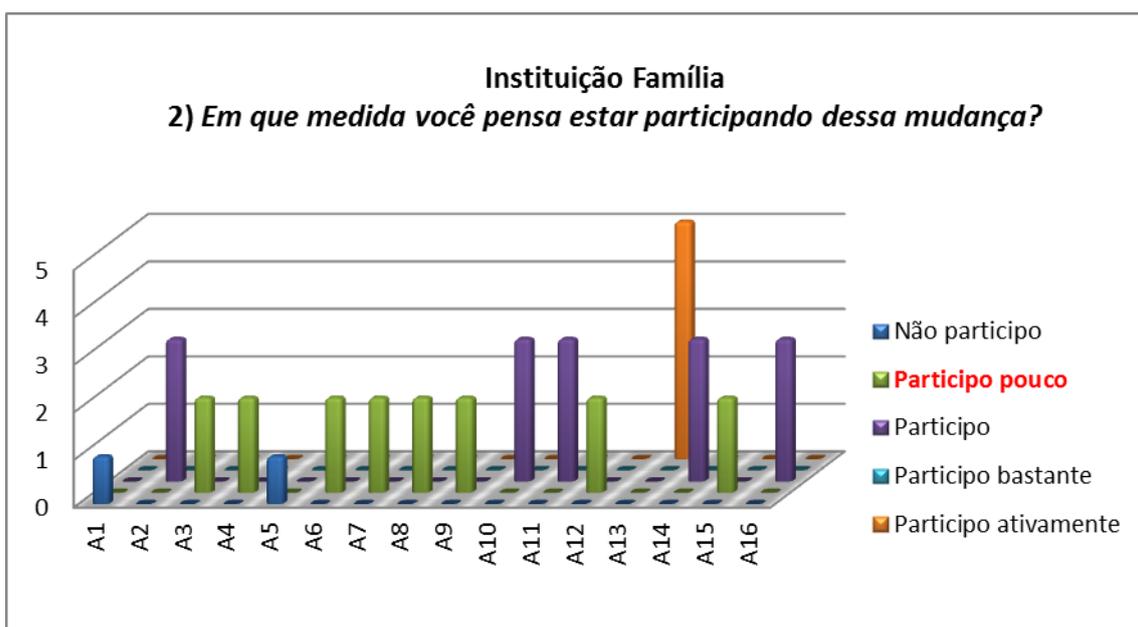


Gráfico 5 – Resposta dos alunos com relação às suas participações na mudança das famílias.

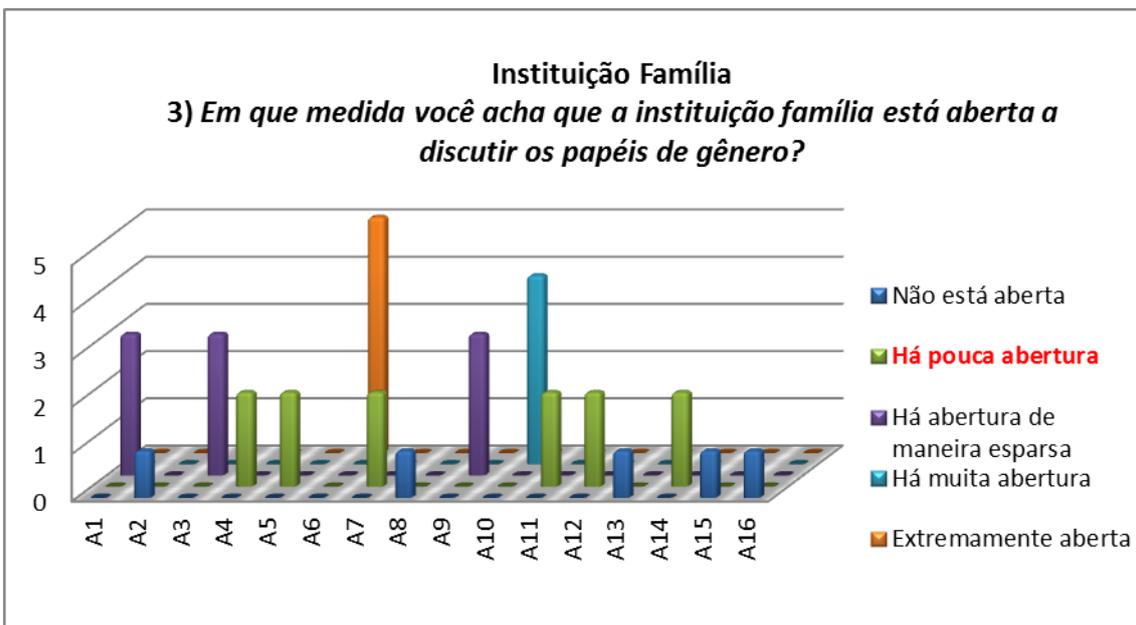


Gráfico 6 - Resposta dos alunos sobre a abertura da família para discussões sobre os papéis de gênero.

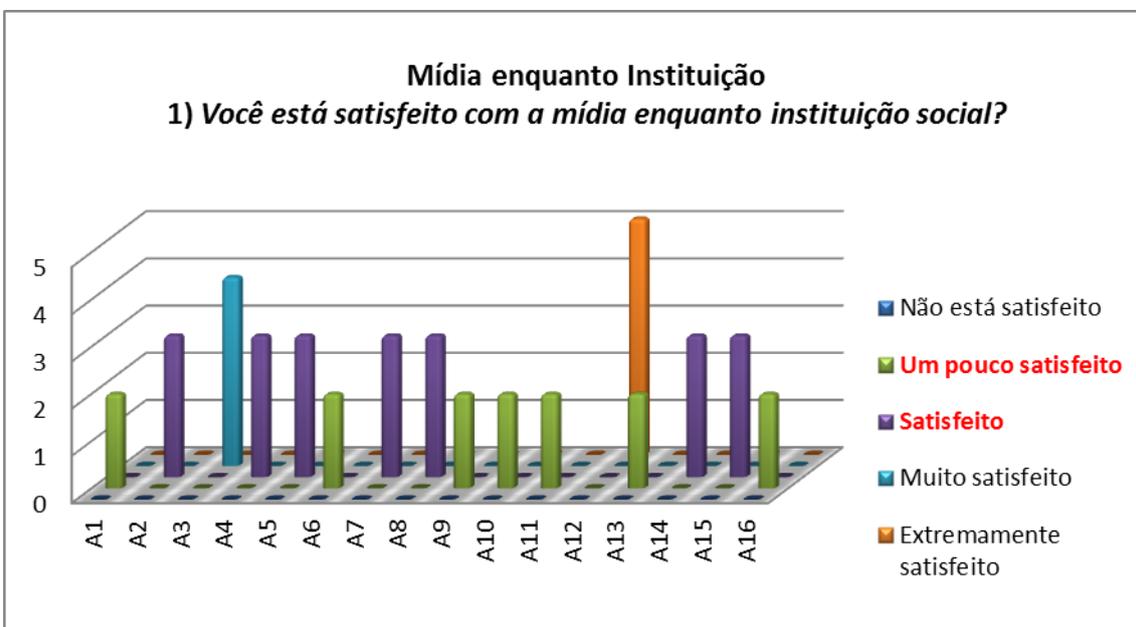


Gráfico 7 – Resposta dos alunos com relação à satisfação com a mídia.

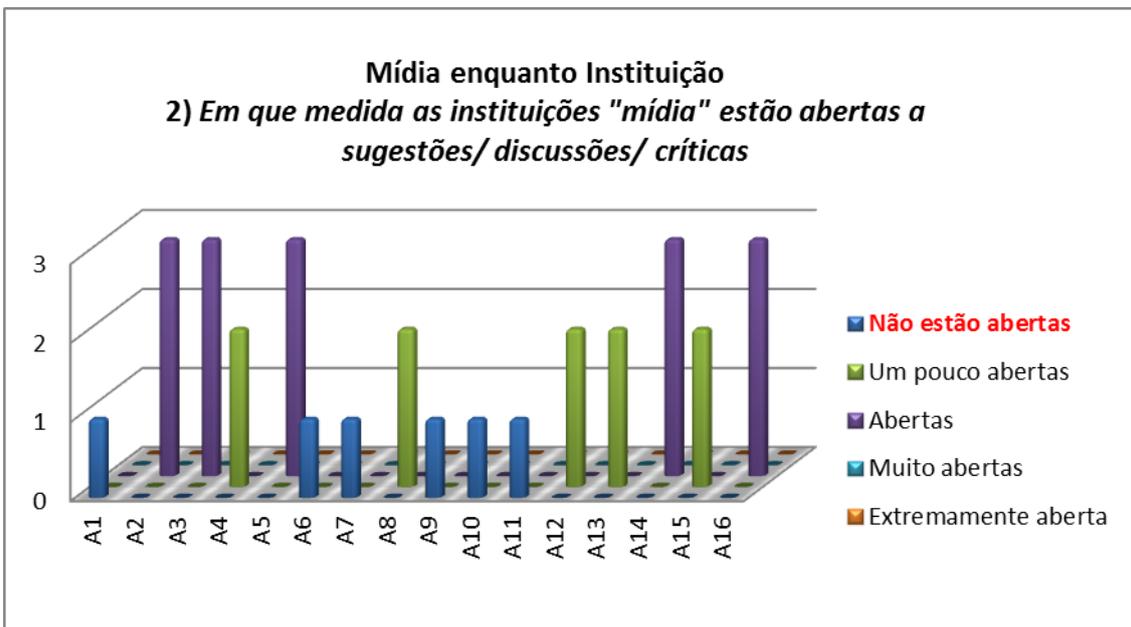


Gráfico 8 – Resposta dos alunos para a abertura da mídia às sugestões/ discussões e críticas.

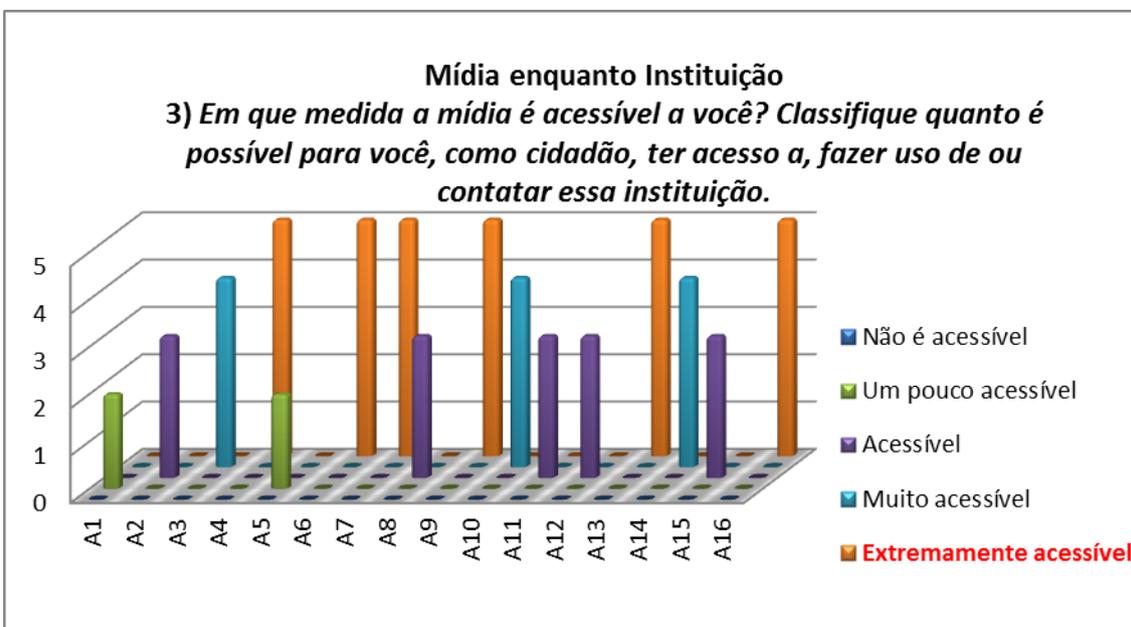


Gráfico 9 – Resposta dos alunos sobre a acessibilidade da mídia.

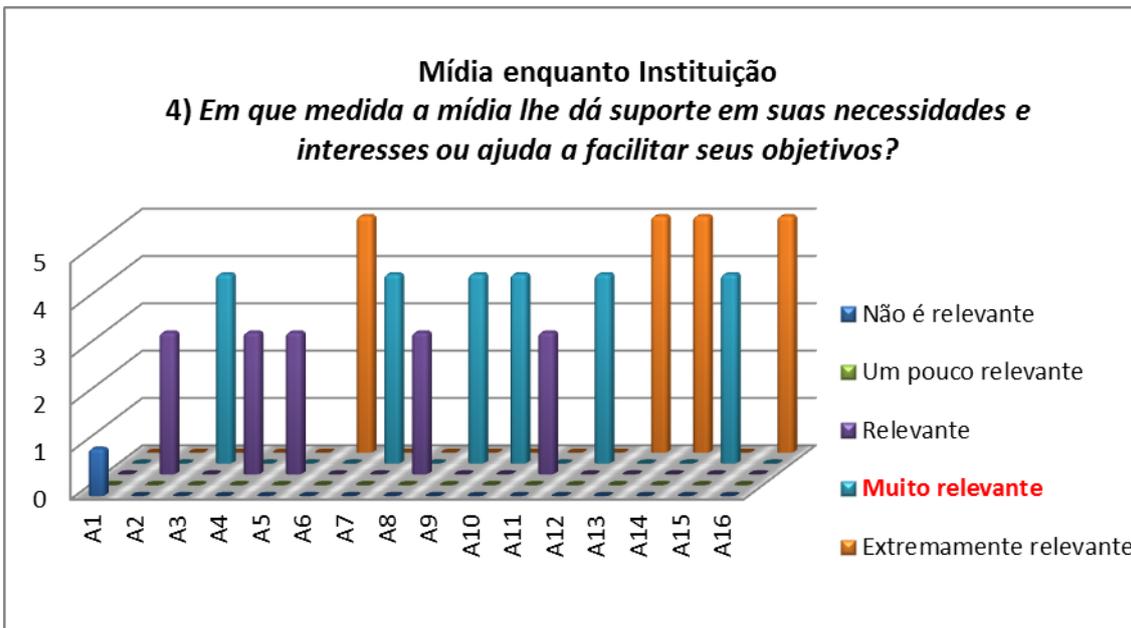


Gráfico 10 – Resposta dos alunos a respeito do suporte que a mídia propicia.

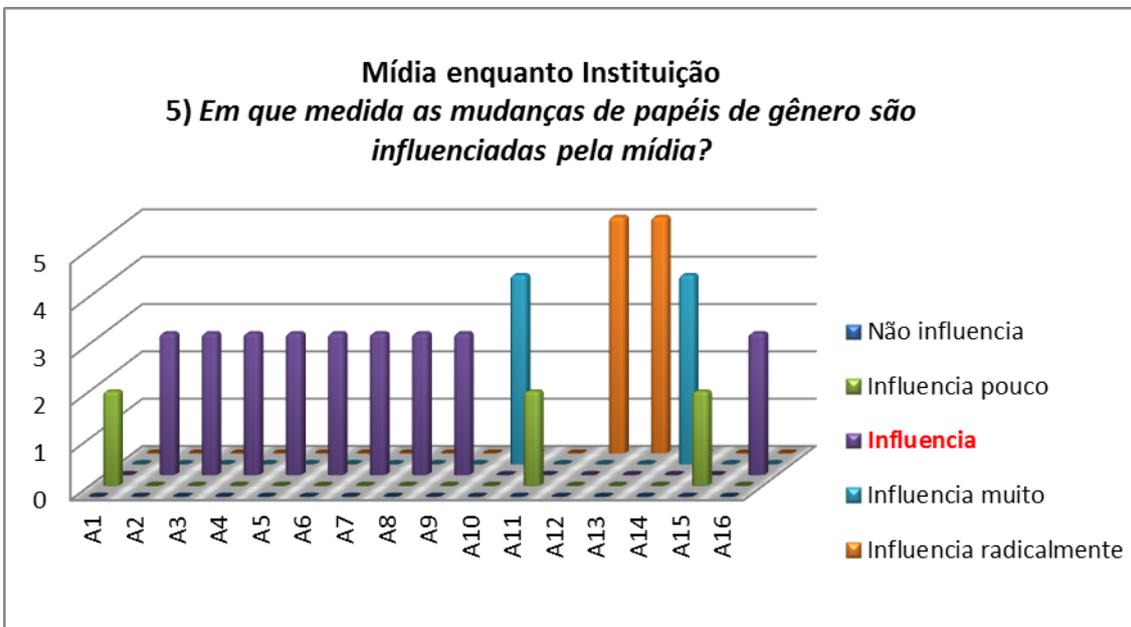


Gráfico 11 – Resposta dos alunos a respeito da influência da mídia nas mudanças de papéis de gênero.

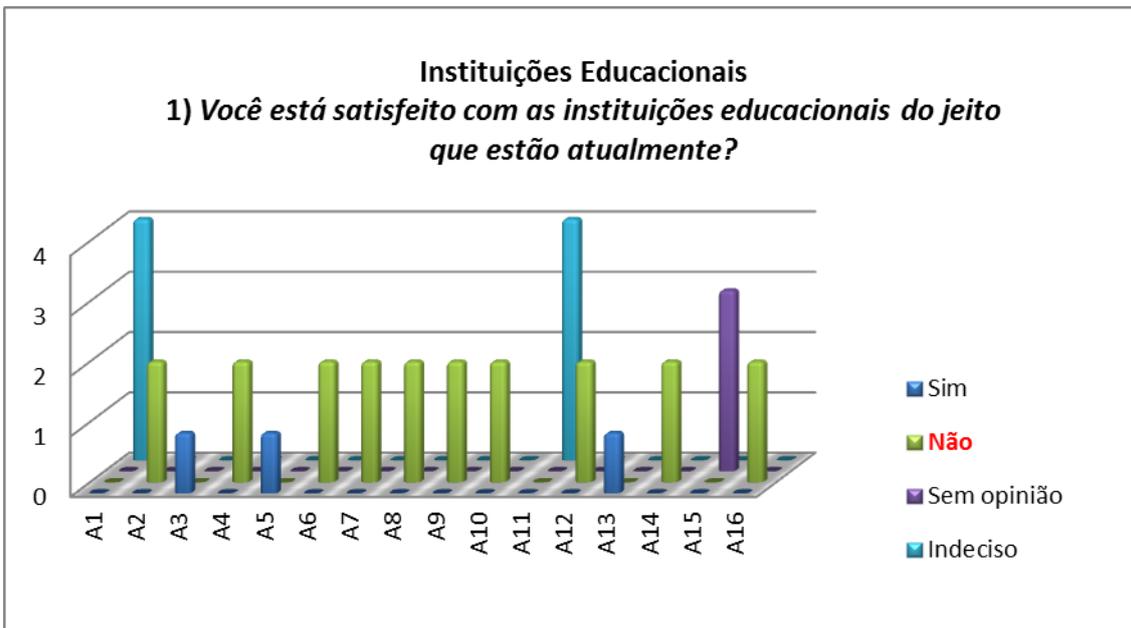


Gráfico 12 – Resposta dos alunos a respeito da satisfação em relação às Instituições Educacionais.

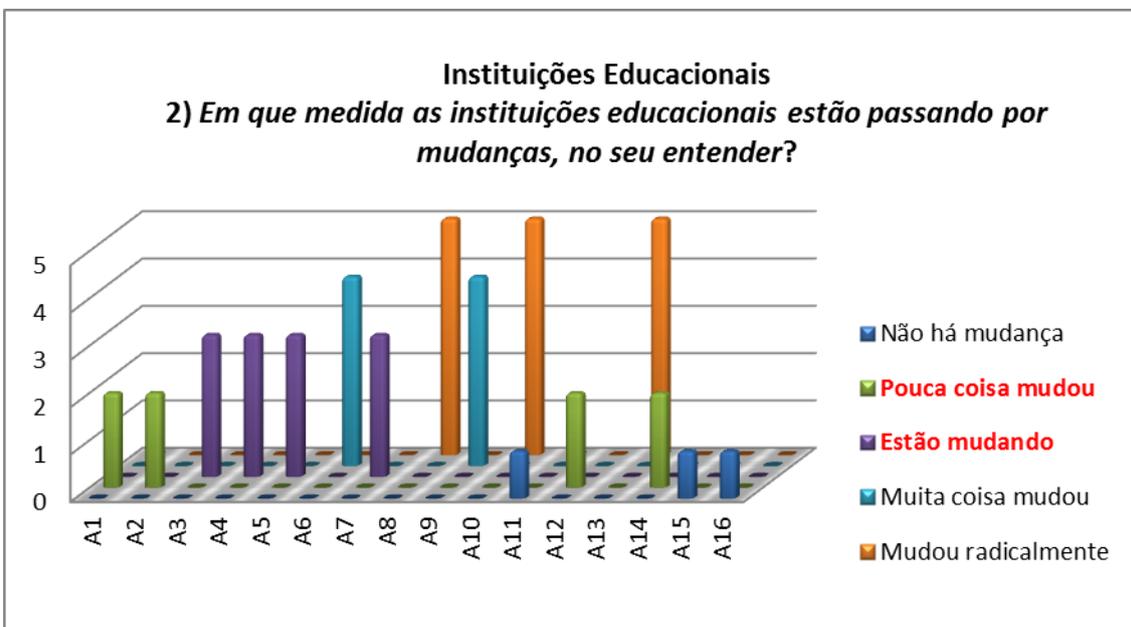


Gráfico 13 – Resposta dos alunos a respeito das mudanças que estão ocorrendo nas escolas.

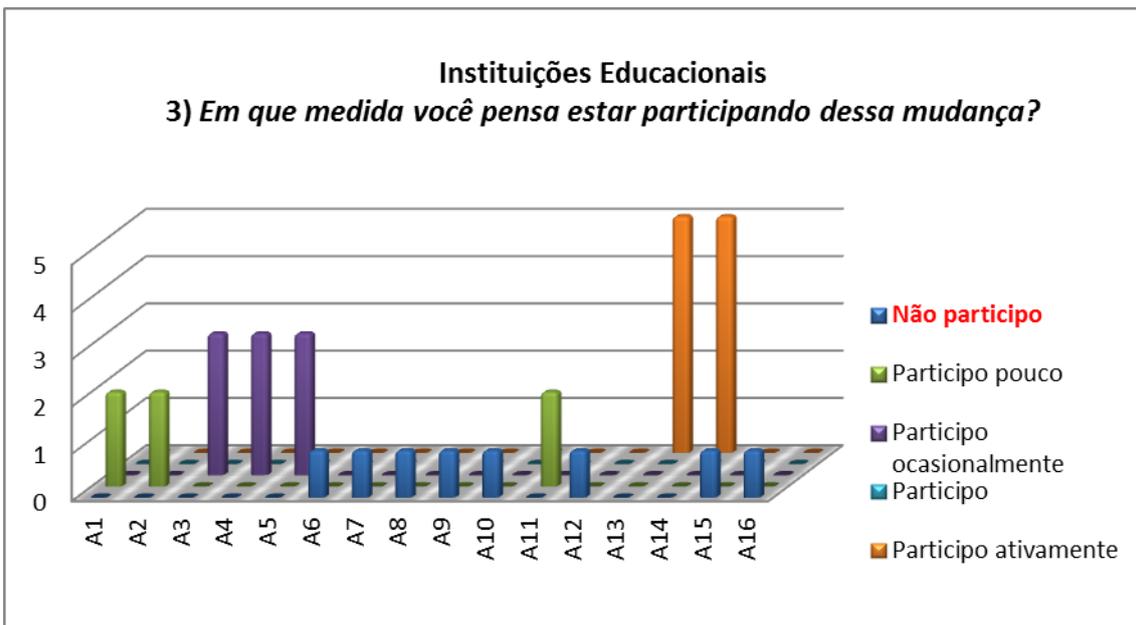


Gráfico 14 – Resposta dos alunos com relação à participação dos mesmos na mudança das escolas.

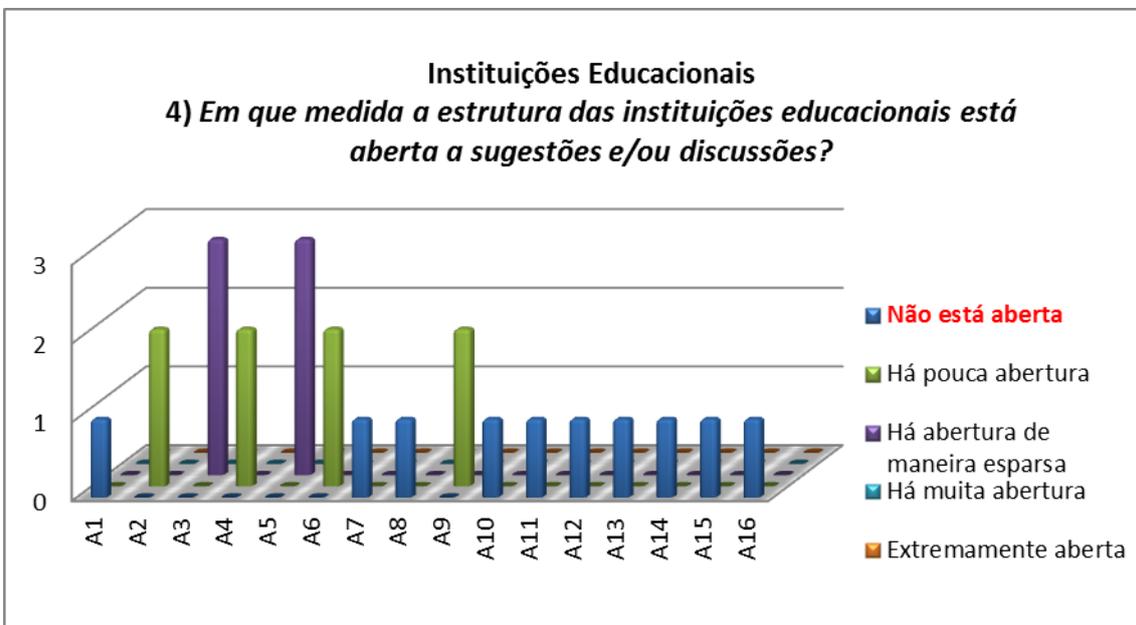


Gráfico 15 – Resposta dos alunos à abertura das escolas para receberem sugestões/discussões.

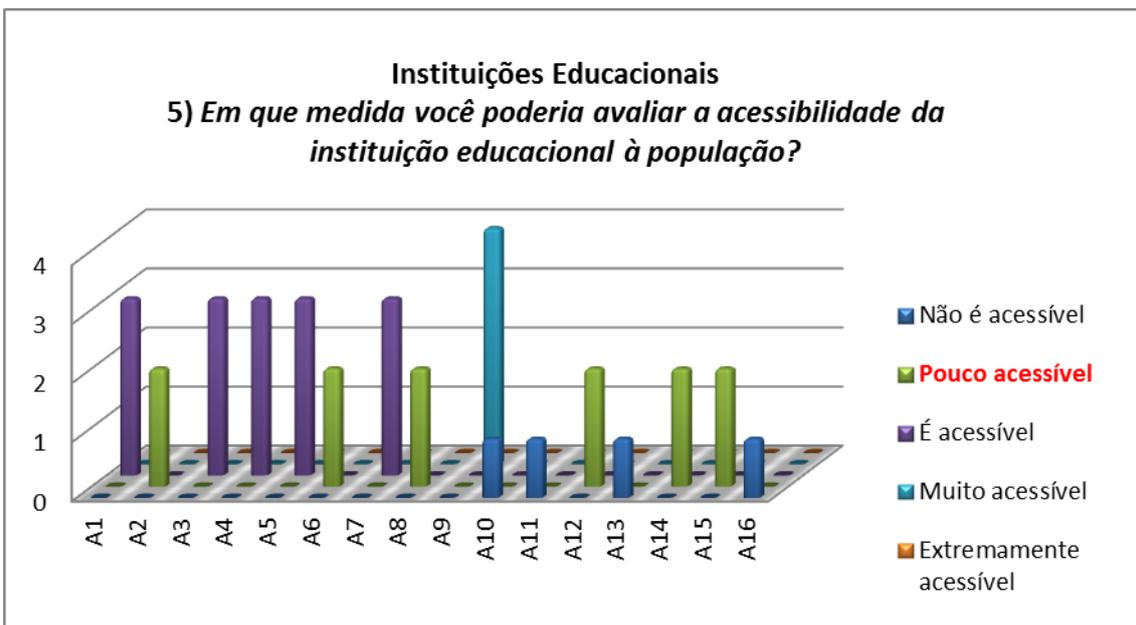


Gráfico 16 – Resposta dos alunos a respeito da acessibilidade das Instituições Educacionais.

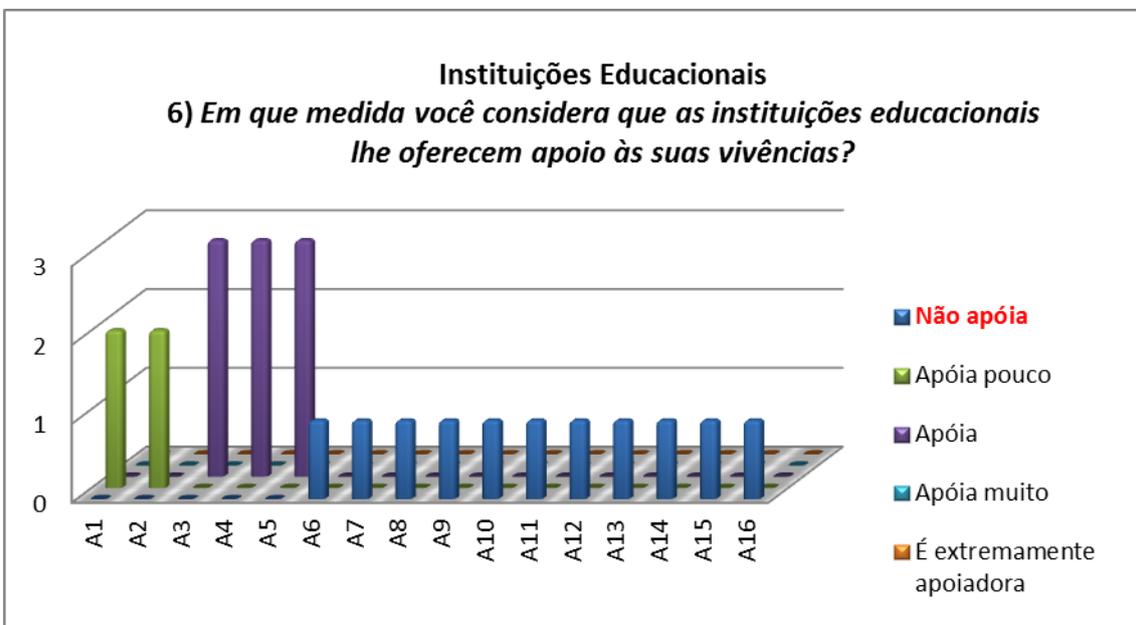


Gráfico 17 – Resposta dos alunos com relação ao apoio oferecido pelas escolas.

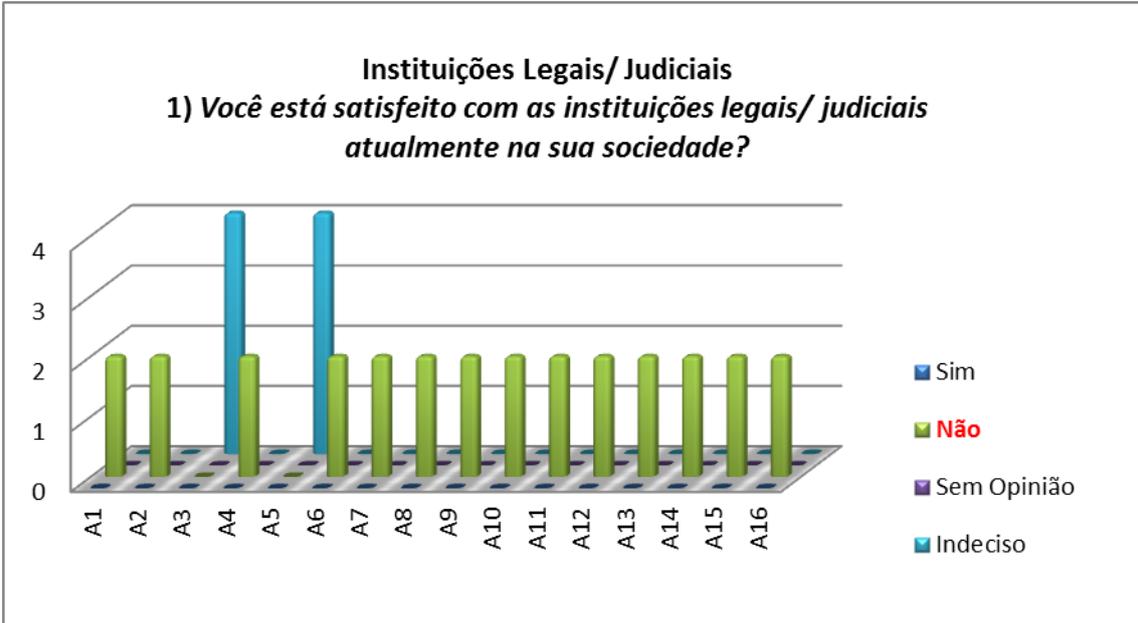


Gráfico 18 – Resposta dos alunos com relação à satisfação perante as Instituições Legais/ Judiciais.

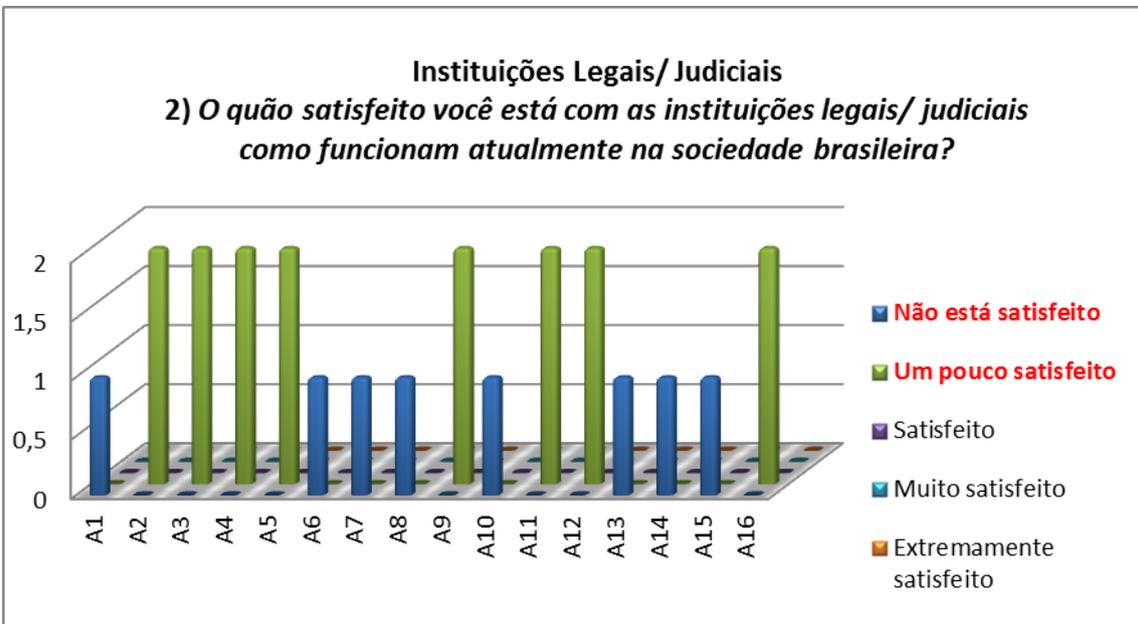


Gráfico 19 – Resposta dos alunos sobre o grau de satisfação a respeito das Instituições Legais/ Judiciais.

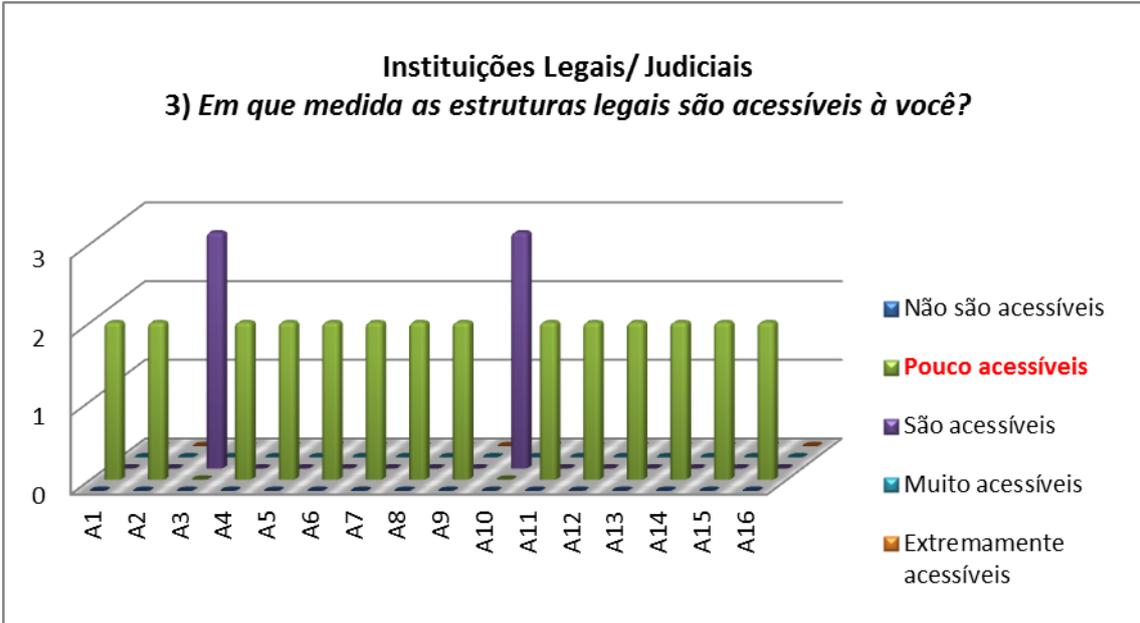


Gráfico 20 – Resposta dos alunos a respeito da acessibilidade das Instituições Legais/ Judiciais.

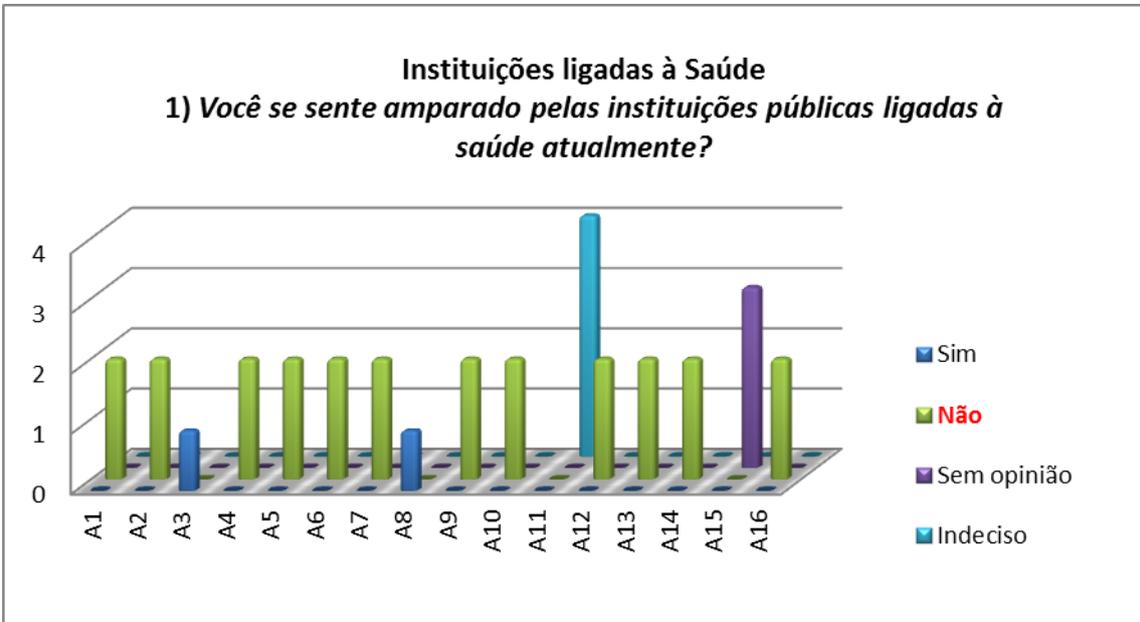


Gráfico 21 – Resposta dos alunos em relação ao amparo oferecido pelas Instituições ligadas à Saúde.

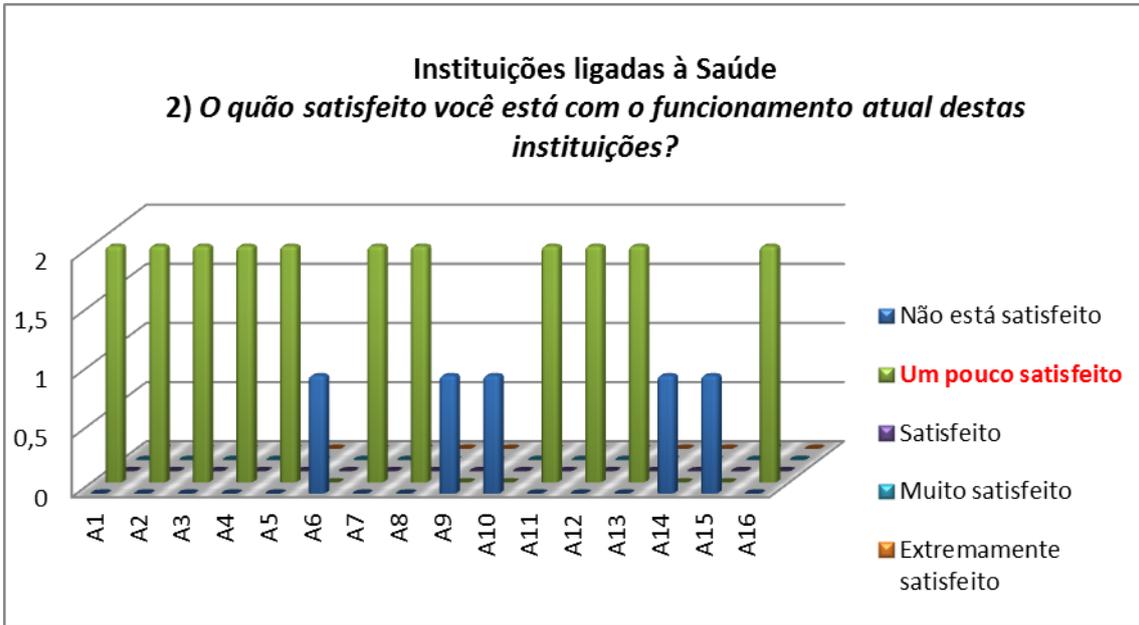


Gráfico 22 – Resposta dos alunos com relação à satisfação das Instituições ligadas à saúde.

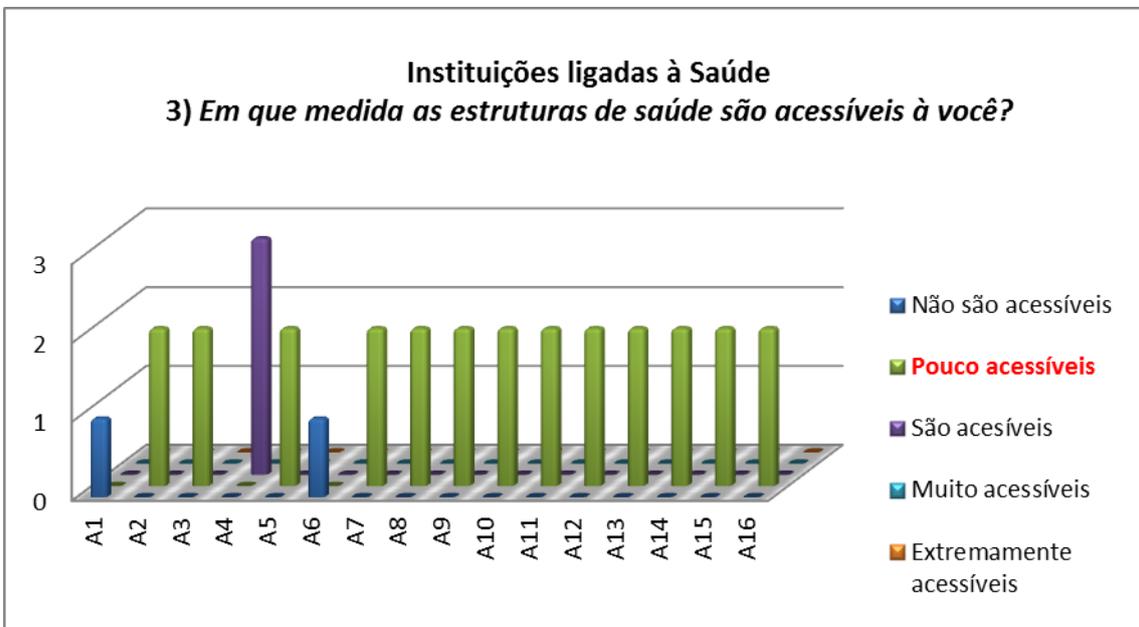


Gráfico 23 – Resposta dos alunos sobre a acessibilidade das instituições ligadas à saúde.

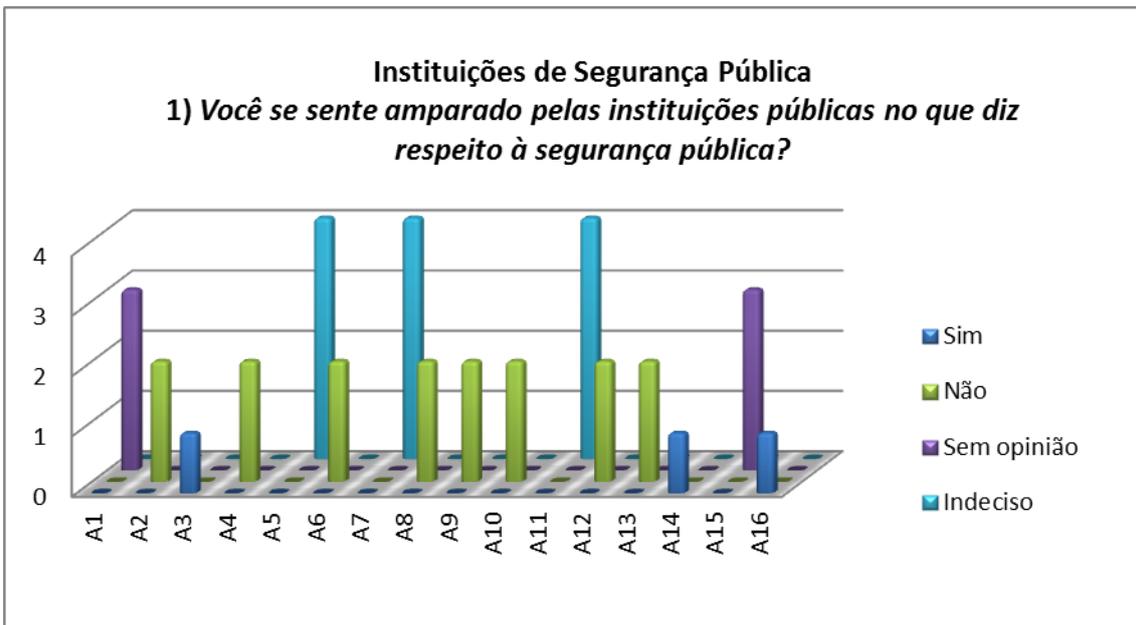


Gráfico 24 – Resposta dos alunos em relação ao amparo oferecido pelas instituições de segurança pública.

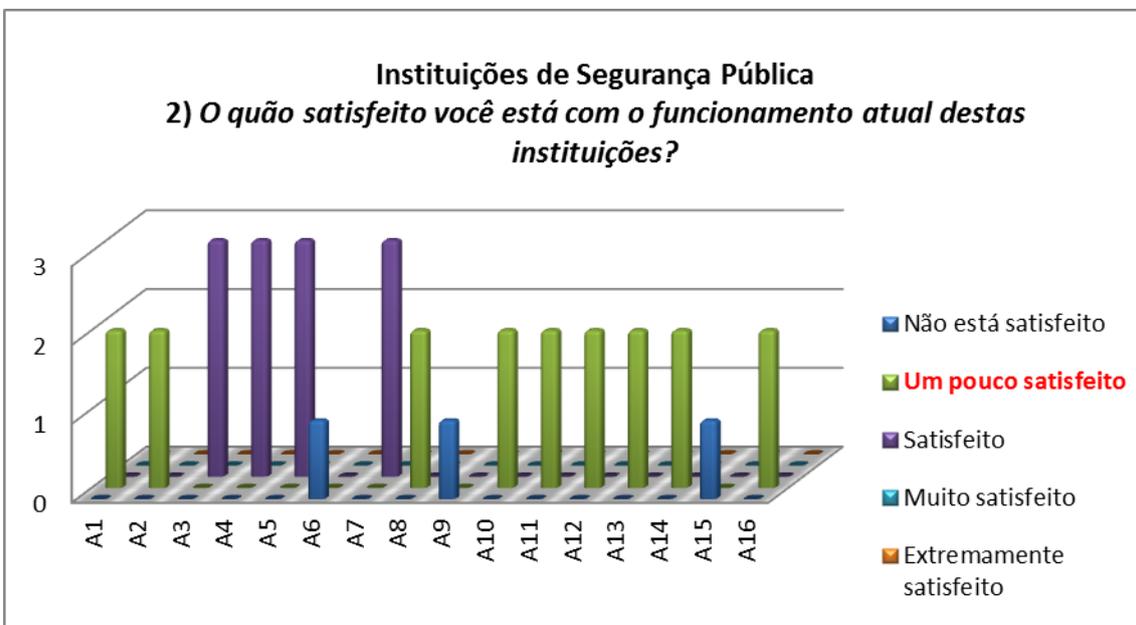


Gráfico 25 – Resposta dos alunos com relação à satisfação perante as instituições de segurança pública.

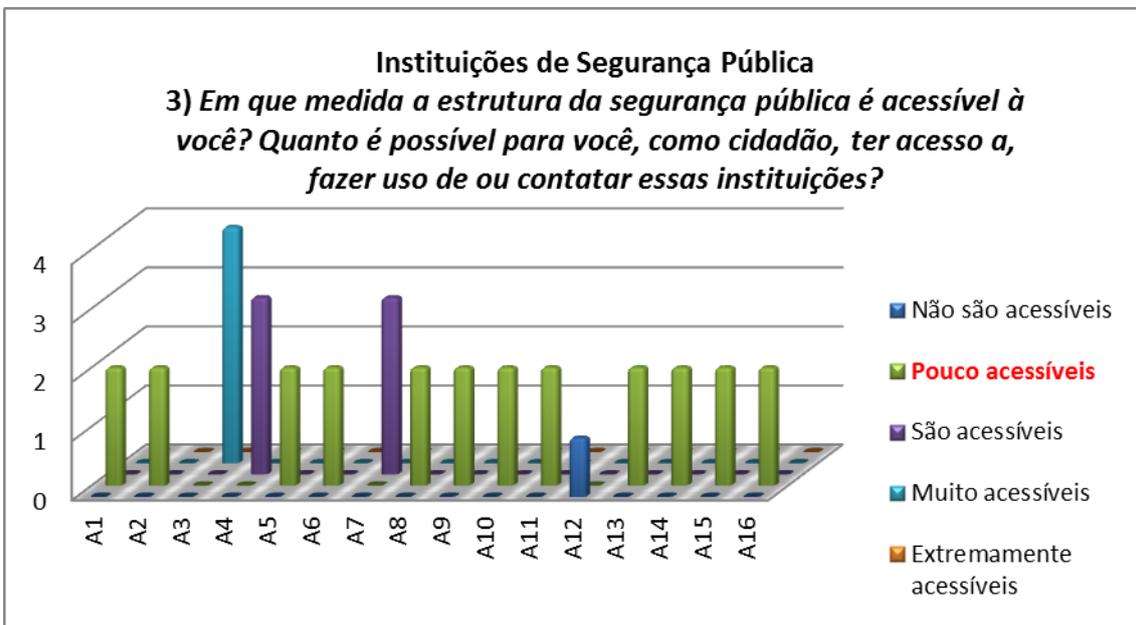


Gráfico 26 – Resposta dos alunos a acessibilidade oferecida pelas instituições de segurança pública.

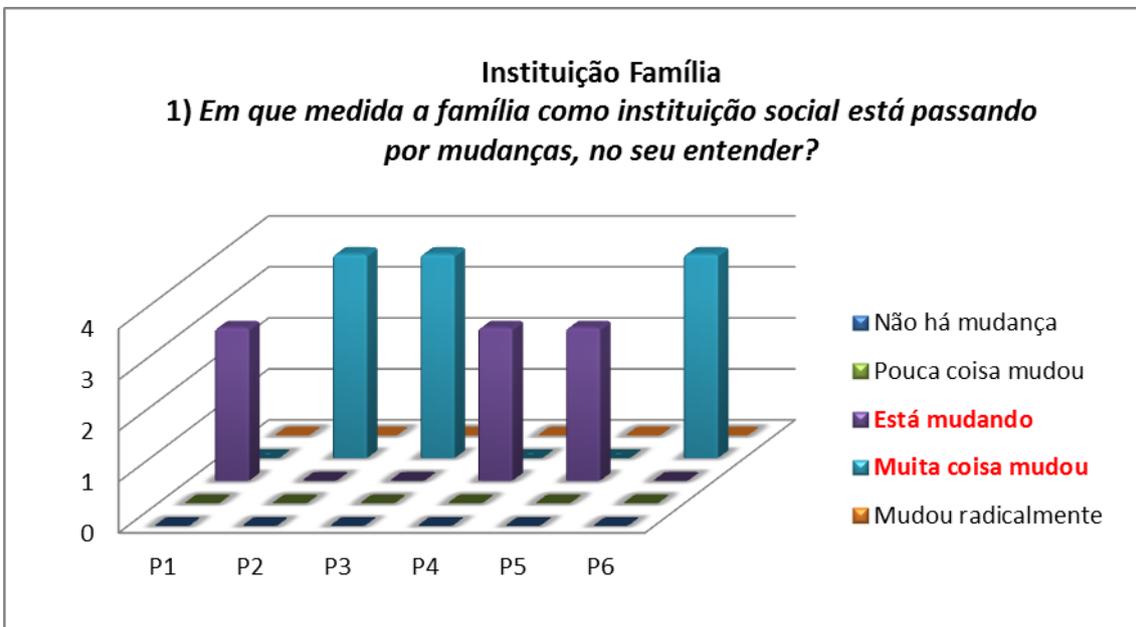


Gráfico 27 - Resposta dos Professores, Coordenadores e Equipe Diretiva a respeito das mudanças nas famílias.

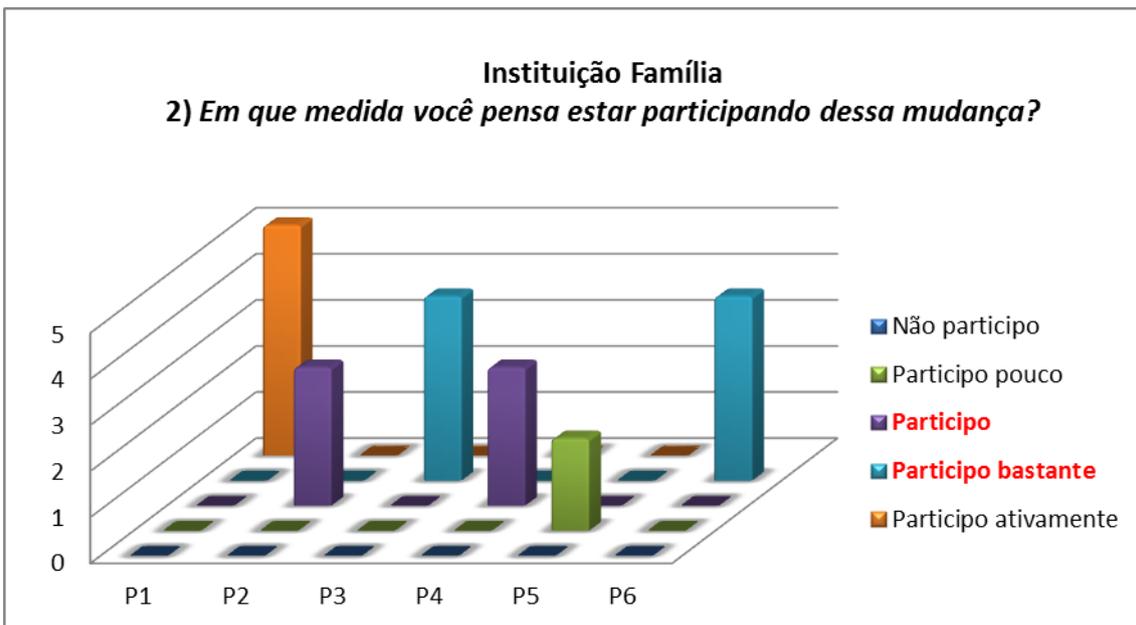


Gráfico 28 – Respostas dos professores, coordenadores e equipe diretiva com relação à participação nas mudanças das famílias.

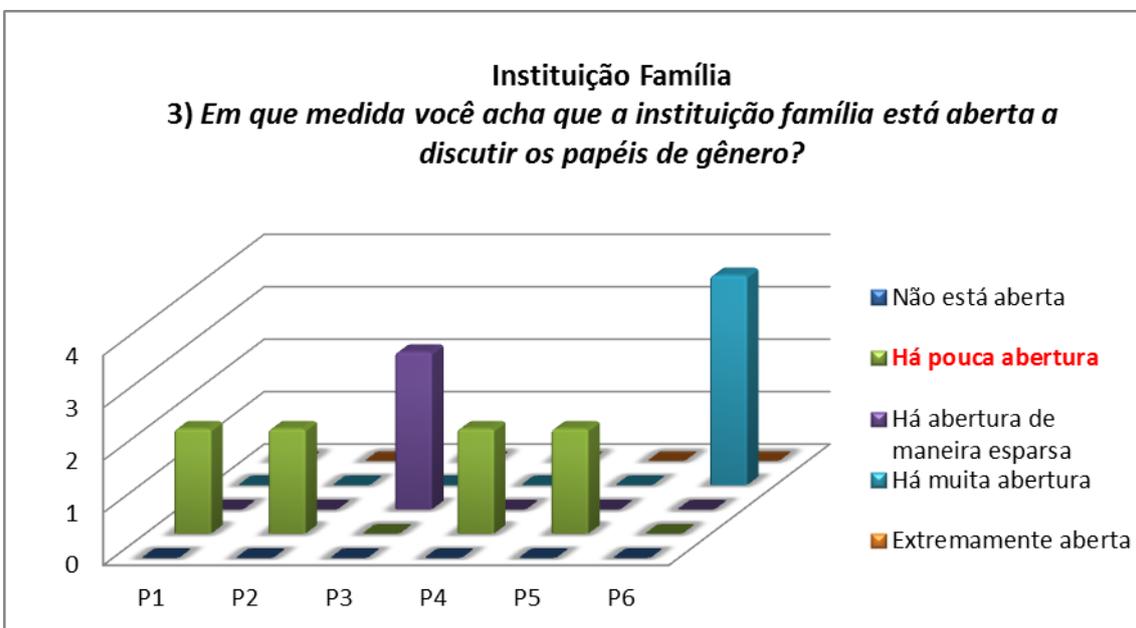


Gráfico 29 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito da abertura da família na discussão de papéis de gênero.

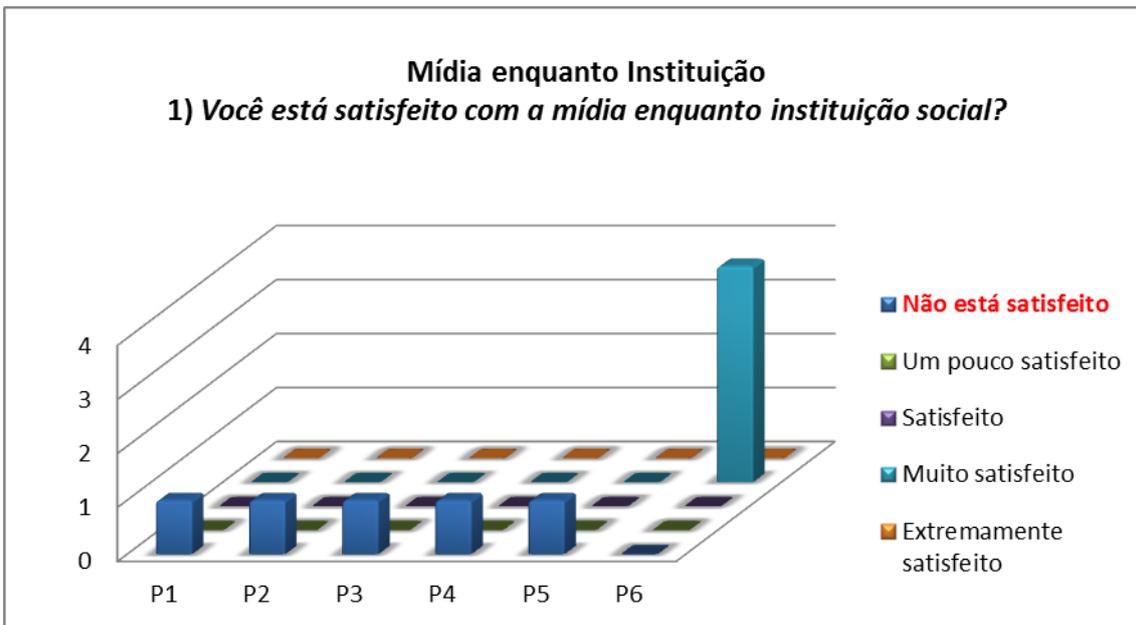


Gráfico 30 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva com relação à satisfação perante a mídia.

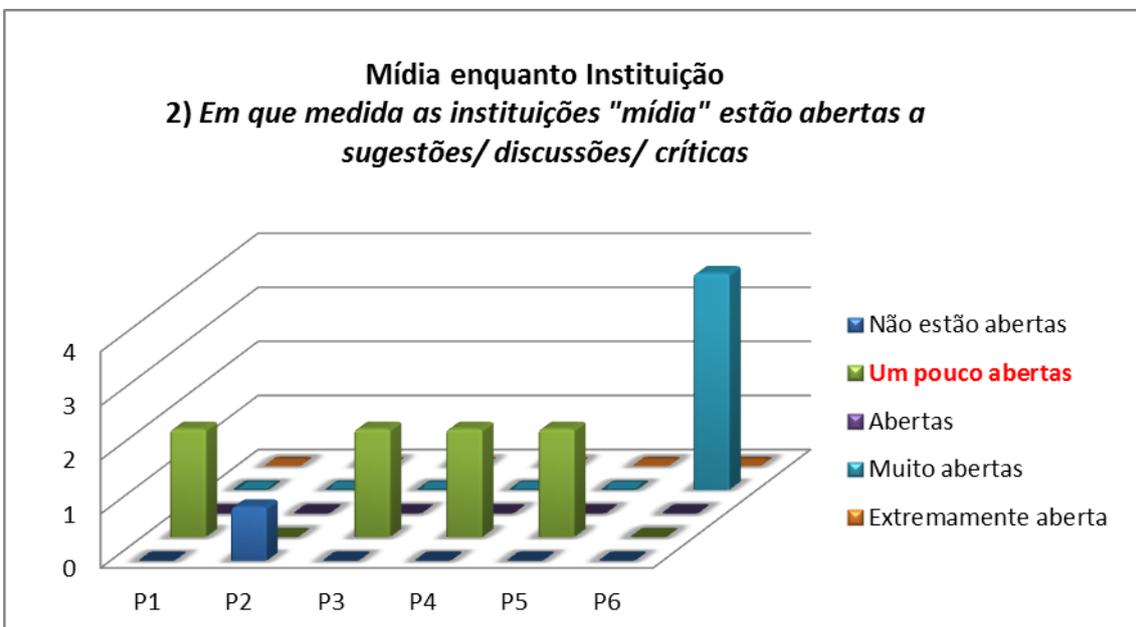


Gráfico 31 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a abertura da mídia para sugestões/ discussões e críticas.

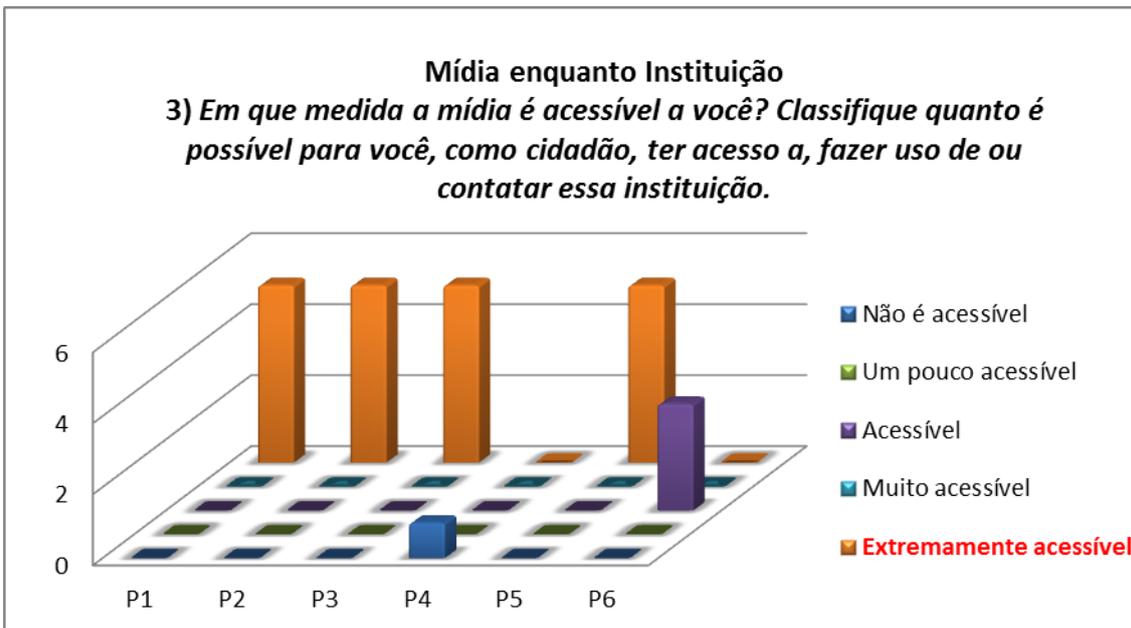


Gráfico 32 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva com relação à acessibilidade da mídia.

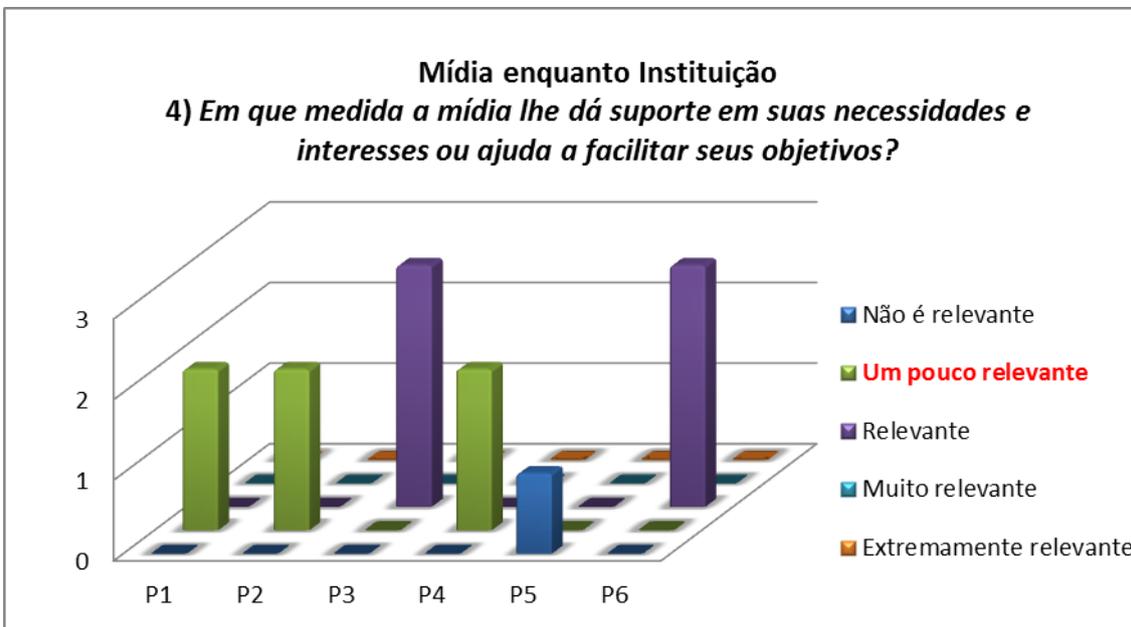


Gráfico 33 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva ao suporte que a mídia oferece.

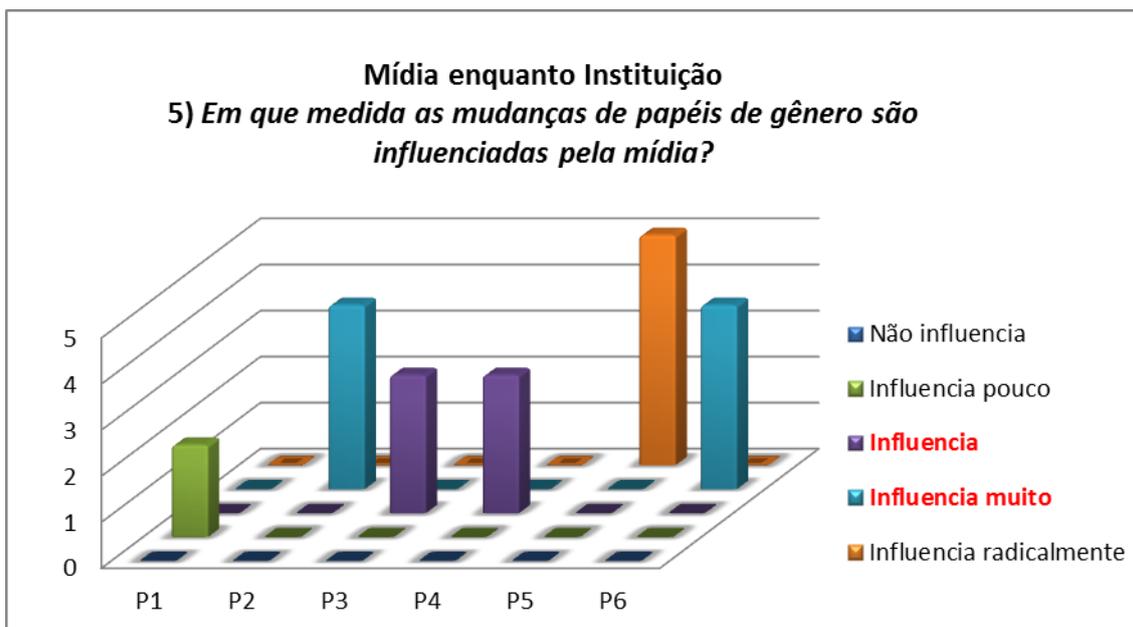


Gráfico 34 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito da influência da mídia na mudança de papéis de gênero.

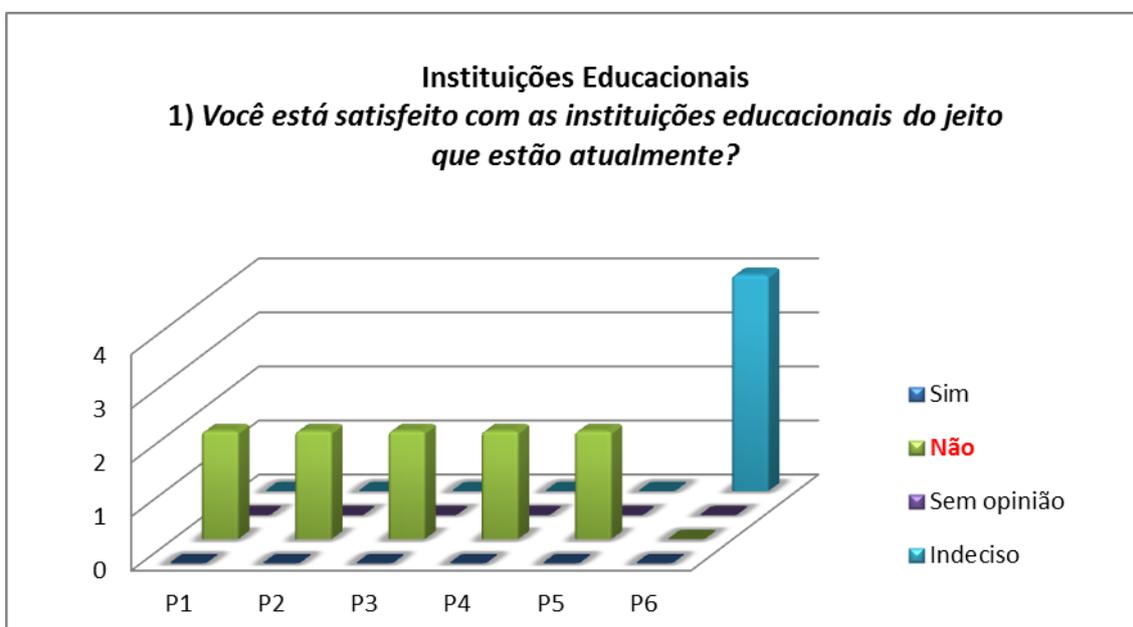


Gráfico 35 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva sobre a satisfação com as instituições educacionais.

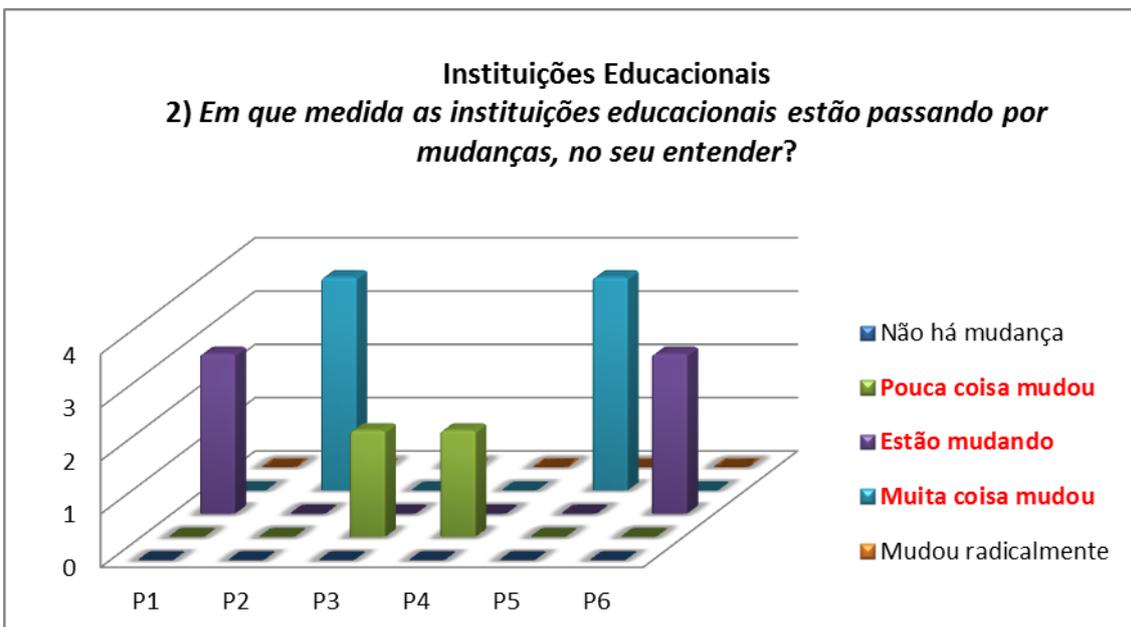


Gráfico 36 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito das mudanças nas instituições educacionais.

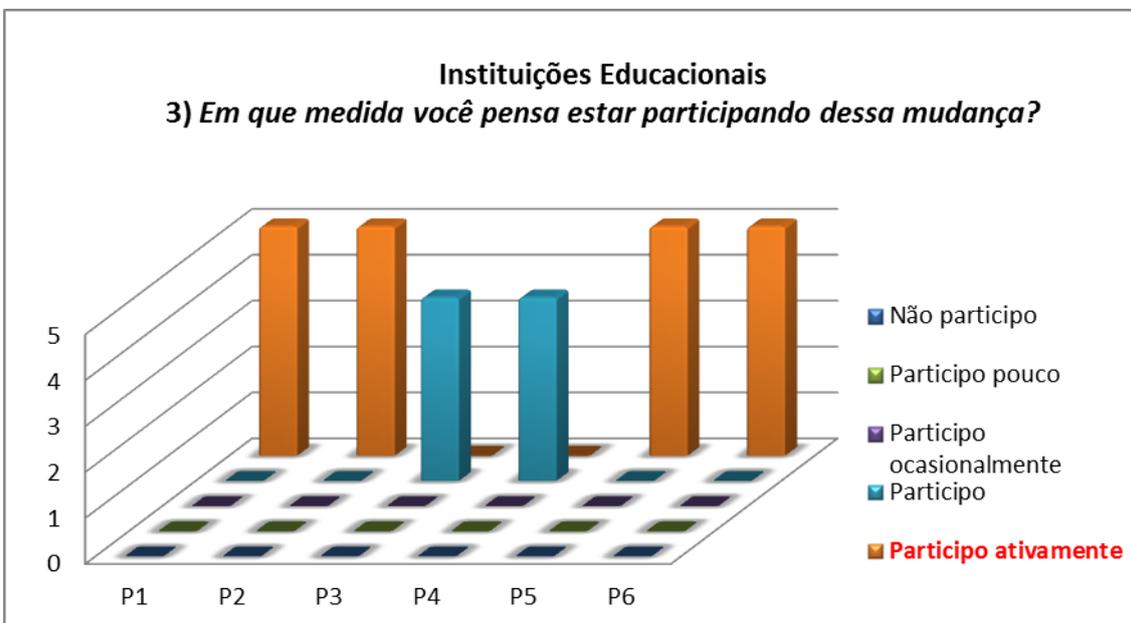


Gráfico 37 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito da participação na mudança das instituições educacionais.

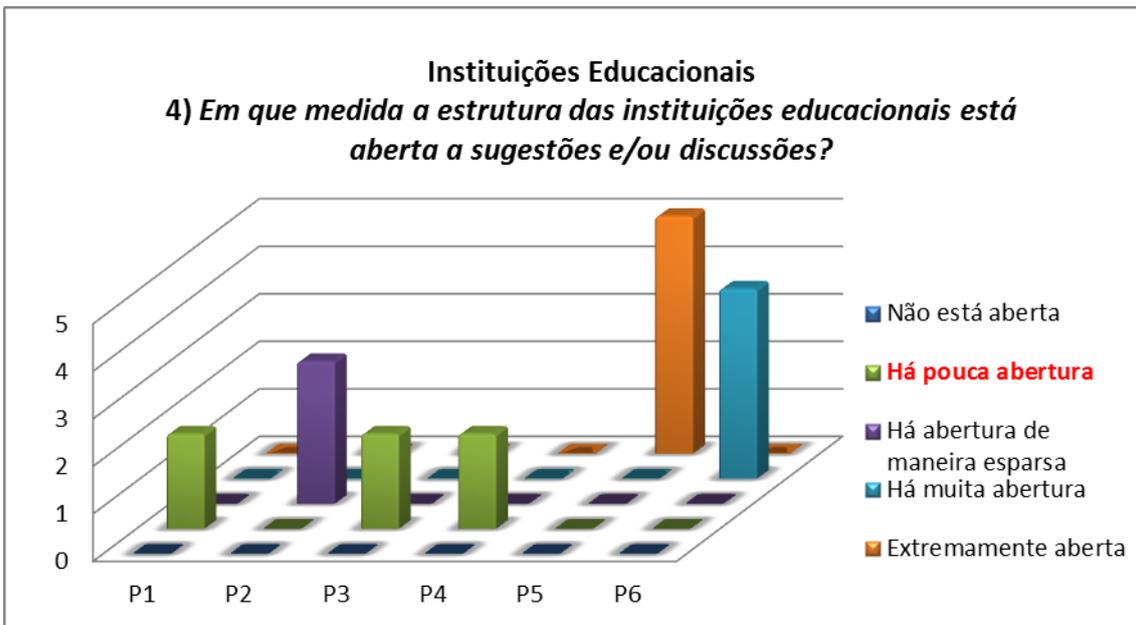


Gráfico 38 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito da abertura das instituições educacionais às sugestões/ discussões.

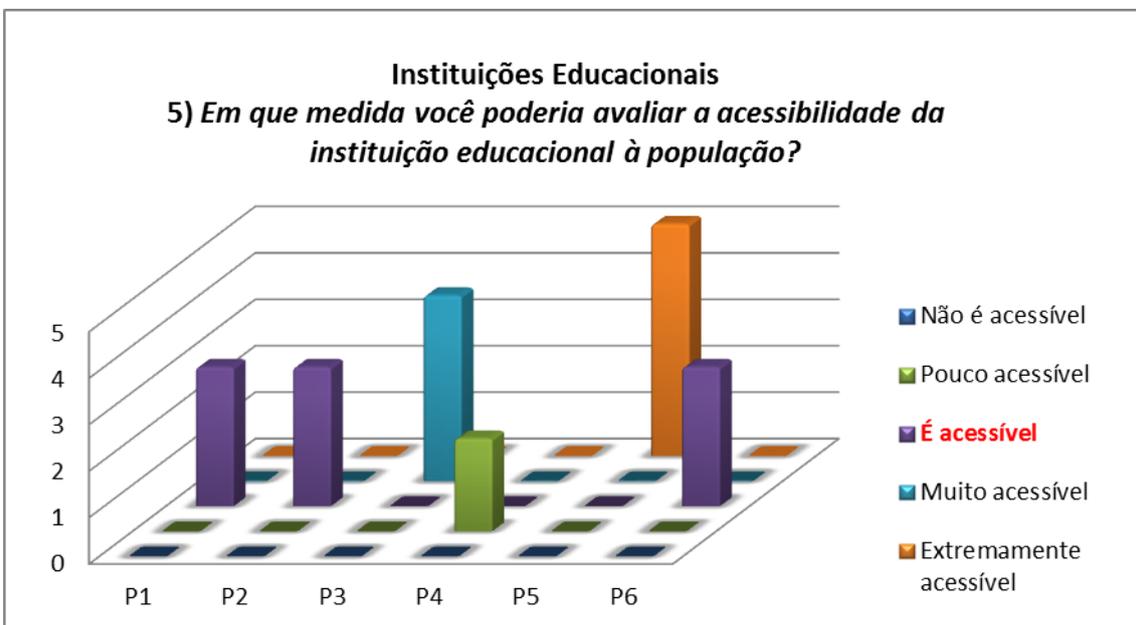


Gráfico 39 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva com relação à acessibilidade da instituição educacional.

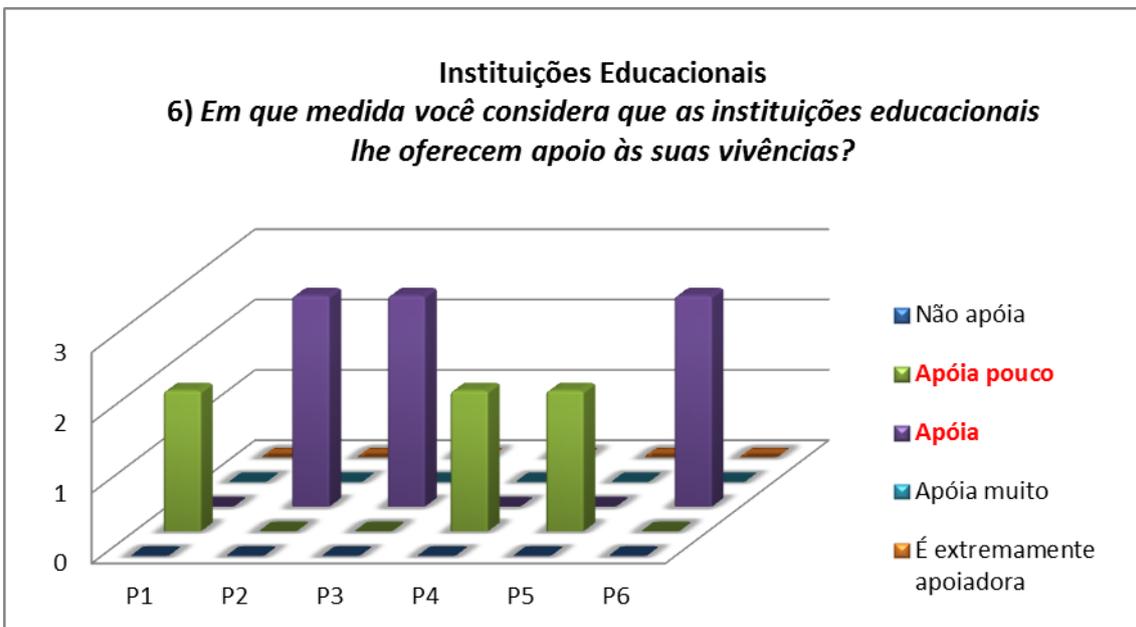


Gráfico 40 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito do apoio oferecido pelas instituições educacionais.

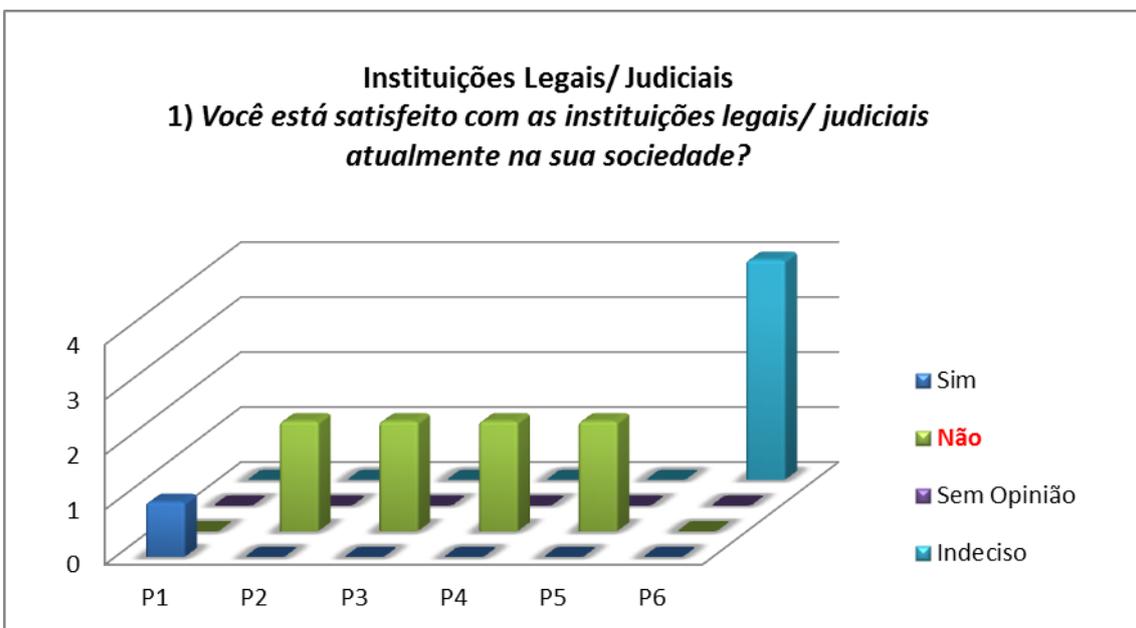


Gráfico 41 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito da satisfação com as instituições legais/ judiciais.

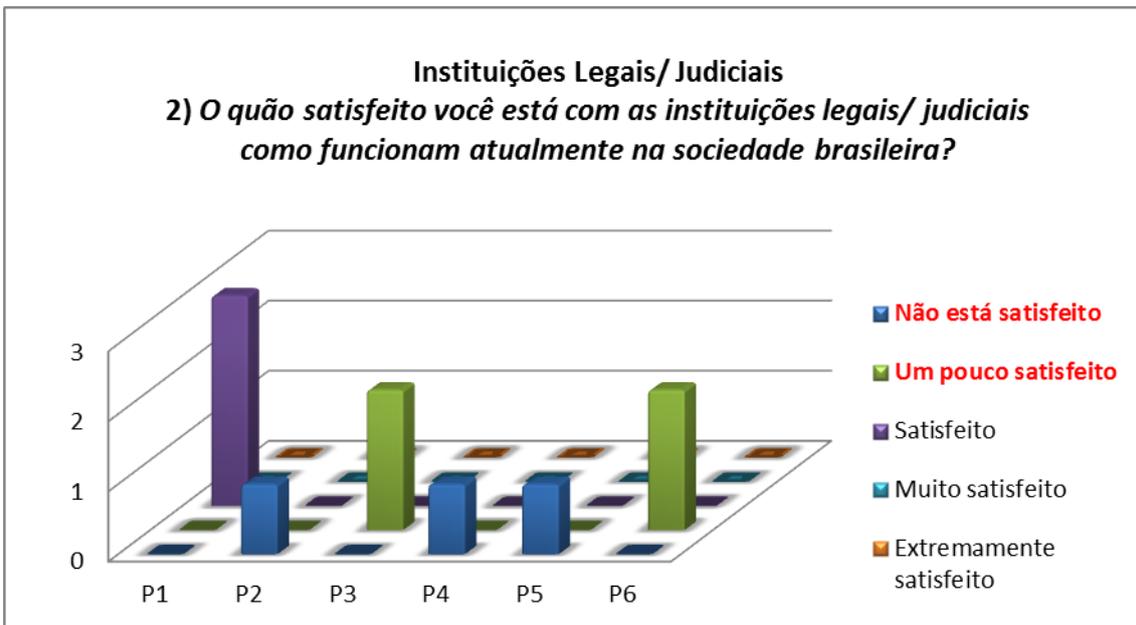


Gráfico 42 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito da satisfação com as instituições legais/ judiciais.

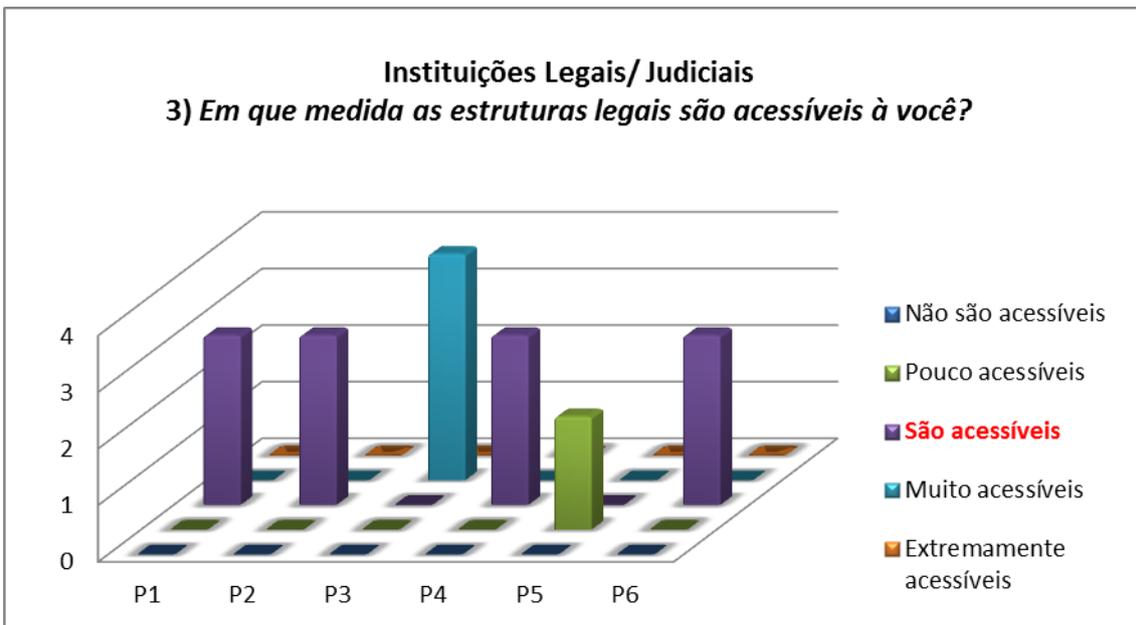


Gráfico 43 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva sobre a acessibilidade oferecida pelas instituições legais/ judiciais.

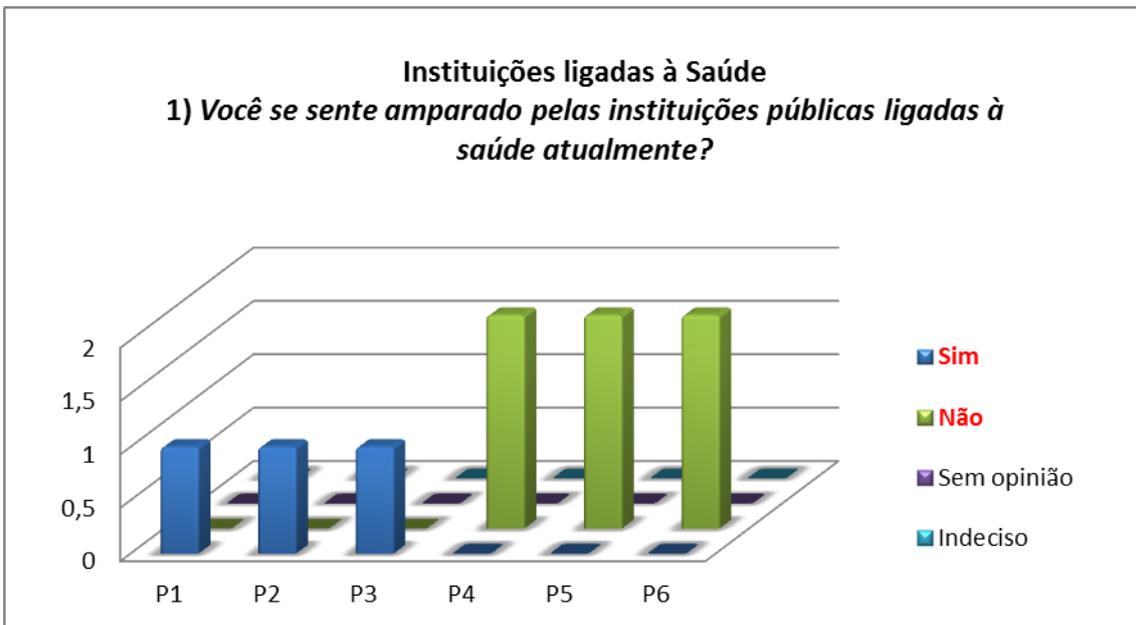


Gráfico 44 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito do amparo oferecido pelas instituições públicas de saúde.

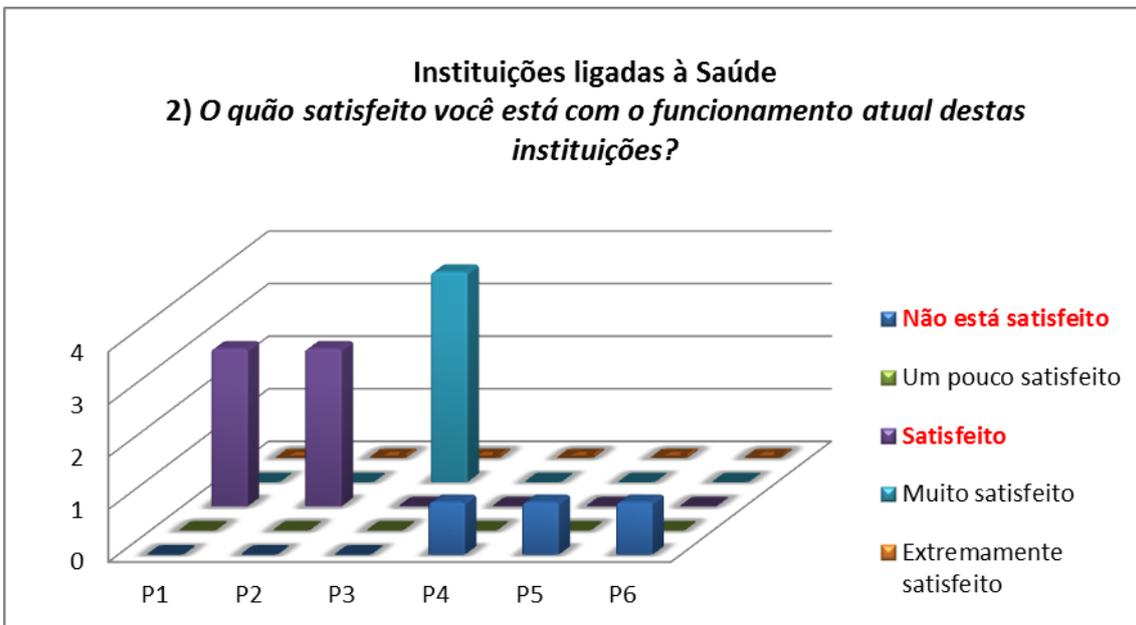


Gráfico 45 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva sobre a satisfação nessas instituições ligadas à saúde pública.

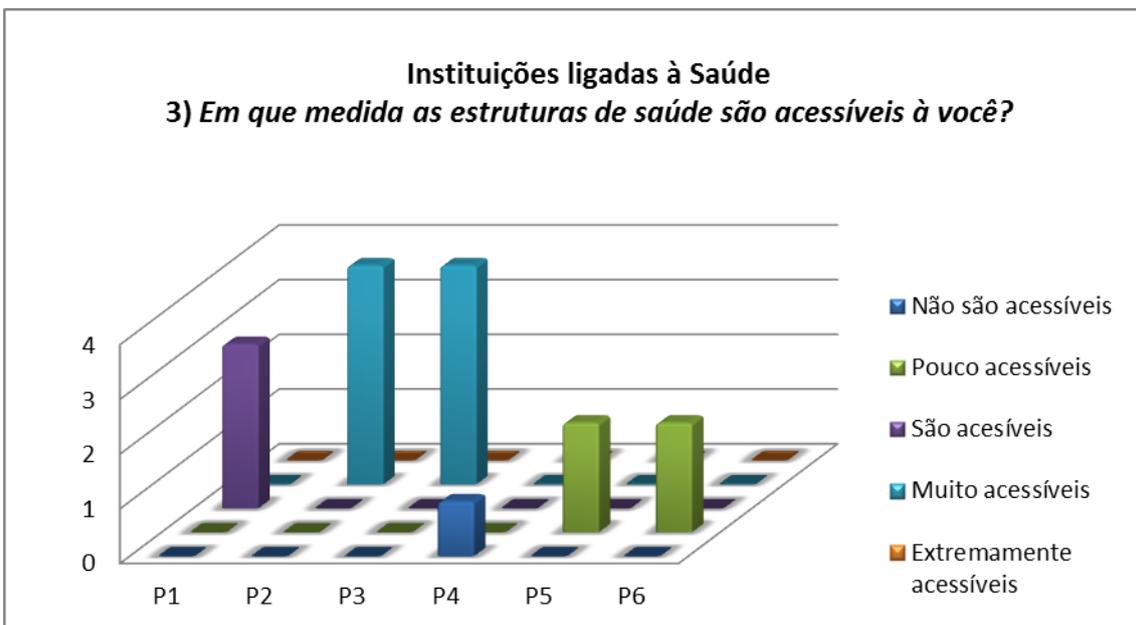


Gráfico 46 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito da acessibilidade das instituições públicas de saúde.

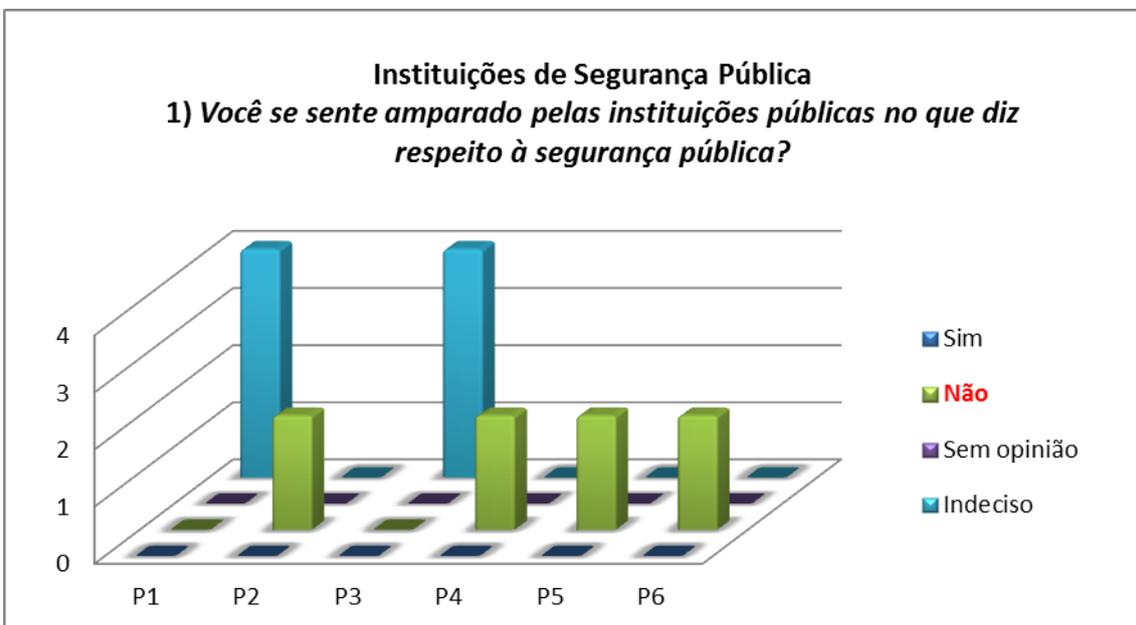


Gráfico 47 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva sobre o amparo oferecido pelas instituições de segurança pública.

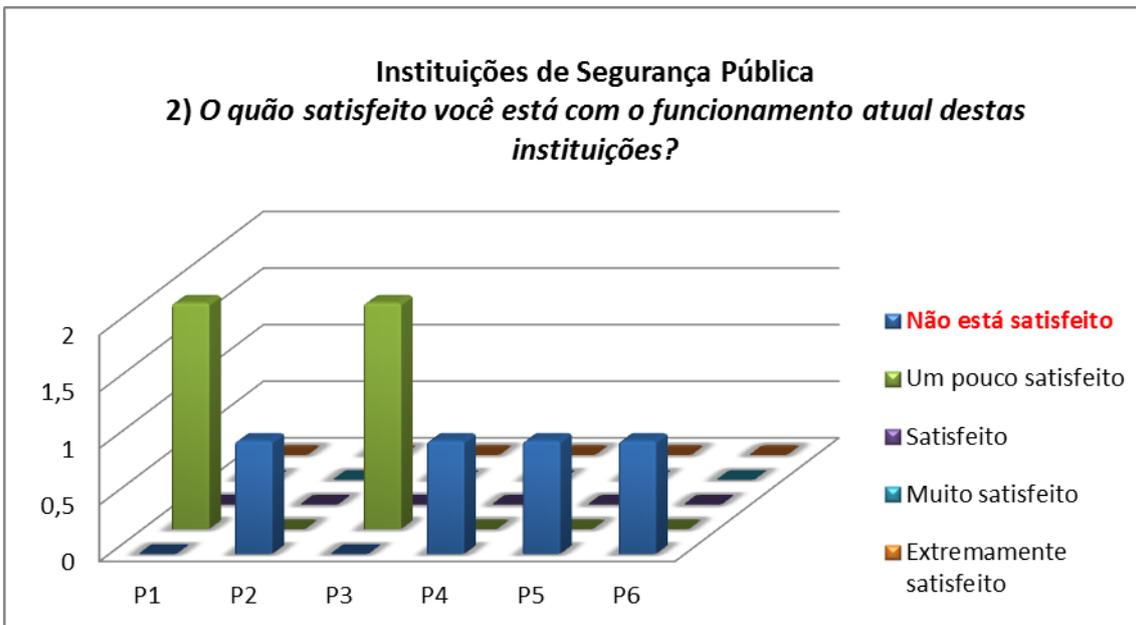


Gráfico 48 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva sobre a satisfação nestas instituições de segurança pública.

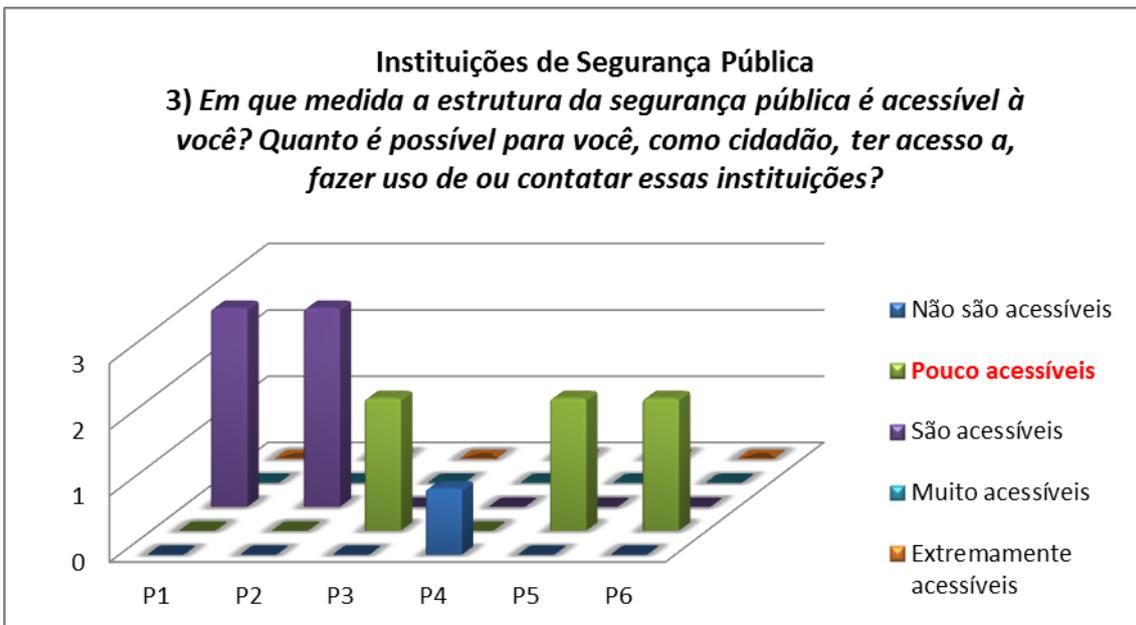


Gráfico 49 – Resposta dos professores, coordenadores e equipe diretiva a respeito da acessibilidade oferecida pelas instituições de segurança pública.

